C 2-1

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

EMPREGO DA CAVALARIA

2ª Edição
1999

C 2-1

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

EMPREGO DA CAVALARIA

2ª Edição
1999

Preço: R$

CARGA

EM.....

PORTARIA Nº 112-EME, DE 06 DE DEZEMBRO DE 1999

Aprova o Manual de Campanha C 2-1 - Emprego da Cavalaria, 2ª Edição, 1999.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91 das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA CORRESPONDÊNCIA, PUBLICAÇÕES E ATOS NORMATIVOS NO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, aprovadas pela Portaria Ministerial Nº 433, de 24 de agosto de 1994, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha **C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA**, 2ª Edição, 1999.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogar o Manual de Campanha C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA, 1ª Edição, 1981, aprovado pela portaria Nº 049-EME, de 28 de setembro de 1981.

Gen Ex EXPEDITO HERMES RÊGO MIRANDA
Chefe do Estado-Maior do Exército

NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o artigo 78 das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA CORRESPONDÊNCIA, PUBLICAÇÕES E ATOS NORMATIVOS NO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, utilizando-se a carta-resposta constante do final desta publicação.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

		Prf	Pag
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO		1-1 a 1-5	1-1
CAPÍTULO 2 - A CAVALARIA			
ARTIGO I - Generalidades		2-1	2-1
ARTIGO II - Fundamentos do Emprego da Cavalaria ..		2-2 a 2-4	2-18
ARTIGO III - Concepção de Emprego da Cavalaria		2-5 a 2-7	2-23
ARTIGO IV - Bases de Organização da Cavalaria		2-8 e 2-9	2-27
CAPÍTULO 3 - MISSÕES DA CAVALARIA			
ARTIGO I - Generalidades		3-1	3-1
ARTIGO II - Reconhecimento		3-2 e 3-3	3-2
ARTIGO III - Segurança		3-4 a 3-8	3-4
ARTIGO IV - Operações Ofensivas		3-9 a 3-12	3-7
ARTIGO V - Operações Defensivas		3-13 a 3-15	3-12
CAPÍTULO 4 - AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES			
ARTIGO I - Introdução		4-1	4-1
ARTIGO II - Vigilância de Combate		4-2	4-1

		Prf	Pag
ARTIGO	**III -** Substituição em Posição, Ultrapassagem e Acolhimento	4-3 a 4-6	4-2
ARTIGO	**IV** - Segurança de Área de Retaguarda	4-7 e 4-8	4-4
ARTIGO	**V -** Junção	4-9 e 4-10	4-6
CAPÍTULO	**5 - OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE**		
ARTIGO	**I -** Introdução	5-1	5-1
ARTIGO	**II** - Operações em Regiões de Serras e Terrenos Montanhosos	5-2 e 5-3	5-2
ARTIGO	**III -** Operações em Regiões de Mata Densa e de Selva	5-4 a 5-6	5-3
ARTIGO	**IV** - Operações na Caatinga	5-7 e 5-8	5-7
ARTIGO	**V -** Operações em Regiões Contaminadas com Agente QBN	5-9 e 5-10	5-8
CAPÍTULO	**6 - OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS**		
ARTIGO	**I -** Operações Aeroterrestres	6-1 e 6-2	6-1
ARTIGO	**II** - Operações Aeromóveis	6-3 e 6-4	6-2
ARTIGO	**III -** Operações de Transposição de Cursos de Água	6-5 e 6-6	6-3
ARTIGO	**IV** - Operações em Áreas Fortificadas	6-7 e 6-8	6-5
ARTIGO	**V -** Operações em Áreas Edificadas (Localidades)	6-9 e 6-10	6-6
ARTIGO	**VI** - Operações Anfíbias	6-11	6-7
CAPÍTULO	**7 - A CAVALARIA BLINDADA**		
ARTIGO	**I -** Características, Possibilidades e Limitações	7-1 a 7-3	7-1
ARTIGO	**II** - Organização dos Meios	7-4 a 7-6	7-5
ARTIGO	**III -** Emprego nas Operações	7-7 a 7-11	7-7

		Prf	Pag
CAPÍTULO 8 - A CAVALARIA MECANIZADA			
ARTIGO I -	Características, Possibilidades e Limitações	8-1 a 8-3	8-1
ARTIGO II -	Organização dos Meios	8-4 a 8-6	8-4
ARTIGO III -	Emprego nas Operações	8-7 a 8-10	8-7
CAPÍTULO 9 - A CAVALARIA PÁRA-QUEDISTA			
ARTIGO I -	Características, Possibilidades e Limitações	9-1 a 9-3	9-1
ARTIGO II -	Organização dos Meios	9-4	9-3
ARTIGO III -	Emprego nas Operações	9-5 e 9-6	9-4
CAPÍTULO 10 - A CAVALARIA DE GUARDA			
ARTIGO I -	Características, Possibilidades e Limitações	10-1 a 10-3	10-1
ARTIGO II -	Organização dos Meios	10-4	10-3
ARTIGO III -	Emprego nas Operações	10-5 e 10-6	10-4
ANEXO A - GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS			A-1

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1-1. FINALIDADE

a. Este manual apresenta a doutrina básica de emprego da Cavalaria e a forma como ela se insere no contexto das operações do Exército Brasileiro.

b. O C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA baseia-se nas Instruções Provisórias IP 100-1 - BASES PARA A MODERNIZAÇÃO DA DOUTRINA DE EMPREGO DA FORÇA TERRESTRE (DOUTRINA DELTA - 1ª Edição - 1997) e no Manual de Campanha C 100-5 - OPERAÇÕES (3ª Edição - 1997).

c. O Manual de Campanha C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA serve de base para a elaboração de outros manuais de campanha e instruções provisórias da Arma de Cavalaria. Ele aborda aspectos básicos da doutrina de emprego e da estrutura organizacional das brigadas, unidades e subunidades de Cavalaria, deixando os detalhes para outros manuais específicos.

d. Este manual aborda, sucintamente, a história da Cavalaria e a evolução da Arma de Cavalaria no Brasil. Estas considerações foram inseridas neste manual de campanha por serem consideradas de fundamental importância para a compreensão do "espírito de corpo da Arma" e para o "correto entendimento do papel da Cavalaria no combate", desde os seus primórdios à atualidade.

1-2. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. Desde as suas origens a Cavalaria tem passado por inúmeras modificações, adaptando-se aos avanços tecnológicos da humanidade e às modificações da Arte da Guerra. Esta influência da tecnologia sobre a Arma pode ser avaliada pela gama de meios de combate utilizados desde a antigüidade: plataformas, carros de guerra, elefantes, cavalos, carros blinda-

dos, carros de combate e, em alguns exércitos, helicópteros. Estes meios condicionaram a sua doutrina de emprego e as suas possibilidades operacionais e limitações.

b. Em determinados períodos da história, o combate adquiriu características especiais, influenciado por novas descobertas ou sofisticações tecnológicas, que deram aos exércitos vantagens táticas ou estratégicas, modificando as formas de combater. Os cavalarianos, atentos a estas modificações, conduziram a Arma ao longo dos séculos, evoluindo e aprimorando suas táticas de combate e sua doutrina de emprego, adaptando seu equipamento e meios de transporte às evoluções que surgiam. Aqueles que não souberam acompanhar a evolução da arte da guerra, não acreditaram nas mudanças que ocorriam nos campos de batalha ou se apegaram demasiadamente às tradições e a seus paradigmas, foram inexoravelmente destruídos ou viram suas unidades serem extintas ou absorvidas por outras Armas, por serem consideradas inúteis e antiquadas ante o aparecimento de novos meios e formas de combate. A Cavalaria é a **"Arma da Tradição"** e a tradição na Cavalaria significa a **"constante evolução doutrinária"**.

c. A doutrina militar terrestre passou por profundas e radicais modificações nas últimas três décadas do século XX, alterando quase que completamente as feições do campo de batalha tradicional, adaptando-se à natureza dos conflitos, às possibilidades tecnológicas do presente e libertando-se de velhos dogmas. Este grande avanço doutrinário baseou-se nas experiências de combate obtidas nos conflitos Árabe - Israelenses, no Vietnã e no Golfo Pérsico, que se caracterizaram pelo intenso uso de equipamentos de sofisticada tecnologia, armamentos de elevada letalidade e precisão e pela ampla utilização do espectro eletromagnético.

d. Neste novo campo de batalha do final do século XX e início do século XXI, cresce de importância a figura do chefe militar, o adestramento adequado dos quadros e da tropa, assim como a disponibilidade dos mais modernos meios de combate. A vitória final será alcançada por aqueles que possuírem em elevado grau a liderança e o espírito ofensivo, souberem conquistar e manter a iniciativa, possuírem capacidade para conceber e executar com rapidez as operações, tiverem a necessária flexibilidade para alterar atitudes, missões e a constituição de suas forças, souberem, com maestria, sincronizar as ações no tempo, no espaço e na finalidade, possuírem elevada capacidade de decisão e conseguirem transmitir com clareza e objetividade o conceito das operações e a intenção dos comandantes.

e. A doutrina de emprego da Cavalaria Brasileira foi influenciada decisivamente neste final de século XX, por três novos conceitos doutrinários: o **"COMBATE MODERNO"**, a **"DOUTRINA DELTA"** e a **"GUERRA DE MOVIMENTO"**. Esses conceitos irão repercutir sobre as três grandes vertentes da doutrina de emprego da Arma: o **"COMO COMBATER"** (doutrina dos manuais de campanha), o **"COM QUEM COMBATER"** (quadro de efetivos dos quadros de organização das unidades e subunidades - QE/QO) e o **"COM O QUE COMBATER"** (quadro de distribuição de material dos quadros de organização das unidades e subunidades – QDM/QO).

1-3. O COMBATE MODERNO (Fig 1-1)

O grande desenvolvimento tecnológico aplicado à arte da guerra no final do século XX, fez com que surgisse, nos campos de batalha, um novo tipo de combate, que se convencionou chamar de “combate moderno“, caracterizado pelo(a):

a. maior mobilidade das forças no campo de batalha;

b. maior necessidade de informações e segurança;

c. maior rapidez das operações;

d. sincronização das ações;

e. combate continuado;

f. frentes não-lineares;

g. utilização de armamentos e equipamentos modernos, de alto desempenho, mais leves e eficientes;

h. exigência de maior liderança, iniciativa, agilidade, sincronização e capacidade de gerenciamento de informações pelos comandantes em todos os níveis;

i. uso intensivo da guerra eletrônica e a conseqüente limitação de emprego dos meios de comunicações;

j. consolidação do conceito de forças-tarefas, fundamental para assegurar a vitória no combate.

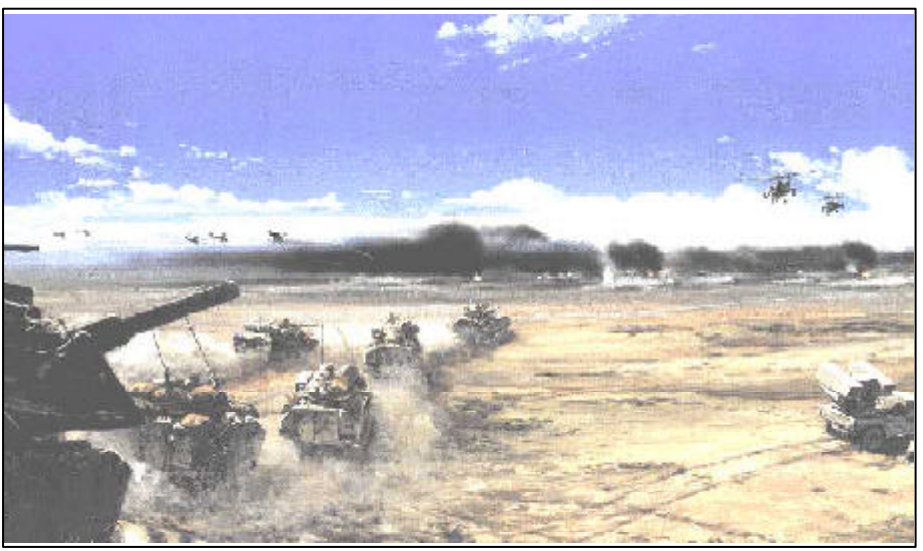


Fig 1-1. A Cavalaria e o Combate Moderno

1-4. A DOUTRINA DELTA

a. A Doutrina Delta é uma nova concepção doutrinária do Exército Brasileiro, orientada para a guerra limitada, do tipo convencional, ao nível da estratégia operacional, em área operacional do continente (excluída a área estratégica Amazônica) e no âmbito da defesa externa.

b. Esta concepção doutrinária é um objetivo a ser perseguido, é um farol a orientar o preparo e o emprego, o desenvolvimento e as aquisições de equipamentos e armamentos para a Força Terrestre e, em particular, a doutrina de emprego, as estruturas organizacionais, a instrução e o adestramento das grandes unidades, unidades e subunidades de Cavalaria. Ela caracteriza-se pela(o):

(1) condução de combate ofensivo, com grande ímpeto e valorização da manobra;

(2) realização de ações simultâneas em toda a profundidade do campo de batalha e combate não-linear;

(3) busca do isolamento do campo de batalha com ênfase na destruição do inimigo;

(4) priorização das manobras de flanco;

(5) emprego do máximo poder relativo de combate no momento e local decisivos;

(6) combate continuado, com máxima utilização das operações noturnas, das incursões e de ataques de oportunidade;

(7) valorização da infiltração como forma de manobra;

(8) busca da iniciativa, da rapidez, da flexibilidade e da sincronização das operações;

(9) valorização dos princípios do objetivo, ofensiva, manobra, massa e surpresa;

(10) mínimo de perdas para as nossas forças;

(11) decisão da batalha no mais curto prazo.

1-5. A GUERRA DE MOVIMENTO

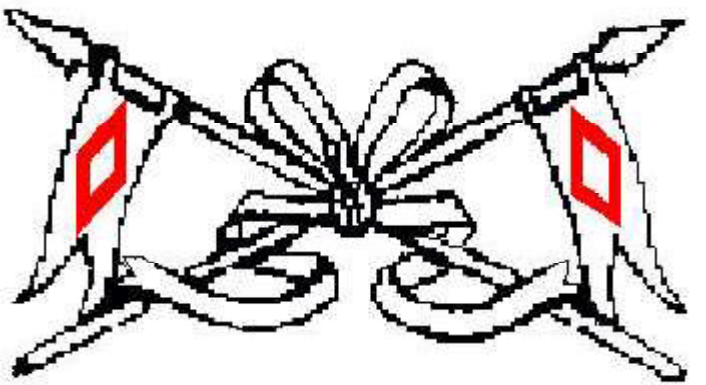
a. A Guerra de Movimento é um conceito operacional básico do Exército Brasileiro, condicionado pelos perfis dos prováveis conflitos em Áreas Operacionais do Continente (AOC). Este conceito preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas. A aplicação desse conceito operacional deverá resultar num quadro tático caracterizado pelo grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os escalões e níveis de comando.

b. A conquista e a manutenção da iniciativa obrigará o inimigo a reagir às ações numa seqüência de decisões cada vez mais desordenadas e deficientes.

A pressão constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, tem sido o objetivo dos exércitos modernos.

c. A execução do combate deverá ser regida pela aplicação dos conceitos operacionais derivados do conceito de “Guerra de Movimento“. Estes conceitos, descritos no capítulo 4 do C 100-5 - Operações, são a (o):

(1) ação desbordante ou de flanco;
(2) iniciativa;
(3) seleção de frentes;
(4) flexibilidade;
(5) dissimulação;
(6) ação tridimensional;
(7) ação em profundidade;
(8) combate eletrônico;
(9) risco;
(10) combate continuado;
(11) combate não linear; e
(12) letalidade.



CAPÍTULO 2

A CAVALARIA

ARTIGO I

GENERALIDADES

2-1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ARMA

a. Origem da palavra Cavalaria

(1) Desde os tempos mais remotos o homem persegue a idéia de combater "em vantagem de posição". Isto é, de uma forma que lhe garanta mais facilidade para se bater com seu oponente.

(2) Esta vantagem de posição era obtida antigamente subindo-se em uma plataforma empurrada por outros soldados e mais tarde nos carros de guerra, elefantes, camelos ou cavalos. O idioma sânscrito, raiz de tantos outros, designava a milênios esta forma de combater em vantagem de posição como AKVA. Esta palavra designou também, em determinado período histórico, as plataformas do combate em vantagem de posição e uma lança longa utilizada pelos guerreiros que combatiam sobre as plataformas, carros de guerra e a cavalo.

(3) As plataformas deram lugar aos carros de guerra puxados por asnos selvagens e depois por cavalos domesticados. Empregou-se também para combater em vantagem de posição os elefantes e camelos e, quando o cavalo foi domado, passou a ser utilizado neste modo especial de combater. Ao final do século I DC, os carros de guerra praticamente haviam desaparecido dos campos de batalha, sendo superados pelas unidades de guerreiros montados a cavalo, que passaram a ocupar o seu lugar como força de choque em quase todos os exércitos, em função de sua maior capacidade de deslocamento a grandes distâncias e por terrenos variados.

(4) Os romanos e demais povos da antigüidade utilizaram o cavalo inteiro nas suas forças montadas. Em algum momento da história, a Cavalaria

de Roma passou a empregar o cavalo castrado, por ser mais facilmente conduzido no combate, mantendo o cavalo inteiro para outras atividades, principalmente para o esporte.

(5) Ao cavalo de combate os romanos chamaram de caballus, corruptela do original sânscrito AKVA, devido a forma de combater na qual seria empregado. Para o cavalo inteiro, animal de trabalho doméstico e esporte, mantiveram o nome original em latim, equus.

(6) A ação caldeadora do tempo, entretanto, acabou distorcendo a função etimológica inicial daquelas duas palavras. Assim, no combate, para se obter aquela vantagem de posição, se utilizava preferencialmente o animal macho, mais forte, e caballus ficou sendo a designação genérica alusiva a todo animal macho, castrado ou não, e equus a palavra para designar o animal fêmea.

(7) Essa distorção foi herdada por todos os idiomas latinos. Alguns idiomas, como os saxônicos, mantiveram-se fiéis aos conceitos primitivos. Por isso, não fazem confusão entre a forma de combater em vantagem de posição (em inglês, por exemplo, denomina-se cavalry) e o animal nela utilizado (em inglês, horse).

(8) Cavalaria, pois, como é entendido em terminologia militar, designa uma forma de combate, e essa forma utilizou no passado o cavalo, o elefante, os carros de guerra, as plataformas empurradas por soldados e, atualmente, os carros de combate, as viaturas blindadas, viaturas leves e os helicópteros.

(9) Cavalaria sempre significou uma forma de combater, AKVA. O animal, que por milênios foi empregado por ela para combater em vantagem de posição, acabou herdando-lhe o nome, caballus.

b. A evolução da Cavalaria

(1) É provável que o guerreiro montado tenha surgido por volta do século X AC, como resposta à conveniência de se obter uma posição dominante sobre o adversário, na luta corpo a corpo. A vantagem da posição garantia nos primórdios dos tempos, uma maior facilidade para derrotar o oponente.

(2) Essa categoria especial de guerreiros adquiriu ao longo dos séculos, a par da vantagem da dominância, extraordinária mobilidade e potência de choque. Utilizando inicialmente plataformas empurradas por guerreiros a pé e mais tarde carros de guerra, elefantes, camelos, cavalos, engenhos blindados e aéreos, esses guerreiros especializados vêm se constituindo, por mais de três mil anos, em parte indispensável dos exércitos.

(3) A história da Cavalaria constitui-se numa longa série de adaptações às mutáveis condições da guerra. Essa evolução de meios e de formas de emprego utilizados pela Cavalaria, representa o grande esforço despendido para a manutenção de sua mobilidade, poder de choque e flexibilidade, permitindo o seu emprego em uma grande variedade de missões.

(4) Desde os tempos mais remotos, os exércitos organizaram suas forças a cavalo em unidades leves e pesadas, buscando uma maior flexibilidade para o cumprimento das missões inerentes à Cavalaria. As unidades leves eram empregadas na busca de informações sobre o inimigo, na perseguição do inimigo batido ou para cobrir a retirada do grosso do exército no caso de um

insucesso. As unidades pesadas eram colocadas nas alas da força de infantaria, com a finalidade de atuarem sobre os flancos e retaguarda do inimigo ou contra a sua Cavalaria. Na GRÉCIA antiga, os cavaleiros das unidades pesadas eram denominados catafratas e os das unidades leves sarissóforos. Esta organização da Cavalaria, com unidades leves e pesadas, atravessou os séculos e perdura até os dias atuais.

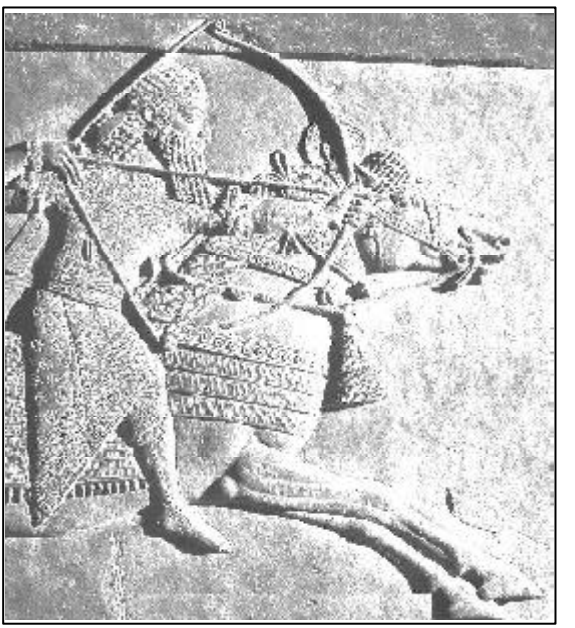


Fig 2-1. Cavaleiro assírio

(5) Nos séculos IV e III AC, ALEXANDRE empregou largamente as plataformas, os carros de guerra, elefantes e formações a cavalo como instrumentos de combate capazes de dar-lhe a vantagem da dominância, da potência de choque e da velocidade, empregando-os para romper as formações do inimigo, fustigar seus flancos e retaguarda ou levantar com maior presteza o dispositivo adversário, ainda que de maneira empírica.

(6) Foi por ocasião das Guerras Púnicas (264-201 AC) que a Cavalaria surgiu efetivamente como Arma. Nessa campanha, os cavaleiros númidas, a serviço de Cartago, ofereceram exemplos notórios do emprego judicioso desse tipo especial de combatente. O mais brilhante destes feitos ocorreu na batalha de Canes (216 AC). ANÍBAL, a despeito de sua flagrante inferioridade numérica, soube aproveitar as características de sua Cavalaria, para envolver e aniquilar as forças romanas, logrando estrondosa vitória.

(7) Ainda nesse período histórico, salientaram-se alguns grandes guerreiros asiáticos, como GENGIS-KHAN e ÁTILA, por suas expedições na Europa, conduzindo imensas hordas de cavaleiros, sem contudo sistematizar o emprego dessas forças montadas. Por volta do ano 200 AC, cavaleiros

asiáticos revolucionaram a arte da guerra introduzindo o estribo no arreamento de seus animais. Este invento permitiu ao cavaleiro um maior equilíbrio e estabilidade na sela, possibilitando o emprego do arco com maior precisão, da espada e da lança com maior letalidade.

(8) Na Idade Média a arte militar definhou. Embora a história registre algumas campanhas de vulto, como as Cruzadas e a Guerra dos Cem Anos, a batalha perdeu suas características de entrechoque de massas organizadas. As manobras, os esquemas táticos e o exercício da liderança, não prevaleceram no grande número de duelos em que se converteu o campo de batalha, nos quais, os requisitos fundamentais eram a bravura e a destreza. A Cavalaria tornou-se pesada e couraçada, perdendo velocidade e flexibilidade, características que lhe eram peculiares. Foi todavia, uma era de absoluta predominância do cavaleiro na guerra.

(9) Com o surgimento das armas de fogo, a Cavalaria teve de evoluir para uma força mais móvel que a massa dos exércitos e dotada de uma potência relativa e proporcional à da massa em cujo proveito agia. Essa evolução não se fez sem traumas e sem exageros, que levaram a Cavalaria a apear e a combater a pé, valorizando excessivamente a importância do fogo nos campos de batalha da época, representando o abandono da mobilidade da Arma e do seu espírito ofensivo.

(10) No final do século XV surgiram as primeiras unidades de Cavalaria equipadas com armas de fogo. No século seguinte a Arma passou a ser organizada basicamente com três tipos de unidades: de couraceiros (a cavalaria pesada), de hussardos (de lanceiros, caçadores, carabineiros ou ulanos, a cavalaria ligeira) e de dragões (cavalaria pesada, apta a combater a pé e a cavalo).

(11) O espírito da Arma seria revivido na Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648). O General francês Príncipe CONDÉ, diante de uma situação desesperada, na batalha de Recroi (1643), lançou seus esquadrões sobre as alas e a retaguarda do dispositivo inimigo, destroçando o escol da infantaria espanhola. Nesta mesma guerra, GUSTAVO ADOLFO, rei da SUÉCIA, emprega sua Cavalaria em missões de reconhecimento, ação de choque e na perseguição, obtendo êxitos significativos, como na Batalha de Breitenfeld (Leipzig).

(12) Estas inovações, entretanto, não foram absorvidas por todos os exércitos da época, que continuaram a empregar suas Cavalarias com armas de fogo, numa ação denominada de “caracol”, que consistia em carregar sobre o inimigo, disparar as armas de fogo a determinada distância, voltar rapidamente à retaguarda para carregá-las com vistas a desenvolver novamente a mesma ação.

(13) No século XVIII, a saturação do fogo no campo de batalha tornara cada vez mais penoso o combate frontal, fazendo, com isso, crescer a importância da manobra de ala, na busca dos flancos e da retaguarda do inimigo. A Cavalaria do exército de FREDERICO II “o Grande”, rei da PRÚSSIA, passou a constituir-se em modelo para muitos exércitos europeus, principalmente após a Guerra dos Sete Anos, onde liderada pelos generais von SEYDLITZ e von ZIETEN alcançou expressivas vitórias. Essa nova concepção da guerra, da qual Napoleão foi mestre insuperável, favoreceu grandemente o

emprego da Cavalaria.

(14) Napoleão constituiu grandes massas de Cavalaria e empregou-as em missões de reconhecimento e segurança, de forma a conhecer as intenções do inimigo e, assim, prover-se da indispensável liberdade para tomar sua própria decisão. Durante a batalha fixava o adversário para, a seguir, envolvê-lo e desorganizá-lo, obrigando-o a empregar suas reservas. Ao primeiro sinal de perda da capacidade de reação do inimigo, dirigia o esforço decisivo para o ponto de ruptura e culminava a batalha com tenaz perseguição, aproveitando o êxito. Assim foi em Marengo, Austerlitz, Jena, Wagran, Eylan e em tantos outros combates, onde a Cavalaria francesa dos generais Príncipe MURAT e Conde LASALLE cobriu-se de glórias.

Fig 2-2. Entreveiro de carabineiros franceses e hussardos russos, batalha de Borodino

(15) Coube a NAPOLEÃO definir o emprego clássico da Cavalaria e atribuir-lhe as missões que caracterizaram, até os dias atuais, a sua atuação:

(a) criar uma rede de segurança em torno do exército;

(b) cobrir a marcha dos exércitos;

(c) desvendar, desde o mais longe possível, os movimentos do inimigo e dificultá-los;

(d) atuar sobre a retaguarda do inimigo, seus comboios e linhas de comunicação;

(e) realizar incursões profundas sobre objetivos bem definidos;

(f) conter a Cavalaria inimiga;

(g) intervir na batalha; e

(h) perseguir e completar a destruição do inimigo batido, impedindo a sua reorganização.

(16) Passado o período áureo da era napoleônica, nova crise se apresentou com o surgimento das armas raiadas e do canhão de retrocarga. Essas inovações, aumentando a rapidez e precisão do tiro, iriam induzir, na Cavalaria, exagerada preocupação com a segurança.

(17) No início da Guerra Franco – Prussiana (1870 – 1871), a Cavalaria foi empregada muito próxima da infantaria, ou mesmo a reboque desta,

perdendo muito da sua capacidade ofensiva e da mobilidade que lhe era característica. Essa letargia vai ser sacudida, no final da campanha, pela Cavalaria alemã em Metz. A força alemã, desgastada e frente a tropas francesas mais numerosas e vantajosamente dispostas, encontrava-se em vias de ser derrotada. O comandante alemão decidiu, então, empregar sua Brigada de Cavalaria, perfeitamente coberta das vistas do inimigo, realizando um movimento desbordante, para cair de surpresa sobre a infantaria e artilharia francesas, aniquilando-as com fulminante carga.

(18) Durante o período 1871 – 1914, os exércitos preocuparam-se em explorar as possibilidades que se abriam com os novos armamentos. Alguns cavalarianos, embalados pelas glórias do passado, novamente relutavam em admitir a necessidade de introduzir modificações substanciais no emprego da Arma montada. Assim é que, imbuída do espírito do século anterior, a Cavalaria chega à 1ª Guerra Mundial, ansiosa por reeditar suas gloriosas cargas.

(19) Outro porém era o campo de batalha, dominado pelo matraquear das metralhadoras e a explosão das granadas. A infantaria, menos vulnerável às armas de tiro tenso que a Cavalaria, viu-se forçada a enterrar-se nas trincheiras, que se estendiam dos Voges até o Mar do Norte. Os exércitos oponentes mantinham-se estáticos, tendo a separá-los uma faixa de terreno constantemente batida por fogos. Neste cenário, pouco havia para fazer com uma Arma de vocação ofensiva e manobreira. A maior parte da Cavalaria passou a combater a pé, cavando trincheiras, lançando granadas e batendo-se à baioneta. As unidades passaram a receber equipamento mais pesado e incorporaram frações de petrechos e de sapadores.

(20) Ainda durante a 1ª Guerra Mundial surgiu um novo engenho que, progressivamente, iria revolucionar a arte da guerra – o carro de combate. Este novo meio de combate viria, mais tarde, devolver à Cavalaria sua mobilidade e potência de choque. (Fig 2-3)

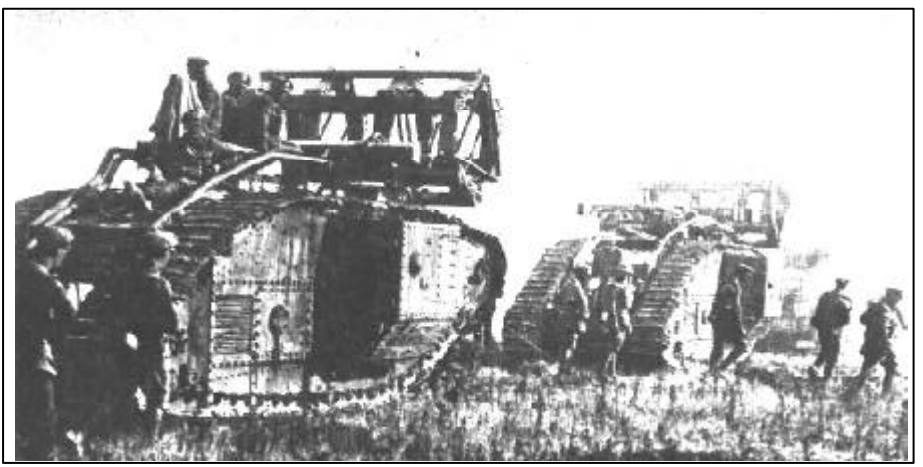


Fig 2-3. Carros de combate na 1ª Guerra Mundial

(21) No período entre os dois grandes conflitos mundiais, os cavalarianos de todo o mundo vacilaram entre preservar a Cavalaria dotada de seu meio tradicional de transporte, o cavalo, ou adotar a mecanização total de suas unidades. Os grandes estudiosos da guerra, porém, de pronto vislumbraram nos carros de combate, os herdeiros e continuadores naturais, da gloriosa Cavalaria hipomóvel. Esta indecisão, provocada pelo apego às tradições e aos dogmas do passado, ou mesmo por conservadorismo exagerado e medo do progresso e da evolução, fez com que em alguns países, os cavalarianos, priorizando os meios às missões tradicionais, esquecessem a história da Arma e a necessidade de sua contínua evolução. Em determinados exércitos, em face à intransigência dos cavalarianos em substituírem o cavalo pelo carro de combate, a Arma de Cavalaria foi extinta, sendo criada uma outra Arma, dotada de modernos meios blindados, para cumprir, entretanto, as mesmas antigas e tradicionais missões da Cavalaria.

(22) Durante a 2ª Guerra Mundial, registraram-se, ainda, o emprego de massas de Cavalaria a cavalo na POLÔNIA e na RÚSSIA. Entretanto, o aperfeiçoamento do carro de combate e das viaturas blindadas fez com que eles passassem a predominar na maior parte dos teatros de operações, impondo-se como principal meio de combate dos exércitos e da Cavalaria. Neste conflito destacaram como grandes condutores de forças blindadas os generais alemães GUDERIAN, ROMMEL, MANSTEIN e von THOMA, o norte – americano PATTON, o britânico MONTGOMERY e o russo ZHUKOV, além de outros tantos que delinearam os fundamentos e a forma de emprego das modernas formações blindadas. (Fig 2-4)

(23) Mais uma vez adaptando-se aos novos tempos e à evolução do material e da doutrina, a Cavalaria substitui o cavalo pelos carros de combate, retornando, assim, às suas antigas plataformas, agora blindadas e motorizadas, restaurando o seu poder de choque, aumentando a potência de fogo e a mobilidade no campo de batalha.

Fig 2-4. Combate de blindados na 2ª Guerra Mundial

(24) O carro de combate assumiu a grande maioria das missões que eram executadas no passado pela Cavalaria pesada. Estes modernos "couraceiros" passaram a sintetizar o poder de choque e a capacidade de destruição de forças inimigas nos exércitos modernos. As unidades equipadas com viaturas blindadas mais leves, assumiram o papel dos antigos "lanceiros, ulanos e hussardos", cumprindo missões de reconhecimento e segurança para seus exércitos. Os atuais fuzileiros blindados da moderna Cavalaria podem ser comparados aos antigos "dragões", combatentes adestrados para o combate a pé ou montado (embarcado).

c. A Cavalaria no Brasil

(1) Em meados do século XVI são lançados os fundamentos das instituições militares nacionais. O Regimento dado a Tomé de Souza, em 7 de janeiro de 1549, determinava a criação de uma "milícia colonial", uma guarda militar da colônia a ser integrada por todos os colonos, que deveriam manter-se convenientemente armados à própria custa. À esta guarda territorial deveria sobrepor-se uma força militar regular, inicialmente de infantaria, que funcionaria como elemento aglutinador.

(2) Esta milícia dos primórdios do BRASIL não possuía organização rígida. Em caso de necessidade ou de ataque às povoações, os milicianos eram reunidos pelos donatários das capitanias ou pelo Governador Geral para enfrentar os indígenas, piratas e estrangeiros invasores. A quase totalidade dos colonos combatia a pé, pois os cavalos eram escassos e muito caros, não sendo possível ainda a organização de forças permanentes de Cavalaria. Somente alguns senhores de engenhos, fidalgos e altos funcionários da Coroa podiam dispor de animais para sua locomoção e emprego em combate.

(3) Os primeiros registros do emprego do cavalo em combate no BRASIL constam das crônicas sobre as guerras movidas pelos Governadores Gerais contra as nações indígenas na Bahia e Espírito Santo, no século XVI. Um pequeno contingente de milicianos a cavalo participou do Combate de Porto Grande, próximo a Pirajá na Bahia, em 26 de maio de 1555, contribuindo para dispersar os indígenas que haviam atacado um engenho. Na Guerra do Paraguassú, movida por Mem de Sá entre 1558 e 1559 contra os Tupiniquins, pela primeira vez na colônia um combate foi decidido mediante o emprego de uma pequena tropa de Cavalaria. Em 28 de setembro de 1559, uma força de milicianos a cavalo participa do ataque ao segundo maior reduto tupiniquim, levando o terror aos indígenas, contribuindo decisivamente para a derrocada dos defensores, sendo lançada logo a seguir, na perseguição aos fugitivos.

(4) No século XVII, existiram nas capitanias do nordeste diversas Companhias de Cavalaria de Milícias, distribuídas pelas freguesias e na guarda dos governadores. Algumas destas companhias vão se destacar na Restauração Pernambucana, durante a guerra contra os holandeses. Sob o comando do Capitão ANTÔNIO SILVA, um esquadrão de cavalaria participa da 1ª Batalha de Guararapes, em 19 de abril de 1648, contribuindo para a retomada das posições do terço de Henrique Dias. Em 19 de fevereiro de 1649, na 2ª Batalha de Guararapes, as companhias de cavalaria dos Capitães ANTÔNIO SILVA e MANOEL DE ARAÚJO MIRANDA, são lançadas contra o centro do dispositivo

holandês, concorrendo para a derrota dos batavos.

(5) Consolidada a posse do nordeste pelos portugueses no século XVII, a estrutura militar lá existente entra em declínio. No século XVIII desloca-se para o sul o interesse da política militar no Brasil, tanto do ponto de vista das necessidades internas como no das relações internacionais. No começo desse século, assume a Capitania de Minas Gerais uma maior importância para a Coroa, devido às suas lavras auríferas e garimpos diamantíferos.

(6) O emprego da Cavalaria no BRASIL durante o período colonial restringiu-se, inicialmente, à limitada atuação das forças milicianas durante os séculos XVI e XVII, em face da grande dificuldade para a manutenção de unidades a cavalo nos primórdios de nossa história. Este quadro será alterado no século XVIII com a criação das unidades de Dragões e da Cavalaria Auxiliar. Em Minas Gerais, os Dragões são criados como tropa regular e disciplinada, encarregada dos serviços de guarda, dos registros, patrulhas, destacamentos e para outros serviços diversos e, sobretudo, para fazer respeitar as leis e a autoridade do governo, devendo marchar em caso de guerra, para onde este socorro fosse preciso. No Sul, a história das lutas no Prata e da formação do Rio Grande do Sul vão se confundir com a própria história dos Dragões e da Cavalaria Auxiliar.

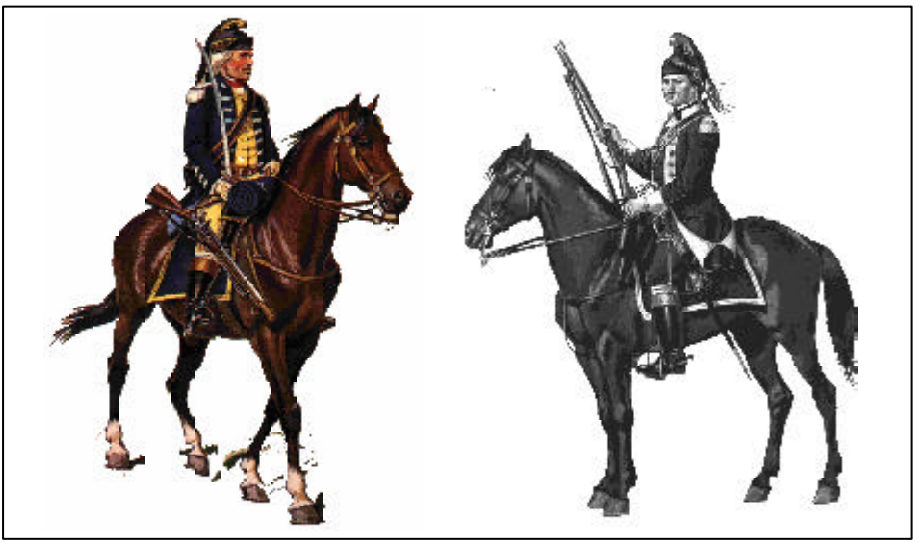


Fig 2-5. Regimento de Dragões do Rio Grande

(7) No século XVIII são criados no BRASIL os primeiros corpos de Cavalaria regular e auxiliar. Surgem, assim, em Minas Gerais, duas Companhias de Cavalaria criadas em 20 de junho de 1712 e a Companhia de Dragões criada em 1729, que em 1775 vão dar origem ao Regimento de Cavalaria de Vila Rica. No Rio Grande do Sul são criados o Regimento de Dragões do Rio Grande em 1736 (Fig 2-5) e o Regimento de Cavalaria Auxiliar e o Esquadrão de Voluntários em 1770. Em São Paulo é organizado em 1775 o Regimento de

Cavalaria de Voluntários Reais, depois Cavalaria da Legião de São Paulo. No Rio de Janeiro surgem as duas Companhias da Guarda dos Vice-Reis, criadas a partir de 1765 e transformadas logo depois em Esquadrão da Guarda dos Vice-Reis. Foram criados, ainda, o Regimento de Cavalaria Auxiliar do Piauí, a Companhia de Dragões de Cuiabá, a Companhia de Dragões de Goiás e as Companhias de Cavalaria da Guarda do Governador da Bahia e do General em Pernambuco.

(8) Em 1808, a Corte Portuguesa instala-se no BRASIL e várias providências são tomadas para reorganizar e tornar mais eficiente o Exército do Brasil. Foram criadas no primeiro quartel do século XIX diversas unidades, destacando-se para a Cavalaria a criação do 1º Regimento de Cavalaria do Exército, Regimento de Dragões de Montevidéo, Regimento de Dragões da União, Esquadrão de Cavalaria da Cidade de São Paulo, Esquadrão de Cavalaria do Pará, Companhia de Cavalaria da Legião da Bahia, Companhia de Cavalaria da Legião do Mato Grosso e o Corpo de Cavalaria da Província de Pernambuco.

(9) No período do Brasil Colônia e Brasil Reino, durante a consolidação das fronteiras no Sul, os Dragões do Rio Grande (depois Rio Pardo), a Legião de Tropas Ligeiras e a Cavalaria Auxiliar escreveram páginas repletas de heroísmo e sacrifício nas campanhas realizadas na Bacia do Prata. Estiveram presentes em 1762 – 63 e 1773 – 74, nas campanhas contra as forças invasoras espanholas, no Rio Grande do Sul; em 1775 – 76, na campanha da Reconquista do Rio Grande do Sul; em 1811 – 1812, na Campanha Pacificadora do Uruguai e em 1816 – 20, na Guerra contra Artigas. Destacaram-se nestas campanhas ilustres chefes de Cavalaria como o Brigadeiro RAFAEL PINTO BANDEIRA e o Marechal de Campo JOSÉ DE ABREU, Barão do Cerro Largo.

(10) Nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia, ocorreu uma passagem pitoresca de nossa história militar, que bem mostra a importância e o peso da participação da Cavalaria nos combates daquela época. Conta a tradição que, no combate de Pirajá, onde as forças brasileiras não dispunham de Cavalaria, quando os portugueses estavam para romper a linha brasileira, um corneteiro recebeu ordem de tocar retirada, porém, desobedecendo ao seu comandante, decidiu tocar "Cavalaria – avançar e degolar", o que teria provocado desordem nas linhas portuguesas e contribuído, a seguir, para a fuga dos adversários.

(11) Após a Independência, é criado o Exército Brasileiro (EB), passando as forças existentes por uma grande reorganização em 1824. Das unidades de Cavalaria que haviam no Brasil Reino (Exército do Brasil), foram aproveitados na 1ª Linha do Exército: o 1º Regimento de Cavalaria do Exército (Rio de Janeiro), o Regimento de Cavalaria de Minas Gerais (Ouro Preto), a Cavalaria da Legião de São Paulo e Esquadrão da Cidade de São Paulo, o Esquadrão de Voluntários da Província do Rio Grande do Sul (Jaguarão), o Regimento de Dragões do Rio Pardo, o Regimento de Dragões de Montevidéu e o Regimento de Dragões da União (Paysandú), transformados, respectivamente, nos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º Regimentos de Cavalaria. Esta organização sofreu poucas modificações até o início da Guerra do Paraguai.

Fig 2-6. Independência do Brasil (Imperial Guarda de Honra e 1º Regimento de Cavalaria do Exército - Dragões da Independência

(12) Após a Independência desapareceram os Dragões, passando toda a Cavalaria a ser classificada como Ligeira. Estas unidades eram armadas de sabre, clavina e pistola. Os corpos estacionados no Rio Grande do Sul foram classificados algumas vezes, em meados do século XIX, como Lanceiros, pelo fato de usarem a lança, arma que foi adotada somente naquela província a partir da Regência. Usaram esta arma também, o Esquadrão de Lanceiros Alemães e os Regimentos de Milícia Guaranis.

(13) Na metade do século XIX ocorreram profundas modificações na estrutura e organização do EB. Para a Cavalaria, a principal modificação foi a adoção das Instruções do Marechal BERESFORD, para emprego em campanha e nos exercícios, que perduraram durante muitas décadas no Brasil. A doutrina de emprego da Cavalaria, vigente na época, preconizava que o combate deveria ser feito sempre a cavalo. Procurava-se tirar partido da potência de choque da Arma e empregá-la ofensivamente. O ataque era a principal finalidade da Cavalaria e, na sua execução, buscava-se obter velocidade e regularidade nas cargas e nos entreveros.

(14) As mais importantes lutas travadas pelo Império do Brasil foram na região platina, em conseqüência do valor político e econômico da Bacia do Prata. Assim, foram realizadas a Guerra da Cisplatina em 1826 –28, a Campanha contra Oribe e Rosas em 1851 – 52 e a Guerra contra o Uruguai em 1864 – 65. No período entre 1865 e 1870 foi travada a maior e mais cruenta guerra do Exército Brasileiro – a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai. Nesta campanha salientaram-se a genialidade e o brilhantismo de

lendários chefes da Arma, como o Marechal MANOEL LUÍS OSÓRIO – Marquês do Herval e Patrono da Cavalaria Brasileira; o Brigadeiro JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES – Barão do Triunfo, "o bravo dos bravos do Exército Brasileiro"; o Marechal do Exército JOSÉ ANTÔNIO CORREIA DA CÂMARA – Visconde de Pelotas; o Tenente – General MANUEL MARQUES DE SOUZA e tantos outros bravos que escreveram as mais gloriosas páginas da história da Cavalaria Brasileira.

Fig 2-7. Cavalaria Ligeira - Guerra do Paraguai

(15) Participaram da Guerra do Paraguai três Regimentos de Cavalaria Ligeira (Fig 2-6) e cinco Corpos de Caçadores a Cavalo da 1ª Linha do Exército e cerca de vinte e cinco Corpos Provisórios de Cavalaria da Guarda Nacional (2ª Linha), em sua grande maioria da província do Rio Grande do Sul. Estas unidades, no auge da campanha, estavam organizadas em doze Brigadas de Cavalaria (Bda Cav), subordinadas a seis Divisões de Cavalaria (DC). Foi organizado também, na fase de operações denominada de " Dezembrada", um Corpo de Cavalaria reunindo às 2ª e 3ª DC, sob o comando do Barão do Triunfo.

(16) Memoráveis páginas da história do Exército Brasileiro foram escritas pela Cavalaria nesta campanha. A "Cavalaria dos doidos", como ficou conhecida a Cavalaria de ANDRADE NEVES, galopou vitoriosamente nas margens do Avai, na Vila do Pilar, no Estabelecimento, em Lomas Valentinas, no Arroio Hondo, em São Solano, Campo Grande e tantos outros combates onde esteve presente. Destas ações, destacam-se, dentre outras, pelas circunstâncias em que foram realizadas e pelos resultados alcançados:

(a) a magistral carga do Barão do Triunfo na retomada do Potreiro Ovelha, em 29 de outubro de 1867, onde dizimou a cavalaria e infantaria inimigas, seguindo-se a tomada de Taií, cercando os paraguaios no campo fortificado de Humaitá;

(b) o reconhecimento em força realizado pelo Brigadeiro JOÃO MANOEL MENNA BARRETO em 18 de julho de 1868, nas posições do Tebiquari, onde, com uma força de 1500 cavalarianos, reconheceu Passo Porto, Passo da Estância, Passo das Ovelhas e Passo da Fortilha, batendo o inimigo e aprisionando numeroso contingente;

(c) a intrépida e ousada ação do então Coronel CÂMARA na batalha do Avaí, em 11 de dezembro de 1868, manobrando com admirável eficiência a sua 5ª DC, salvando de um desastre certo três batalhões de infantaria do 3º Corpo de Exército;

(d) a avassaladora carga do Corpo de Cavalaria do Brigadeiro ANDRADE NEVES na batalha do Avai, em 11 de dezembro de 1868, cortando a retaguarda inimiga, impedindo a sua fuga e causando-lhe grande número de baixas. Esta carga foi a mais brilhante e de maior efetivo já realizada em batalhas na América do Sul;

(e) a notável atuação da 3ª DC na batalha de Lomas Valentinas, cortando a retaguarda inimiga e impedindo a sua fuga; e

(f) a violenta e decisiva carga da 4ª Bda Cav na batalha de Campo Grande, em 16 de agosto de 1869, contra a retaguarda paraguaia, destroçando o contra-ataque inimigo e aniquilando o seu último esforço no combate, contribuindo para a vitória naquele dia. Esta carga constitui-se em fato memorável para a Arma de Cavalaria, pois foi a última vez que uma força ponderável a cavalo do Exército Brasileiro realizou uma carga, influenciando decisivamente num combate de grandes proporções, contra um inimigo externo.

Fig 2-8. Cavalaria na batalha do Avaí

(17) Já no final do Império, em 1888, a Arma de Cavalaria foi novamente reorganizada, passando a ser constituída por 10 (dez) regimentos de 4 (quatro) esquadrões cada um, sendo 2 (dois) de clavineiros e 2 (dois) de lanceiros, todos de Cavalaria Ligeira.

(18) A grande reforma do exército, operada em 4 de julho de 1908, trouxe um aumento geral dos corpos, sendo organizadas cinco Brigadas Estratégicas e três Brigadas de Cavalaria (Bda Cav). A numeração dos corpos foi alterada e o número de regimentos passou para 17. São criados na Cavalaria os Esquadrões de Trem e os Pelotões de Estafetas.

(19) Em 1915, os Regimentos de Cavalaria (RC) passaram a ser organizados a 4 (quatro) esquadrões, cada um a 4 (quatro) pelotões de 2 (duas) esquadras.

(20) No período entre 1918 - 19, como conseqüência do término da 1ª Guerra Mundial, o EB passou por importantes mudanças estruturais. Em 1919 foi contratada na França uma Missão Militar, cuja principal ação, a partir de 1920, constituiu-se, principalmente, em dar aos quadros conhecimentos mais exatos sobre a guerra e sua preparação, influenciando a organização e a doutrina de emprego da força terrestre até o início da 2ª Guerra Mundial. Na organização de 1919, os RC passaram a ser Divisionários e Independentes. As cinco Divisões possuíam, cada uma, um Regimento de Cavalaria Divisionário (RCD). As três brigadas de Cavalaria eram integradas, cada uma, por três Regimentos de Cavalaria Independentes (RCI) e a 1ª Circunscrição Militar (Mato Grosso) por dois RCI.

(21) Em 1921 é realizada nova organização do Exército. A Cavalaria Independente passa a ser organizada em Divisões de Cavalaria (DC). Cada DC era integrada por duas Bda Cav (cada uma com um comando e 2 (dois) RCI), 1 (um) Grupo de Artilharia a Cavalo, 1 (um) Batalhão de Infantaria Montado e 1 (um) Esquadrão de Transmissões. Todos os regimentos passam a ser estruturados com 4 (quatro) Esquadrões de Cavalaria e 1 (um) Pelotão de Metralhadoras Leves. A reforma substancial na Cavalaria consiste no surgimento do grupo de combate (GC) como elemento básico da organização da Arma. Os pelotões são organizados com um GC e duas esquadras de exploradores. Neste mesmo ano, foi organizada no Rio de Janeiro a primeira tropa blindada do EB, a Companhia de Carros de Assalto, subunidade equipada com carros de combate franceses Renault FT 17.

(22) Em 1928 os RCI passaram a ser organizados a 3 (três) Esquadrões de Cavalaria (cada SU com 4 (quatro) Pel Cav de 4 (quatro) esquadras, e 1 (um) Pel Cmdo), 1 (um) Pelotão Extranumerário e 1 Pelotão de Metralhadoras. Em 1932, são criados nos RCI os Esquadrões Extranumerários e os Esquadrões de Metralhadoras. Em 1935, os Esquadrões de Cavalaria dos RCI passaram a ser organizados com 3 (três) Pel Cav (2 (dois) GC + 1 (uma) esquadra de exploradores) e 1 (um) Pel Extranumerário (1 (um) Gp Cmdo e 1 (um) Gp Sv).

(23) Em 1938 foi criado no Rio de Janeiro o Esquadrão de Auto – Metralhadoras, equipado com carros blindados italianos Fiat Ansaldo CV 33 e com os carros de combate Renault FT 17, remanescentes da Companhia de Carros de Assalto, extinta em 1932.

(24) Em 1940/1942 são criados os Regimentos de Cavalaria Transportados das DC, que em 1943/1944 passaram a denominar-se Regimentos de Cavalaria Motorizados (RCMtz). Neste mesmo período, os três Regimentos de Auto-Metralhadoras de Cavalaria, criados em 1938, passaram a ser denominados Regimentos Motomecanizados, mudando novamente esta denominação, em 1946, para Regimentos de Cavalaria Mecanizados (RCMec). Em 1943 os Esquadrões Extranumerários passaram a denominar-se Esquadrões de Comando e Serviços e os Esquadrões de Cavalaria passam a Esquadrões de Fuzileiros. São criados os Esquadrões de Morteiros, Metralhadoras e Canhões Anticarro. Em 1944 é criado o Núcleo da Divisão Motomecanizada, que em 1957 passa a denominar-se a Divisão Blindada (DB).

(25) Em 1943 foi organizado o 1º Esquadrão de Reconhecimento, integrante da Força Expedicionária Brasileira (Fig 2-9). Esta subunidade foi a única tropa de Cavalaria a participar da 2ª Guerra Mundial, destacando-se nos combates de Gaggio Montano, Marano, Collecchio, Fornovo, Tarano, no Vale do Pó e do Serchio e em tantos outros travados em solo italiano. Após chegar no TO europeu, o 1º Esqd Rec foi equipado com as viaturas blindadas M 8 Greyhound e M3 Half Track, com os quais, fez toda a campanha da Itália.

Fig 2-9. 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª DIE, Italia – 2ª Guerra Mundial

(26) No período entre 1944/1946 são criados os 1º, 2º e 3º Batalhões de Carros de Combate (BCC) e o Grupo de Reconhecimento Mecanizado, orgânicos da Divisão Motomecanizada, e diversas outras unidades mecanizadas. Neste mesmo período chegaram ao Brasil, cerca de 500 viaturas blindadas. São os carros de combate (VBC,CC) M 4 Sherman, M3 Grant e M3 Stuart

(Fig 2-10), as viaturas blindadas de reconhecimento (VBR) M8 Greyhound e T 17, as viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) M3 White Scout Car e M3/M5 Half Track, as viaturas blindadas posto de comando (VBE,PC) M – 20 e as viaturas blindadas socorro (VBE, Soc) M 32 e M 74, que passaram a equipar as novas unidades e subunidades blindadas e mecanizadas da Cavalaria, organizadas no período da 2ª Guerra Mundial.

Fig 2-10. Carro de Combate M 3 A 1 Stuart

(27) Em 1946, a Cavalaria Independente passou a constituir no Rio Grande do Sul um Corpo de Cavalaria, integrado pelas 1ª, 2ª e 3ª DC. Neste mesmo ano os RCI passaram a denominar-se RC. Em 1949 os Esqd Mrt, Mtr e CAC passaram a Esquadrões de Petrechos Pesados. É criada, também, a 4ª DC, no Mato Grosso, que em 1980 é transformada em 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec).

(28) No período entre 1951/1954 os R C Mec passam a denominar-se Regimentos de Reconhecimento Mecanizados (R Rec Mec), assim como os Esquadrões Independentes passaram a ser designados Esqd Rec Mec. Em 1960 são recebidos as primeiras VBC,CC M41 e as VBTP M 59, que vão equipar o R Rec Mec da DB.

(29) No final dos anos 60 e início dos anos 70 o EB passou por grandes modificações estruturais. Foram criadas as Divisões de Exército, as 1ª, 2ª e 3ª DC são transformadas em Bda C Mec e a Divisão Blindada em Brigada de Cavalaria Blindada. Os BCC transformam-se em Regimentos de Carros de Combate (RCC). Os RC e R Rec Mec são transformados em Regimentos de

Cavalaria Mecanizados (RCMec) e Regimentos de Cavalaria Blindados (RCB), integrando as Bda C Mec e DE. Os Esqd Rec Mec passam a denominar-se Esqd C Mec. Os R C Mtz são transformados em R C Mec ou RCC.

(30) Entre 1973 e 1988 o EB recebeu uma grande quantidade de viaturas blindadas, nacionais e estrangeiras, para equipar as unidades e subunidades blindadas e mecanizadas criadas nas décadas de setenta e oitenta. Cerca de 300 VBC, CC M41 e 70 X1A e X1A2, 600 VBTP M 113, 200 VBTP EE 11 Urutu e 400 VBR EE9 Cascavel substituíram as viaturas blindadas recebidas no período da 2ª Guerra Mundial.

(31) No início da década de 80 são desenvolvidos diversos programas de repotencialização de viaturas blindadas, destinados a estender a vida útil das viaturas mais antigas. Destacam-se neste período a modernização das VBTP M 3 Scout Car e M 3 Half Track, das VBR M8, dos CC M 41 e M3 Stuart e das VBTP M 113.

(32) Em 1981 é criado o 1º Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista, orgânico da Brigada de Infantaria Pára-quedista e, em 1982, a primeira tropa de Cavalaria na Amazônia, o 12º Esqd C Mec.

(33) Na primeira metade da década de 90, Pel C Mec de diversos Esqd C Mec participaram dos contingentes que integraram o Batalhão Brasileiro na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM), realizando missões de reconhecimento e de segurança, contribuindo para o sucesso alcançado pelo EB naquela missão de manutenção da paz.

(34) No último trimestre de 1997 foram recebidos as VBC,CC M 60 A3 TTS e, a partir do início de 1998, as VBC,CC Leopard 1 A1 (Fig 2-11), que substituíram as VBC,CC M41 A 3 C nos RCC das Bda C Bld e Bda Inf Bld.

Fig 2-11. Carro de combate Leopard 1 A 1

(35) Quase no final da década de noventa, a Cavalaria passa pela sua última reorganização no século XX. Os Esqd C Sv são transformados em

Esquadrões de Comando e Apoio. São criados os Pelotões de Exploradores nos RCC e RCB, os RCMec passam a contar com Pelotões de Morteiros Pesados e a logística interna de suas unidades é modificada em função das peculiaridades de emprego das unidades mecanizadas e blindadas no combate moderno.

(36) Ao longo de quase quinhentos anos de história militar, a Cavalaria no Brasil evoluiu constantemente, adaptando-se às mudanças na arte da guerra sem perder suas características de mobilidade, flexibilidade e ação de choque. Suas unidades, empregando o cavalo, carros blindados e carros de combate, estiveram presentes na grande maioria das campanhas realizadas pela força terrestre brasileira. Seus milicianos das Ordenanças, os Dragões, a Cavalaria Auxiliar, os Caçadores a Cavalo, a Cavalaria Ligeira, Divisionária, Independente, Mecanizada, Pára-quedista e Blindada conquistaram o reconhecimento do restante do Exército, em árduas jornadas de sacrifício e glórias no passado e de profissionalismo e eficiência no presente, construindo assim a imorredoura tradição da Arma Ligeira, da Cavalaria Brasileira.

ARTIGO II

FUNDAMENTOS DO EMPREGO DA CAVALARIA

2-2. GENERALIDADES

a. A aplicação dos princípios de guerra rege a condução de todas as operações militares. Eles representam os fatores essenciais para o êxito da condução da guerra.

b. A aplicação adequada desses princípios é essencial ao exercício do comando e à execução bem sucedida das ações. Em uma determinada situação, o comandante pode enfatizar a aplicação de um princípio, dando ao mesmo preponderância sobre os demais. Se, em dado momento, o comandante, conscientemente, atribui menos importância a um princípio, para obter alguma vantagem, isto não significa que este tenha sido violado.

c. O comandante utiliza os princípios de guerra durante o seu estudo de situação. Desta maneira, a decisão é o resultado da aplicação direta desses princípios.

d. O comandante de Cavalaria, particularmente o de grande unidade ou de unidade, ao planejar e conduzir suas operações, deve buscar aproveitar ao máximo as características dos meios blindados. Elas permitirão ao Cmt enfatizar determinados princípios como o da massa, o da ofensiva e o da surpresa.

e. Os planos e ordens devem ser simples e permitir aos subordinados o máximo uso da iniciativa, possibilitando-lhes tirar maior vantagem das mudanças de situação, características das operações altamente móveis. De um modo geral, as ordens devem dizer **"O QUE"** fazer e não **"COMO"** fazer. O combate não-linear e em profundidade exige que o comandante de Cavalaria certifique-

se, sempre, que seus subordinados tenham pleno conhecimento e entendimento da “Finalidade e do Conceito da Operação” e, principalmente, da “ Intenção do Comandante”, pois muitas vezes poderão ter que prosseguir no cumprimento da missão sem ligação com o escalão superior.

f. O comandante de Cavalaria deve colocar-se o mais à frente possível, junto à ação principal, acompanhando os acontecimentos de maneira a facilitar a pronta reação em face das situações emergentes.

g. A manutenção de um pronto e contínuo apoio logístico é essencial às operações profundas e altamente móveis da Cavalaria.

2-3. PRINCÍPIOS DE GUERRA

a. Objetivo - “Dirija cada operação militar para um objetivo claramente definido, decisivo e atingível“.

(1) O comandante de Cavalaria, ao planejar sua manobra, particularmente nas operações ofensivas, deve ter especial cuidado na aplicação deste princípio. Deve selecionar como objetivos pontos, áreas ou tropas inimigas que signifiquem o cumprimento da missão. Para chegar, com rapidez ao objetivo enfocado, deve permitir aos seus subordinados a ampla utilização da iniciativa, evitando impor-lhes objetivos intermediários, quando outras medidas de coordenação e controle possam ser mais simples e eficazes.

(2) A intenção do comandante deve definir claramente os objetivos ao término das operações.

(3) O pleno entendimento da intenção do comandante, de pelo menos dois escalões acima do escalão considerado, é de fundamental importância para o êxito das operações. Todas as ações devem subordinar-se ao propósito definido pelo comandante na sua intenção.

(4) Os objetivos prioritários da cavalaria blindada são, em princípio, as tropas blindadas ou mecanizadas, as posições de artilharia e os centros de comando e controle do inimigo.

b. Ofensiva - “Obtenha, mantenha e explore a iniciativa das ações“.

(1) As características e possibilidades da Cavalaria indicam o máximo aproveitamento deste princípio de guerra. Normalmente, desde que o planejamento das operações em curso não contra-indique, o comandante de Cavalaria não deve deixar de tirar partido de sua aplicação.

(2) A iniciativa das ações é a primeira manifestação da ofensiva. A iniciativa permite a escolha da hora e do local do ataque, facilitando a surpresa. O perfeito entendimento da intenção do comandante permite aos comandos subordinados a maximização do uso da iniciativa.

(3) A postura ofensiva de um comandante de Cavalaria não pode prescindir da audácia inteligente, da aceitação criteriosa de riscos calculados, de um elevado grau de adestramento e prontidão que permitam antecipar-se às ações do inimigo.

c. Manobra - “Coloque o inimigo numa posição desvantajosa, pela

aplicação flexível do poder de combate".

(1) As características e propriedades gerais da Cavalaria - particularmente sua mobilidade, grande fluidez, a flexibilidade, a capacidade de comando e controle e o espírito eminentemente ofensivo de seus quadros – permitem amplas possibilidades de emprego do princípio da Manobra, cuja aplicação não pode ser descurada pelos comandos desde as unidades mais elementares até os elevados escalões.

(2) A manobra eficaz surpreende e coloca o inimigo em desvantagem relativa, maximizando o poder relativo de combate em favor da força que aplica esse princípio.

d. Massa - "Concentre um poder de combate superior no momento e local decisivos".

A mobilidade, a proteção blindada, a amplitude e flexibilidade do sistema de comunicações e a fluidez da Arma permitem a rápida concentração de seus meios e o correspondente aumento do poder de combate, no ponto de aplicação do esforço, proporcionando ao comandante excelentes condições de obter superioridade decisiva sobre o inimigo.

e. Economia de Forças - "Empregue todo o poder de combate disponível, da maneira mais eficaz possível; destine o mínimo indispensável de poder de combate para as ações secundárias".

(1) A necessidade de economizar forças na frente de combate, bem como a própria forma de atuação dos elementos de Cavalaria no cumprimento de suas missões básicas, possibilitam baixar o grau de segurança / resistência em regiões secundárias, o que é proporcionado pela fluidez, pela mobilidade e pelo sistema de comunicações das unidades da Arma.

(2) As amplas frentes normalmente atribuídas à Cavalaria se chocam com a necessidade de se evitar uma dispersão desnecessária e o desgaste dos subordinados em ações secundárias. O comandante de Cavalaria deve manter sempre a capacidade de concentrar seus meios contra o inimigo, no momento e local oportunos.

f. Unidade de Comando - "Para cada objetivo, certifique-se de obter unidade de comando e unidade de esforços".

Sendo as ações de Cavalaria conduzidas, em princípio, de forma rápida e sujeitas a evoluções freqüentes, e levando-se em conta a máxima iniciativa permitida aos comandos subordinados, o princípio da unidade de comando, essencial ao adequado cumprimento da missão, é assegurado pelo planejamento centralizado, cuidadoso e global da operação em curso, pela fidelidade às diretrizes recebidas do escalão superior e à intenção do comandante e pelo controle e pela coordenação assegurados através do amplo e flexível sistema de comunicações.

g. Segurança - "Nunca permita que o inimigo obtenha uma vantagem inesperada".

(1) As tropas de Cavalaria, pelas suas características, são as tropas mais aptas a proporcionar segurança às demais forças empregadas no campo de batalha.

(2) A aplicação deste princípio é freqüentemente assegurada pela conquista e manutenção da iniciativa, pela atenta observância das medidas de segurança afastadas e aproximadas e vigilância constante no desenrolar das ações.

(3) A obtenção de informações oportunas e precisas sobre o inimigo são essenciais para o planejamento das operações e para prevenir-se da surpresa.

(4) As ações de contra-reconhecimento são de fundamental importância para a aplicação do princípio da segurança.

(5) O emprego de meios aéreos em apoio às tropas de Cavalaria amplia as condições de segurança.

h. Surpresa - "Atinja o inimigo num tempo, local ou maneira para os quais ele esteja despreparado".

(1) A Cavalaria, tendo em vista a dificuldade em manter o sigilo de seus deslocamentos, obtém a surpresa pela rapidez de suas ações e pela aplicação dos princípios da massa e da manobra.

(2) A obtenção da surpresa depende da originalidade, da audácia das ações, da velocidade de execução, do sigilo e da dissimulação de intenções.

(3) Não é necessário que se obtenha surpresa absoluta sobre o inimigo. É suficiente que o inimigo só perceba a situação tarde demais para uma reação eficiente.

i. Simplicidade - "Prepare planos claros e descomplicados e ordens concisas para garantir seu completo entendimento".

(1) Por serem as manobras de Cavalaria desencadeadas com rapidez, exigindo ações profundas e, não raras vezes, de natureza urgente, suas concepções buscam fugir da complexidade, em benefício da oportunidade e da presteza no cumprimento da missão. Logo, o princípio da simplicidade deve nortear sempre as decisões dos comandantes de Cavalaria.

(2) Missões dadas pela sua finalidade contribuem para a aplicação do princípio da simplicidade.

(3) A simplicidade não deve sacrificar o perfeito entendimento da operação e da intenção do comandante, bem como, a precisão, a flexibilidade e a cabal consecução do propósito.

(4) Na aplicação do princípio da simplicidade devem ser considerados os seguintes aspectos:

(a) as operações devem ser concebidas de modo que sejam facilmente compreendidas pelos subordinados e estejam dentro de suas capacidades de execução;

(b) os objetivos devem ser claramente definidos, priorizados e compreendidos pelos elementos que executarão a operação;

2-4. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS E PROPRIEDADES GERAIS

a. Características Básicas da Cavalaria - São definidas pela conjugação harmônica das características de seus elementos blindados e mecaniza-

dos: mobilidade, potência de fogo, ação de choque, proteção blindada e sistema de comunicações amplo e flexível. As suas peças de manobra são organizadas de forma a realçar o movimento e o emprego adequado da potência dos meios de que dispõe, assegurando excelentes condições para o combate continuado contra qualquer tipo de força terrestre. Essas características são:

(1) mobilidade - é a característica primordial da Cavalaria, a que lhe permite a realização de manobras rápidas e flexíveis em terreno diversificados, bem como a obtenção, no mais alto grau, dos efeitos da surpresa. Entende-se por mobilidade a faculdade de poder:

(a) deslocar-se com rapidez;

(b) engajar-se ou desengajar-se com facilidade;

(c) intervir sobre pontos afastados da frente de combate, ou seja, possuir grande raio de ação; e

(d) transpor, de dia ou à noite e sob quaisquer condições meteorológicas, terrenos variados, isto é, possuir grande fluidez.

(2) potência de fogo - é proporcionada pela variedade e pelo calibre dos seus armamentos leve e pesado e pela capacidade de estocagem de munição nas próprias viaturas das peças de manobra, conjugadas com o apoio de fogo da Artilharia.

(3) proteção blindada - é proporcionada pelas viaturas blindadas, o que capacita a Cavalaria a realizar o combate embarcado, com razoável grau de segurança às guarnições, contra fogos de armas leves e fragmentos de granadas de morteiro e de artilharia.

(4) ação de choque - resulta da utilização das viaturas blindadas, as quais, reunindo massa e velocidade e complementadas pelo fogo, causam impacto e, normalmente, surpresa ao inimigo.

(5) sistema de comunicações amplo e flexível - é função dos variados equipamentos de comunicações utilizados, o que proporciona aos comandos de Cavalaria ligações rápidas entre seus diversos escalões, assegurando-lhes, pelo controle e pela coordenação eficazes, a possibilidade de explorar, convenientemente, as demais características da arma e uma conseqüente presteza na transmissão e no cumprimento das ordens.

b. Propriedades Gerais da Cavalaria - Em decorrência da combinação das características da Arma, resultam as propriedades gerais da Cavalaria: flexibilidade, capacidade de manobra, capacidade de combate, capacidade de durar na ação, capacidade de informar-se e de cobrir-se e aptidão dos seus quadros. Essas propriedades da Cavalaria indicam-na para o emprego onde houver amplos espaços.

(1) Flexibilidade - é o produto, particularmente, da mobilidade, do sistema de comunicações, da estrutura organizacional das unidades da Arma e da formação de seus quadros, que permite mudar rapidamente a organização para o combate, o dispositivo e a direção de atuação, bem como, engajar-se e desengajar-se com relativa facilidade, amoldando-se às circunstâncias do momento.

(2) Capacidade de manobra - é fruto da rapidez, da flexibilidade e da fluidez, o que faculta mudar de direção ou de dispositivo sem perda de tempo e combinar, nas melhores condições, o fogo e o movimento e, conseqüentemente,

explorar ao máximo os efeitos da surpresa. Faculta também passar, com facilidade, da atitude ofensiva para a defensiva, ou vice-versa; e, ainda, romper, subitamente, o combate para opor ao inimigo nova resistência em outra posição.

(3) Capacidade de combate - é proporcionada pela potência de fogo e proteção blindada, possibilitando o cumprimento das diferentes missões da Arma, a despeito das reações do inimigo, bem como, seu emprego em ações rápidas e decisivas no decurso da batalha.

(4) Capacidade de durar na ação - decorre da autonomia proporcionada por seus elementos de combate e de apoio. Permite a intervenção em locais distantes da frente de combate, assegurando à Cavalaria a capacidade de atuar em largas frentes e grandes profundidades.

(5) Capacidade de informar-se e de cobrir-se - assegura-lhe a possibilidade de realizar operações autônomas e é resultante de sua organização, potência de fogo e mobilidade.

(6) A aptidão de seus quadros para as missões mais diversas e o gosto pela iniciativa. Conseqüência de sua formação, onde são enfatizados o planejamento centralizado e a execução descentralizada das ações, a liderança, a camaradagem, a capacidade de gerenciamento de um grande número de informações, a sincronização das ações no tempo, no espaço e na finalidade, a capacidade de decisão, a execução de missões dadas pela finalidade, o amplo emprego de ordens fragmentárias, a capacidade de adaptação e flexibilidade para alterar rapidamente atitudes e a organização das forças de acordo com a evolução da situação no campo de batalha e com as modificações das missões recebidas.

ARTIGO III

CONCEPÇÃO DE EMPREGO DA CAVALARIA

2-5. GENERALIDADES

a. Em teatros de operações de grande amplitude, os oponentes não poderão, em princípio, constituir frentes contínuas, solidamente organizadas. As resistências concentrar-se-ão nos eixos, os quais constituirão as penetrantes dos exércitos. Sobre esses eixos as batalhas serão travadas, tendo por objetivos principais os entroncamentos rodo-ferroviários. Porém, entre os grupamentos de forças, se abrirão longos intervalos desocupados ou fracamente defendidos, favoráveis à manobra. O comando priorizará manobrar por esses espaços livres, buscando desbordar ou envolver o grosso do inimigo pelo(s) flanco(s) vulnerável(eis). Na impossibilidade de executar manobras de ala, atuará no sentido de romper o dispositivo adversário, seguido de ações enérgicas e profundas.

b. O planejamento e a conduta da manobra de um grande comando em operações baseiam-se, necessariamente, nas informações, as quais são obtidas, entre outros, pelos reconhecimentos aéreos e terrestres. O reconheci-

mento terrestre somente poderá ser realizado por uma força capaz de atuar profundamente e com rapidez, bem como, de estabelecer e manter o contato com o inimigo.

c. Para que a manobra tenha as maiores probabilidades de êxito, deve ser priorizado o fator surpresa. Uma das maneiras de consegui-lo consiste em dissimular o dispositivo do grosso, inclusive pela colocação de uma força interposta entre este e o inimigo, de forma a permitir que, com um mínimo de interferência do inimigo, o mesmo possa se articular livremente.

d. A Cavalaria será melhor empregada em manobras de ala, desbordando ou envolvendo o inimigo fixado, procurando destruir ou fixar suas reservas, neutralizar ou destruir seus órgãos de comando e controle, de logística e de apoio ao combate, fazendo com que o inimigo seja destruído na posição e não possa retrair ou ser reforçado.

e. Na impossibilidade de realizar uma manobra de ala e o comando tiver de se empenhar em uma batalha de ruptura, a Cavalaria é apta para romper o dispositivo inimigo, assim que seja aberta uma brecha. Desde que tenha conseguido ganhar terreno à retaguarda do inimigo, tomará como objetivo os pontos vitais de sua organização e procurará apossar-se das passagens obrigatórias para impedir seus movimentos, fixar ou destruir suas reservas ou impedir a chegada de reforços. Tão logo seja possível deverá ser lançada em aproveitamento do êxito.

f. Após um ataque, se bem sucedido, é preciso empreender, rapidamente, ações que conduzam ao aproveitamento do êxito e à perseguição. Em caso de insucesso, há necessidade de proporcionar segurança para o retraimento do grosso. Para todas essas ações, a força indicada deverá ser móvel e potente.

g. Na ação retardadora e na perseguição, o emprego da Cavalaria alcançará os melhores resultados. Nessas operações, a Arma desenvolve, ao máximo, as possibilidades que lhe emprestam suas características.

h. Na perseguição, o melhor emprego da Cavalaria é sobre os flancos e vias de retirada do inimigo. No curso dessas operações, o comandante de Cavalaria usará da maior iniciativa, lembrando que a rapidez e a audácia são fatores essenciais ao êxito.

2-6. EMPREGO ANTES DA BATALHA

a. No início das operações, a Cavalaria é empregada à frente das demais forças terrestres como elemento de segurança. Nessa oportunidade, concorre para a busca de informações sobre o inimigo e a área de operações e para a cobertura da concentração. Além disso, retarda o inimigo, realiza destruições e dificulta a sua concentração.

b. Para executar tais missões, a Cavalaria manobra utilizando os espaços livres existentes na frente das primeiras forças postas em ação pelo inimigo e,

aproveitando os intervalos que essas possam apresentar, opera atrás de suas linhas.

c. No desempenho das missões de reconhecimento e segurança, as unidades e grandes unidades de Cavalaria trabalham em intima ligação com a Força Aérea (F Ae) e a Aviação do Exército (Av Ex).

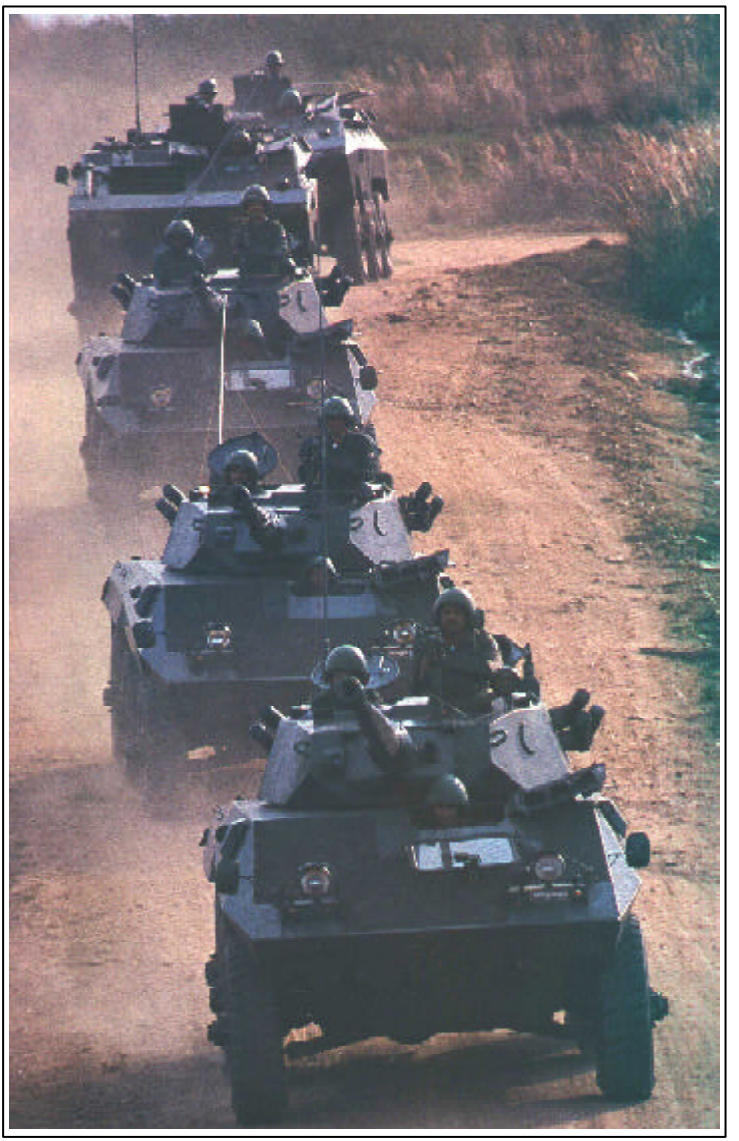


Fig 2-12. Cavalaria mecanizada. Força de Cobertura

2-7. DURANTE A BATALHA

A Cavalaria intervém na batalha como força participante de operações ofensivas e defensivas:

a. Na ofensiva

(1) Realiza ações desbordantes ou envolventes, aproveitando-se de flancos vulneráveis ou de intervalos existentes ou criados no dispositivo inimigo, atuando de forma a destruir os sistemas de comando e controle, logístico, de apoio ao combate e reservas imediatas do inimigo.

(2) Na impossibilidade de realizar manobras de flanco, poderá ser empregada para ultimar ou realizar a ruptura de uma posição defensiva.

(3) Após a ruptura do dispositivo inimigo, será lançada para aproveitar o êxito obtido e perseguir o inimigo batido, aproveitando as características de força altamente móvel e potente.

(4) Antes, durante e após o combate, poderá ser empregada como força de segurança avançada, de flanco ou força de ligação.

Fig 2-13. Cavalaria blindada. Manobra de flanco. Envolvimento

b. Na defensiva

(1) Será empregada como reserva móvel e potente na mão do comandante, destinada, normalmente, às ações que objetivem a destruição do inimigo.

(2) Na defesa móvel, é mais apta a constituir a força de fixação ou de choque, graças a sua grande mobilidade, potência de fogo e ação de choque.

(3) Poderá ser empregada como elemento de aplicação do princípio de economia de forças, seja na vigilância de partes secundárias da frente, seja no tamponamento de brechas, atuando como elemento de segurança.

ARTIGO IV

BASES DE ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA

2-8. GENERALIDADES

a. A multiplicidade e a diversidade das missões concernentes à Cavalaria impõem que ela se organize em unidades e grandes unidades dotadas de meios que a tornem capaz de atuar em terrenos variados, em proveito de forças terrestres de qualquer natureza ou mobilidade, e que cumpram, com eficiência, as missões para as quais são organizadas, instruídas e equipadas. Por outro lado, as características e a diversidade do seu material, que condicionam suas possibilidades operacionais, admitem a consideração básica da existência de tropas de cavalaria pesadas (blindada) e de outras mais leves (mecanizada, pára-quedista e de guarda). A cavalaria mecanizada deve ser considerada como uma força blindada leve.

b. Na constituição das peças de manobra da Cavalaria, integram-se elementos de natureza diversa, organizados de forma a realçar o movimento e o emprego adequado dos meios de que dispõe, assegurando excelentes condições para o combate continuado contra qualquer tipo de força. Esses elementos devem possuir um grau de mobilidade superior ao das demais forças terrestres presentes no campo de batalha.

c. O emprego de frações da aviação do exército em apoio às ações de reconhecimento e segurança da Cavalaria, permitem que essas operações sejam executadas com maior profundidade, eficácia e rapidez.

2-9. ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA

a. A Cavalaria está organizada em tropas de cavalaria blindada, cavalaria mecanizada, cavalaria pára-quedista e cavalaria de guarda.

b. A cavalaria blindada, constituída pela Brigada de Cavalaria Blindada (Bda C Bld), Regimentos de Carros de Combate (RCC) e Regimentos de Cavalaria Blindados (RCB), executa operações de natureza eminentemente ofensiva, que exijam mobilidade e grande potência de choque e que sejam caracterizadas pela predominância do combate embarcado. Constitui-se em importante elemento de decisão do combate, sendo particularmente apta para as ações ofensivas altamente móveis e com grande profundidade e para as ações dinâmicas da defesa.

c. A cavalaria mecanizada, constituída pelas Brigadas de Cavalaria Mecanizadas (Bda C Mec), Regimentos de Cavalaria Mecanizados (RCMec) e Esquadrões de Cavalaria Mecanizados (Esqd C Mec) é particularmente apta a executar missões de reconhecimento e segurança, em frentes largas e a grandes profundidades. A cavalaria mecanizada constitui-se em elemento altamente móvel e potente, capaz de conduzir ou participar de operações ofensivas ou defensivas.

d. A cavalaria pára-quedista, constituída pelo esquadrão de cavalaria pára-quedista (Esqd C Pqdt), participa das Operações de Assalto Aeroterrestre, Aerotransportadas ou Aeromóveis. Prioritariamente realiza operações de reconhecimento, de segurança em proveito da Brigada de Infantaria Pára-quedista.

e. A cavalaria de guarda, constituída pelos Regimentos de Cavalaria de Guarda (RCG), é organizada para, primordialmente, ser empregada nas Operações de Defesa Interna, nas Ações de Defesa Territorial, no Cerimonial Militar e nas Atividades de Representação da Força Terrestre. Em determinadas situações poderá participar de Operações de Defesa Externa, integrando um Exército de Campanha ou FTTOT, sendo empregada na área de retaguarda da Zona de Combate ou na Zona de Administração, na defesa de instalações e de pontos sensíveis, na segurança de áreas de retaguarda (SEGAR), no controle de populações e em apoio às operações de assuntos civis.

f. São também tropas de Cavalaria os esquadrões de comando das brigadas de cavalaria mecanizadas e brigada de cavalaria blindada, constituindo-se em elementos de apoio ao combate (comando e controle) dessas GU.

CAPÍTULO 3

MISSÕES DA CAVALARIA

ARTIGO I

GENERALIDADES

3-1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

a. São missões básicas da Cavalaria:

(1) cavalaria blindada: cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque e, na defensiva, destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo e de contra-ataques.

(2) cavalaria mecanizada: o reconhecimento, a segurança e a realização de operações ofensivas e defensivas como elemento de economia de força.

(3) cavalaria pára-quedista: o reconhecimento, a segurança e a realização de operações ofensivas e defensivas como elemento de economia de força, num quadro de operações aeroterrestres, aerotransportadas ou aeromóveis.

(4) cavalaria de guarda: a defesa de pontos sensíveis e de instalações, a segurança de áreas de retaguarda, o controle de populações e o apoio às operações de assuntos civis.

b. No cumprimento das missões básicas da Arma, seus elementos de combate podem reconhecer, vigiar largas frentes, cobrir ou proteger forças maiores, buscar e manter o contato com o inimigo, ligar forças amigas, engajar-se no combate ofensivo e defensivo, realizar incursões na retaguarda inimiga, conduzir infiltração e ataque de inquietação ou diversionário.

c. Para desempenhar apropriadamente suas missões, os elementos de Cavalaria têm necessidade de possuir um grau de mobilidade superior, ou no mínimo igual, ao das forças amigas ou inimigas presentes no campo de batalha.

d. Para cumprir suas missões, a Cavalaria utiliza meios blindados, mecanizados, pára-quedistas, motorizados e hipomóveis, devendo priorizar o combate embarcado.

e. Suas variadas possibilidades fazem das unidades de Cavalaria importantes meios de busca de informes, bem como, as tornam aptas às ações altamente móveis, principalmente as de natureza ofensiva.

f. A disponibilidade de meios aeromóveis, ou de apoio aéreo, amplia as possibilidades ofensivas e defensivas, de reconhecimento e de segurança da Cavalaria.

ARTIGO II

RECONHECIMENTO

3-2. CONCEITUAÇÃO

a. Reconhecimento é a ação conduzida, em campanha, pelo emprego de meios terrestres e/ou aéreos, com o propósito de obter informações sobre o inimigo e/ou a área de operações.

b. É, também, pelo reconhecimento que se levantam as informações que permitirão ao comando realizar seu estudo de situação e formular seus planos de manobra.

3-3. TIPOS DE RECONHECIMENTO

a. Há três tipos de reconhecimento: de eixo, de zona e de área. O tipo a ser empregado é escolhido tendo em vista as informações desejadas, o conhecimento da situação do inimigo, o terreno, o valor da força de reconhecimento, o local onde o informe deve ser procurado e o tempo disponível para obtê-lo. (Fig 3-1)

b. Os tipos de reconhecimento executadas pela Cavalaria são:

(1) Reconhecimento de Eixo - visa a obtenção de informes sobre um determinado eixo, o terreno a ele adjacente e/ou inimigo que dele se utiliza;

(2) Reconhecimento de Zona - busca obter informes detalhados sobre o inimigo e/ou região de operações ao longo de uma faixa do terreno definida em largura e profundidade;

(3) Reconhecimento de Área - objetiva a coleta de informes detalhados sobre o inimigo e/ou terreno, dentro de uma área específica e perfeitamente definida em seu perímetro.

c. O Reconhecimento em Força - não constitui um tipo de missão de reconhecimento, é uma operação ofensiva.

Fig 3-1. Cavalaria mecanizada. Reconhecimento

d. Fundamentos das operações de reconhecimento - As operações de reconhecimento são executadas de acordo com os seguintes fundamentos:

(1) **orientar-se segundo os objetivos de informações** - O reconhecimento deve ser orientado para tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação, zonas ou áreas específicas. Contrariamente ao que se observa nas missões de segurança, os elementos que realizam um reconhecimento atuam de acordo com a localização ou o movimento dos objetivos de informações, condicionante essencial para o adequado cumprimento da missão;

(2) **participar, com rapidez e precisão, todos os informes obtidos** - Os informes, sejam eles positivos ou negativos, devem ser transmitidos logo que obtidos e devem ser participados tal como foram obtidos, não devendo conter opiniões e, sim, fatos;

(3) **evitar o engajamento decisivo** - Uma força de reconhecimento deve manter a sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos informes desejados ou para evitar a destruição ou captura da força;

(4) **manter o contato com o inimigo** - Na execução de uma missão de reconhecimento, o contato deve ser obtido o mais cedo possível. Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem autorização do escalão superior. O contato pode ser mantido, também, por meio da observação terrestre ou aérea;

(5) **esclarecer a situação** - Quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, a situação deve ser esclarecida rapidamente. A localização, o valor, a composição e o dispositivo do inimigo são determinados e um esforço especial é feito para identificar os flancos da

posição inimiga. De acordo com a missão, o comandante deve rapidamente decidir se ataca ou desborda a resistência inimiga. De imediato dá conhecimento ao escalão superior da decisão tomada, incluindo informes obtidos sobre o inimigo pelo reconhecimento.

ARTIGO III

SEGURANÇA

3-4. CONCEITUAÇÃO

a. A missão de segurança compreende o conjunto de medidas adotadas por uma força, visando preservar-se contra a inquietação, a surpresa e a observação por parte do inimigo. Sua finalidade é preservar o sigilo das operações, manter a iniciativa das mesmas e obter a liberdade de ação.

b. A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça e pelo tempo e espaço suficientes para que a força em proveito da qual a segurança é realizada possa manobrar e reagir a essa ameaça, evitando-a, neutralizando-a ou destruindo-a. A segurança é proporcionada pelas informações oportunas e precisas, bem como pelo movimento rápido e agressivo. Toda unidade é responsável pela sua própria segurança, a despeito da proporcionada por outras unidades.

c. A força de segurança deve ser suficientemente forte e apropriada para proporcionar o tempo adequado para que a tropa segurada possa reagir. De acordo com suas possibilidades, as forças de segurança engajam o inimigo apenas durante o tempo necessário para cumprirem suas missões. Contudo, medidas de segurança não devem ser tomadas desnecessariamente, de tal forma que desviem o esforço da unidade do real cumprimento de sua missão.

3-5. GRAUS DE SEGURANÇA

a. Cobertura - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo, engajá-lo ou iludi-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta.

b. Proteção - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida. (Fig 3-2)

c. Vigilância - É a ação que proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo tão logo ele entre no raio de ação dos instrumentos do elemento que a executa.

Fig 3-2. Cavalaria mecanizada. Força de Proteção. Flancoguarda

3-6. FORÇAS DE SEGURANÇA

a. Força de cobertura

(1) É uma força de segurança, taticamente autônoma, que opera a uma considerável distância, orientada na direção do inimigo, em proveito de uma força estacionada ou em movimento.

(2) As forças de cobertura denominam-se: força de cobertura avançada, força de cobertura de flanco e força de cobertura de retaguarda.

b. Força de proteção

(1) É uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma tropa estacionada ou em movimento a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e os fogos de surpresa. De acordo com as suas possibilidades, ela repele, destrói ou retarda o inimigo que ameaça a força segurada. A força de proteção opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida.

(2) As forças de proteção denominam-se: vanguarda, flancoguarda e retaguarda.

c. Força de vigilância - É uma força de segurança que estabelece uma cortina de vigilância com a missão básica de alertar sobre a aproximação do inimigo.

d. Também são forças de segurança as que estabelecem a ligação entre duas forças de maior valor, visando, principalmente, tamponar uma brecha, e aquelas que realizam a segurança de área de retaguarda. Os Postos Avançados Gerais (PAG) e os Postos Avançados de Combate (PAC) incluem-se entre as forças de segurança que atuam na área de segurança à frente do limite anterior da área de defesa avançada.

3-7. FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

a. Proporcionar alerta preciso e oportuno ao escalão superior - A força de segurança deve informar ao escalão superior, precisa e oportunamente, sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça ao cumprimento de sua missão. Somente pelo alerta oportuno e informações precisas, fornecidas pela força de segurança ao escalão superior, pode o comandante deste decidir sobre a aplicação de seus meios, prazo e local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter surpresa e vantagens táticas.

b. Garantir espaço para manobra - A força de segurança atua suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir a esta o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância entre ambas é função da análise judiciosa dos fatores da decisão e do grau de segurança desejado.

c. Orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera - Uma força de segurança manobra de acordo com a localização ou movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida ou provável ameaça do inimigo.

d. Executar um contínuo reconhecimento - Toda força de segurança deve executar um reconhecimento contínuo e agressivo, capaz de fornecer ao comandante informes sobre o terreno e o inimigo em sua zona de ação e, ainda, possibilitar a localização adequada da força de segurança em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga.

e. Manter o contato com o inimigo - O contato com o inimigo deve ser mantido até que este não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da zona de ação da tropa em proveito da qual a força de segurança opera. O comandante de uma força de segurança não pode, voluntariamente, romper o contato com o inimigo, a menos que seja determinado pelo comando superior. Se a força inimiga sair da zona de ação, deve-se informar a unidade vizinha, auxiliando-a no estabelecimento do contato com o inimigo.

3-8. CONTRA-RECONHECIMENTO (C Rec)

a. Contra-Reconhecimento é um conjunto de medidas, ações e técnicas especiais que permeiam as missões de COBERTURA, PROTEÇÃO e VIGILÂNCIA, destinadas a impedir, pelo combate, que os elementos de reconhecimento do inimigo obtenham informações sobre nossas forças ou região coberta, protegida ou vigiada pela Cavalaria. C Rec não é, pois, um tipo de missão de Segurança. Os elementos mais aptos para conduzir o C Rec são as unidades e subunidades de cavalaria mecanizada.

b. O Contra-Reconhecimento destina-se a destruir ou neutralizar os elementos de reconhecimento do inimigo. As ações de C Rec podem ser de natureza ofensiva ou defensiva.

c. O C Rec Ofensivo procura deliberadamente o contato com os elementos de reconhecimento do inimigo (Rec Ini) e a sua destruição ou neutralização pelo combate.

d. O C Rec Defensivo procura evitar, se necessário pelo combate, que o Rec Ini penetre em determinadas regiões ou partes da Z Aç da Unidade ou do escalão superior (Esc Sp). É normalmente conduzido à retaguarda de obstáculos naturais ou artificiais. Procura canalizar as linhas de infiltração do Rec Ini para Áreas de Engajamento onde estes elementos serão destruídos ou neutralizados.

e. Os elementos que executam o C Rec devem ser escalonados em profundidade para terem maior eficiência e eficácia contra o Rec Ini. Estes elementos devem ter seu movimento e conduta orientados segundo os fundamentos da operação de segurança onde estão inseridos.

f. O valor e a composição dos elementos que conduzirão o C Rec e a natureza do combate a ser realizado deverão ser previstos no planejamento da operação de segurança, em função de estudo criterioso dos fatores da decisão.

g. O apoio da Aviação do Exército e/ou da Força Aérea aumenta a eficácia do combate de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada do Rec Ini e suas linhas de infiltração, seja pela possibilidade de destruí-lo pelo fogo ou de condução do fogo terrestre.

h. No C Rec ofensivo ou defensivo, a Cavalaria procurará sempre a destruição dos elementos de Rec Ini.

ARTIGO IV

OPERAÇÕES OFENSIVAS

3-9. GENERALIDADES

A Cavalaria executa qualquer tipo de operação ofensiva. No aproveitamento do êxito e na perseguição a Cavalaria poderá obter resultados mais decisivos e poderá melhor explorar as características da Arma.

3-10. TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. Marcha para o combate - É uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitem as operações futuras.

b. Reconhecimento em força - É uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações. A cavalaria blindada é a força mais apta à realização deste tipo de operação ofensiva, devendo ser apoiada por artilharia, engenharia e meios aéreos.

c. Ataque - A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o inimigo. A diferença entre os dois tipos de ataque reside no tempo disponível para o planejamento, na coordenação e na preparação antes da execução. (Fig 3-3)

(1) O ataque de oportunidade - Caracteriza-se pela atribuição de missões pela finalidade, pela imediata expedição de ordens fragmentárias e pelo perfeito entendimento da intenção do comandante. Privilegia a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão, buscando, em princípio, a execução de manobras desbordantes, associadas à fixação do inimigo, com a finalidade da força prosseguir no cumprimento de sua missão. A cavalaria blindada e a cavalaria mecanizada são as forças mais aptas à realização do ataque de oportunidade.

(2) O ataque coordenado - É uma operação ofensiva que consiste no emprego coordenado da manobra e da potência de fogo para cerrar sobre as forças inimigas e destruí-las ou neutralizá-las. É empregado contra posições defensivas inimigas, necessitando de apoio aéreo. Exige um estudo de situação completo e minucioso. Requer tempo suficiente para permitir o planejamento e os reconhecimentos. Na sua execução a Cavalaria deverá evitar, sempre que possível, a penetração e o ataque frontal, sendo preferível a realização de um envolvimento ou desbordamento.

Fig 3-3. Operações ofensivas. Ataque

d. Aproveitamento do êxito - É a operação que se segue a um ataque bem sucedido e que , normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições. Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade inimiga de apresentar uma defesa organizada ou de realizar um movimento retrógrado ordenado. As missões das forças de aproveitamento do êxito incluem a conquista rápida de objetivos profundos para cortar as vias de transporte inimigas, desorganizar suas instalações de comando e controle e a própria destruição do inimigo. É no aproveitamento do êxito que a Cavalaria pode fazer o máximo uso de suas possibilidades, mercê de suas principais características de mobilidade, ação de choque, potência de fogo e proteção blindada, as quais, lhe permitem uma extraordinária flexibilidade e rapidez na ação.

e. Perseguição - É a operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito e difere deste por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da força inimiga que está em processo de desengajamento ou que tenta fugir. Embora um objetivo no terreno possa ser designado, a força inimiga é seu objetivo principal. No curso de uma perseguição, a força de pressão direta empregada contra o inimigo que se retira deve ser permanentemente mantida, enquanto a força de cerco corta as vias de retirada do inimigo. As unidades de Cavalaria poderão atuar como força de pressão direta ou, preferentemente, como força de cerco.

3-11. FORMAS DE MANOBRA TÁTICA OFENSIVA

a. Desbordamento - Esta forma de manobra é a mais adequada aos elementos de Cavalaria por permitir explorar com maior eficiência as características da Arma. O ataque principal ou de desbordamento é dirigido para a conquista de um objetivo à retaguarda do inimigo ou sobre seu flanco, evitando sua principal posição defensiva, cortando seus itinerários de fuga e sujeitando-o ao risco da destruição na própria posição. O desbordamento é executado pelas tropas de Cavalaria sobre um flanco vulnerável do inimigo ou sua retaguarda, a fim de evitar o engajamento decisivo com a principal força defensiva. Um ou mais ataques secundários fixam o inimigo para impedir seu retraimento e para reduzir suas possibilidades de reagir contra o ataque principal, forçando-o a combater simultaneamente em duas direções. O(s) ataque(s) secundário(s) deve(m), sempre que possível, iludir o inimigo quanto à localização ou à existência do ataque principal. O duplo desbordamento é uma variante do desbordamento.

b. Envolvimento - Junto com a forma de manobra “Desbordamento”, o envolvimento permite à Cavalaria explorar melhor as suas características. A força atacante contorna a principal força inimiga, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, forçando-a a abandonar sua posição ou a deslocar forças poderosas para fazer face à ameaça envolvente. O inimigo é, então, destruído em local e em ocasião de escolha do atacante. Normalmente, é necessário um ataque secundário para fixar o inimigo. A força de Cavalaria que executa o movimento envolvente deve ser móvel e forte para operar independentemente.

c. Penetração - A penetração deve ser executada quando os flancos inimigos não são vulneráveis. Na penetração a força atacante orienta seu ataque principal através da posição defensiva inimiga, a fim de romper a continuidade desse dispositivo. A finalidade da manobra é romper o dispositivo do adversário, dividi-lo e derrotá-lo por partes. Uma penetração, para ser bem sucedida, exige a concentração de forças superiores no local selecionado para romper a defesa do adversário. A penetração é conseguida através de três ações básicas: ruptura da posição defensiva inicial; ocupação ou alargamento da brecha; conquista de objetivos que quebrem a continuidade da defesa e

criem a oportunidade de aproveitamento do êxito. As tropas de cavalaria participam da penetração executando quaisquer das ações básicas.

d. Infiltração - É uma forma de manobra tática ofensiva na qual procura-se desdobrar uma força à retaguarda de uma posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir uma missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que se infiltra. Para a execução da infiltração é fundamental a obtenção da surpresa.

e. Ataque frontal - É uma forma de manobra tática ofensiva que consiste em um ataque incidindo ao longo de toda a frente, com a mesma intensidade, sem que isto implique o emprego de todos os elementos em linha. Aplica-se um poder de combate esmagador sobre um inimigo consideravelmente mais fraco ou desorganizado, para destruí-lo ou capturá-lo, ou para fixá-lo numa ação secundária. As tropas de cavalaria podem participar de um ataque frontal desencadeado pelo escalão superior.

3-12. OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

a. Generalidades - Durante a realização de operações ofensivas, de qualquer tipo ou forma, são executadas outras ações que não caracterizam, necessariamente, novos tipos ou formas de operações. Essas ações podem representar uma parte importante da execução de uma ofensivsa.

b. O combate de encontro

(1) O combate de encontro é a ação que ocorre quando uma força em deslocamento, ainda não completamente desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, em movimento ou parada, sobre a qual se dispõe de poucas informações.

(2) Em AOC, com forças altamente móveis e dispersas lateralmente e em profundidade, em amplos espaços, atuando primordialmente ao longo dos eixos rodoviários, os combates de encontro podem ocorrer freqüentemente, desde o nível brigada até o mais baixo escalão.

(3) No combate de encontro, o comandante da força defronta-se, normalmente, com três linhas de ação:

(a) procurar romper o contato e desbordar a força inimiga;

(b) atacar diretamente partindo do dispositivo de marcha, tão logo as forças possam ser lançadas no combate (ataque de oportunidade);

(c) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso possa ser empregado em um esforço coordenado, seja ofensiva, seja defensivamente.

(4) O objetivo principal do comandante no combate de encontro é a obtenção e a manutenção da iniciativa. O sucesso neste tipo de ação exige que o inimigo seja mantido em uma situação de desequilíbrio para as ações ofensivas.

(5) O combate de encontro é uma ação de grande importância para a Cavalaria. Ele ocorrerá normalmente durante o cumprimento de missões de reconhecimento, de força de cobertura avançada em combate ofensivo, nas marchas para o combate e no aproveitamento do êxito. As características da Arma e a organização das tropas de Cavalaria favorecem a obtenção e a manutenção da iniciativa nos combates de encontro. Os comandantes de brigada, unidade e subunidade devem estar preparados para este tipo de ação durante as operações da Arma. A rapidez no acionamento dos comandos subordinados, a prontidão para este tipo de ação e o amplo uso de ordens fragmentárias e missões pela finalidade contribuirão para o sucesso num combate de encontro.

c. Incursão

(1) A incursão é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, compreendendo uma rápida penetração, um desbordamento ou envolvimento em área sob controle do inimigo, realizada com a finalidade de obter informações, confundi-lo, atrair suas reservas ou destruir suas instalações. Não há idéia de conquista ou manutenção do terreno.

(2) As unidades de cavalaria blindada são as mais capacitadas para realizar incursões, em virtude de sua ação de choque, velocidade, mobilidade e potência de fogo.

(3) A incursão termina com um retraimento planejado, após o cumprimento da missão.

(4) Normalmente são realizadas incursões nas operações ofensivas do tipo ataque, reconhecimento em força e aproveitamento do êxito.

d. Dissimulação Tática

(1) Generalidades

(a) As operações de dissimulação tática são empregadas para induzir o inimigo a levantar, de forma incorreta ou incompleta o dispositivo das forças amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

(b) Ataques secundários, incursões, fintas, demonstrações e dissimulação eletrônica, desde que destinados a iludir ou enganar o inimigo, são algumas operações de dissimulação tática.

(c) A dissimulação tática contribui para a segurança, para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso da operação. Pode ser empregada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso dos homens, material e tempo.

(d) A Cavalaria é altamente capacitada a executar essas operações, em face das características de mobilidade e flexibilidade que lhe possibilitam, com rapidez, deslocar, concentrar e dispersar meios.

e. Fintas - São ações em força com a finalidade de iludir o inimigo quanto à frente em que será realizado o ataque principal. Normalmente são ataques pouco profundos, de objetivo limitado, e podem variar, em seu vulto, desde uma pequena incursão até um ataque secundário. A finta é mais eficiente quando se apresenta como uma séria ameaça ao inimigo; quando há várias linhas de ação

exeqüíveis para o ataque e, quando a composição da força permite provocar a reação desejada. Algumas destas reações desejadas são :

(1) forçar o inimigo ao emprego inadequado de suas reservas;

(2) orientar o fogo de apoio inimigo para longe do ataque principal;

(3) forçar o inimigo a revelar os fogos defensivos ou acostumá-lo a ataques pouco profundos, de modo a se obter surpresa quando for executada a ação decisiva.

f. Demonstração - É uma atuação ou uma apresentação de forças em uma área onde a decisão não está sendo procurada. Difere da finta por que não há progressão contra o inimigo. As forças de demonstração empregam fogos, fumaça e outros artifícios com a finalidade de iludir o inimigo quanto as nossas possibilidades. As demonstrações são mais eficientes quando o inimigo e as forças de demonstração estão separadas por um obstáculo.

ARTIGO V

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

3-13. GENERALIDADES

As unidades e GU da Arma poderão conduzir, isoladamente, ou como parte de outras GU, todos os tipos de operações defensivas: a defesa em uma ou mais posições e os movimentos retrógrados, sendo mais aptas a esta última. (Fig 3-4)

Fig 3-4. Cavalaria blindada. Operações defensivas. Contra-ataque

3-14. DEFESA EM POSIÇÃO

a. A Cavalaria realiza qualquer uma das formas de manobra da defesa em posição, seja a defesa móvel ou de área, opondo resistências ao inimigo compatíveis com suas características e possibilidades.

b. Em uma defesa de área, os elementos de Cavalaria podem cumprir missões integrando as forças de segurança, participando das forças da área de defesa avançada, constituindo ou sendo parte das forças de reserva.

c. Na defesa móvel, os elementos de Cavalaria podem participar, tanto das forças de segurança, como das forças da área de defesa avançada (força de fixação) ou das forças em reserva.

d. Embora as GU e U de Cavalaria possam, isoladamente, empregar técnicas de defesa móvel, a Divisão de Exército (DE) é o menor escalão que dispõe de todos os meios para conduzir tal forma de manobra.

3-15. MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. Generalidades - As GU e U de Cavalaria são as mais adequadas para a execução das manobras defensivas caracterizadas por movimentos retrógrados, conduzidas para retardar o inimigo, levá-lo a uma situação desfavorável, permitir o emprego do grosso da força em outro local, evitar o combate sob condições desfavoráveis e ganhar tempo sem engajamentos decisivos.

b. A Cavalaria, executando missões de segurança, com freqüência se engaja nos seguintes tipos de movimentos retrógrados:

(1) Ação retardadora - é o movimento retrógrado no qual uma força sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Uma ação retardadora pode ser realizada em uma ou mais posições, o que é mais normal. Quando a ação retardadora é realizada em mais de uma posição de retardamento, pode-se empregar a técnica do retardamento em posições sucessivas ou do retardamento em posições alternadas, ou, ainda, utilizar uma adequada combinação de ambas. A força de retardamento mantém o contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente.

(2) Retraimento - é o movimento retrógrado por meio do qual, o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do escalão superior. Ele pode ser executado durante o dia ou à noite, sob ou sem pressão do inimigo. A despeito do tipo de retraimento que está sendo conduzido, o contato com as forças inimigas é mantido para proporcionar segurança e dissimulação.

(3) Retirada - é o movimento retrógrado realizado por uma força sem contato com o inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente. A retirada pode ser feita seguindo-se a um retraimento ou quando não houver contato com o inimigo. Normalmente, é executada para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis.

c. Os movimentos retrógrados, normalmente, consistem de ações descentralizadas, no quadro geral das operações. A coordenação e o controle eficientes de tais operações, no entanto, exigem que seu planejamento seja centralizado.

d. As formas de retardamento, bem como o número de posições a selecionar, são resultantes das características da área de operações, do prazo a ganhar e dos meios disponíveis.

e. O terreno e as condições meteorológicas têm uma influência fundamental no planejamento e na condução dos movimentos retrógrados.

f. Em todos os tipos de movimentos retrógrados, devem ser tomadas medidas para proporcionar segurança à frente, nos flancos, à retaguarda das forças e contra ataques aéreos. Medidas de dissimulação são empregadas para iludir o inimigo quanto ao movimento, durante o retraimento.

CAPÍTULO 4

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

4-1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

a. As ações comuns às operações básicas são aquelas ações realizadas em complemento às operações ofensivas e defensivas, com grau de intensidade variável em cada tipo de operação. Estas ações comuns às operações básicas que mais dizem respeito à Cavalaria, além do reconhecimento e segurança (já abordados neste manual), são:

(1) a vigilância de combate;

(2) as operações de substituição em posição, ultrapassagem e acolhimento; e

(3) a segurança de área de retaguarda

b. As operações complementares destinam-se a apoiar as operações básicas e a contribuir para o incremento e a aplicação do poder de combate. A junção é a operação complementar mais característica da Cavalaria.

ARTIGO II

VIGILÂNCIA DE COMBATE

4-2. GENERALIDADES

a. A vigilância de combate consiste na observação sistemática e contínua do campo de batalha. É um dos principais meios para a detecção e localização

de unidades, instalações e atividades do inimigo. Compreende todas as técnicas utilizadas para se observar áreas críticas, estradas, pontes, áreas de lançamento, de aterragem e etc.

b. A vigilância de combate é influenciada pelas condições de visibilidade, terreno, cobertas naturais ou artificiais, possibilidades de defesa do inimigo e pelas características do material de vigilância disponível.

c. A vigilância de combate faz parte da segurança de qualquer unidade e é conduzida em todos os tipos de operações. No entanto, a cavalaria mecanizada tem grande aptidão para o seu desempenho e a conduz, normalmente, como parte inerente às missões de reconhecimento e segurança, pela manutenção de uma contínua e sistemática observação sobre uma extensa área, a fim de coletar e transmitir informes sobre o inimigo e a área de operações.

d. Em toda operação está incluída a vigilância de combate, que se apresenta sob as seguintes formas:

(1) Visual - executada, particularmente, no cumprimento das missões de reconhecimento e segurança. Emprega equipamentos de visão noturna, lunetas, binóculos, etc... É a forma de vigilância mais adequada para a cavalaria mecanizada.

(2) Eletrônica - consiste na vigilância realizada com o emprego de meios especiais, como os radares de vigilância terrestre, câmeras de televisão, equipamentos de guerra eletrônica, câmeras de imagem térmica, etc... A cavalaria mecanizada emprega radares de vigilância terrestre nos RCMec e Esqd C Mec para aumentar sua capacidade de identificação de forças inimigas nas operações de reconhecimento, de segurança e na defensiva.

(3) Fotográfica - consiste no emprego de equipamentos fotográficos especiais, montados em aeronaves ou veículos aéreos não tripulados (VANT). Este tipo de vigilância de combate, atualmente, não é realizado pela Cavalaria.

ARTIGO III

SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO, ULTRAPASSAGEM E ACOLHIMENTO

4-3. GENERALIDADES

a. As operações de ultrapassagem e de acolhimento são de especial interesse para a Cavalaria, particularmente a blindada e a mecanizada. Muitas de suas missões são iniciadas com a ultrapassagem de uma outra tropa desdobrada no terreno, em contato com o inimigo, ou terminam com um acolhimento em uma posição defensiva ou de retardamento.

b. A conservação do poder de combate, a manutenção da eficiência operacional, o atendimento às imposições dos planos táticos e a necessidade de reequipar, reinstruir e treinar as forças para operações especiais podem exigir a realização das operações de substituição em posição, ultrapassagem

e acolhimento. As GU e U de Cavalaria podem participar de operações dessa natureza ou podem, elas próprias, conduzi-las e controlá-las.

c. A maior movimentação de tropas e de material na realização dessas operações, exige a detalhada consideração de medidas para reduzir a vulnerabilidade e o risco de ataque inimigo na ocasião de serem executadas. A cooperação e coordenação dos planos entre comandos envolvidos são essenciais. Deve ser mantida a aparência de atividade normal durante tais operações. A máxima utilização dos períodos de visibilidade reduzida ou de escuridão facilitam a execução dessas operações. O sigilo, a dissimulação e a velocidade de execução devem ser realçados. A transferência de responsabilidade do comando nessas operações deve ser minuciosamente planejada.

4-4. SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

a. A substituição em posição é uma operação de combate em que, por determinação do escalão superior, uma força ou parte dela é substituída por outra em uma área de combate. A missão e a zona de ação ou setor da GU ou U substituída são transferidas para a força que a substitui. O objetivo desta operação é o prosseguimento da defesa ou a preparação para um ataque subseqüente.

b. As unidades de Cavalaria, normalmente, não conduzem uma operação de substituição em posição, devido à dificuldade inerente de camuflar o movimento das suas viaturas. Todavia, podem ser obrigadas a participar como parte de uma GU ou podem mesmo dirigir e controlar substituições em posição de suas subunidades.

4-5. ULTRAPASSAGEM

a. A ultrapassagem é uma operação de combate em que uma força ataca através de uma outra que está em contato com o inimigo. O objetivo desta operação pode ser a substituição de uma unidade exaurida, desfalcada, dispersa ou sem condições de prosseguir ou iniciar um ataque.

b. Os elementos da força que está sendo ultrapassada permanecem em posição e apoiam a força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A partir deste momento, podem continuar em posição ou serem empregados em outras missões.

c. A Bda C Mec normalmente apoia uma ultrapassagem, particularmente, quando atua como força de cobertura avançada (F Cob Avçd) em operações ofensivas.

d. A Bda C Bld, tendo em vista suas características, normalmente, conduz operações de substituição realizando uma ultrapassagem.

4-6. ACOLHIMENTO

a. O acolhimento é uma operação, na qual, uma força que realiza um movimento retrógrado passa através da zona de ação de uma outra que ocupa posição defensiva à retaguarda. Esta operação é realizada quando se deseja substituir uma força que esteja demasiadamente empenhada ou se encontre muito desgastada. Pode também ocorrer como parte de um movimento retrógrado ou para permitir o retraimento de uma força que deva cumprir uma outra missão.

b. A força em posição apóia ao máximo a força que retrai e toma a si a missão retardadora dessa última, ou a de defesa, quando o retraimento, através de sua posição, for completado.

c. A força acolhida realiza um retraimento através da posição. A força que retrai recebe prioridade nas estradas e nos meios de apoio disponíveis, desde que isso não interfira na defesa. As áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição, ou em seus flancos. Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para os carros de combate e viaturas blindadas, devem evitar os locais organizados da posição defensiva. As medidas para o reconhecimento mútuo das forças envolvidas e para identificação da força que acolhe quando a operação for completada, devem ser muito bem planejadas e treinadas, a fim de serem evitados incidentes de fratricídio (fogo amigo).

d. A Bda C Mec, pelas suas características, é a tropa mais indicada a atuar como F Cob Avçd. No cumprimento dessas missões é acolhida pelas forças que integram a posição defensiva.

ARTIGO IV

SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA

4-7. GENERALIDADES

a. A segurança e o controle geral de uma área são da responsabilidade do comandante de maior posto na área. A segurança de área de retaguarda compreende dois tipos de ações: a defesa da área de retaguarda e o controle de danos.

b. As instalações da área de retaguarda, que anteriormente estavam protegidas pela distância da frente de combate, podem estar, agora, dentro do alcance das armas inimigas. Tal fato, aliado às frentes extensas, aos grandes intervalos entre as forças de combate e aos modernos conceitos de combate não-linear e ação em profundidade, aumenta a vulnerabilidade das forças e instalações da retaguarda e exige que maior ênfase seja dada à segurança da área de retaguarda e às medidas de contra-inteligência.

c. Apesar de se constituírem em dois planejamentos distintos, ambos realizados pelo Controlador de Segurança da Área de Retaguarda, os planos de defesa da área de retaguarda e de controle de danos complementam-se nas providências a serem tomadas, uma vez que a finalidade de ambos é a preservação das unidades, das instalações, das atividades de apoio logístico e das vias de transporte na área de retaguarda.

4-8. A CAVALARIA NA DEFESA DE ÁREA DE RETAGUARDA (DEFAR)

a. A cavalaria mecanizada, tendo em vista suas características de mobilidade e flexibilidade, normalmente, é a força mais adequada para emprego na DEFAR.

b. Um sistema eficaz de defesa de área de retaguarda deve estabelecer:

(1) comandante único, responsável pelas atividades na mesma área geográfica, com meios permanentes de comando e controle necessários ao exercício de sua função;

(2) definição de responsabilidades geográficas;

(3) estrutura de controle que evite conflitos entre as organizações responsáveis pela defesa da área de retaguarda, pelo controle de danos e pelo apoio logístico.

c. A composição e o valor das forças designadas para missões de defesa de área de retaguarda devem ser baseados na estimativa das possibilidades do inimigo e na missão principal de toda a força.

d. A defesa bem-sucedida ou a destruição das forças inimigas na área de retaguarda dependem da capacidade das forças amigas reagirem rapidamente e da eficiência do sistema de comunicações.

e. A localização e a fixação do inimigo são os principais problemas na defesa de área de retaguarda. Isso será melhor obtido por meio do controle de áreas favoráveis às ações do inimigo, até que ele revele sua localização e seja possível o lançamento de operações para a sua destruição.

f. Devem ser preparados planos para a defesa de áreas e instalações críticas. Poderão ser empregadas, com limitações, as tropas de apoio logístico para a segurança de suas próprias instalações. Uma força de segurança deve ser disposta em regiões favoráveis, de onde seus elementos possam deslocar-se para bloquear ameaças do inimigo.

g. Uma vez localizado o inimigo, os elementos da força de defesa de área de retaguarda, não engajados no bloqueio, são reunidos rapidamente, para a ação decisiva de sua destruição. As forças podem agir por iniciativa própria; no entanto, deve ser estabelecido o controle, a fim de assegurar coordenação, logo que a natureza da ameaça seja definida.

ARTIGO V

JUNÇÃO

4-9. GENERALIDADES

a. A junção é uma operação que envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam o contato físico. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento e uma outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes. Tal encontro pode ocorrer em operações aeroterrestres ou aeromóveis, na substituição de uma força isolada, num ataque para juntar-se à força de infiltração, na ruptura do cerco a uma força, no auxílio a uma força dividida, na convergência de forças independentes ou no encontro com tropas de guerrilha amigas.

b. Quando a junção ocorre entre uma força estacionária e uma força móvel, chamada força de junção, ela compreende uma ação ofensiva do elemento de junção que procura o contato físico entre as forças, executada simultaneamente com uma ação predominantemente defensiva, realizada pela força estacionária, com a finalidade de manter a posse da região onde será feita a junção. Assim, uma operação de junção, inicialmente, é executada como uma ofensiva normal. À medida que se aproxima o momento da junção, a coordenação e o controle são intensificados por meio de restrições impostas a ambas as forças.

c. Quando duas forças em movimento realizam uma junção, devem ser intensificadas as medidas de coordenação e controle. Após a sua concretização, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

4-10. A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

a. A cavalaria blindada, pelas suas características, é a força mais indicada para a realização de operações de junção.

b. Ao planejar a realização de uma junção, um comandante de Cavalaria deve assegurar-se da estreita coordenação de esforços entre a força de junção e a força estacionária (ou em movimento). Deve ser prevista uma ampla troca de informações entre as duas forças, inclusive a troca dos planos elaborados para a operação, conseqüentes de planejamentos prévios e minuciosos, realizados com o propósito de reduzir os riscos inerentes a esse tipo de operação.

c. As seguintes providências devem ser tomadas no planejamento de uma operação de junção:

(1) relações e responsabilidades de comando;
(2) ligações de comando e de estado-maior;
(3) coordenação dos esquemas de manobra;
(4) medidas de coordenação e de apoio de fogo;

(5) coordenação e troca de planos de comunicações;
(6) compatibilização dos sistemas de comunicações;
(7) estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo; e
(8) ações a serem realizadas após a junção.

CAPÍTULO 5

OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

5-1. GENERALIDADES

a. As operações sob condições especiais de ambiente ocorrem quando o combate é travado em regiões de clima altamente desfavorável ou em terrenos difíceis. Em certas circunstâncias, podem ser necessários equipamentos adicionais ou treinamento especializado.

b. O terreno, em um caso, pode reduzir a impulsão das operações ou canalizar o movimento das forças de combate, aumentando sua vulnerabilidade quanto à localização e identificação pelo inimigo. Em outros casos, pode oferecer cobertura e proteção natural contra os efeitos dos ataques inimigos.

c. A utilização do terreno adverso pelas forças em combate pode aumentar as oportunidades para se obter a surpresa, uma vez que, em geral, favorecem a infiltração, as incursões e as operações de guerrilha.

d. A Cavalaria, particularmente a blindada, ao ser empregada nesse tipo de terreno, deverá organizar-se em forças-tarefas. Os elementos blindados e mecanizados poderão contribuir para localizar, atacar, fixar e destruir as forças inimigas. A integração de forças blindadas, de infantaria e engenharia serão, na maior parte das vezes, a melhor solução para o combate em terrenos difíceis como as regiões de selva, matas densas, serras e na caatinga.

e. As forças mecanizadas serão aí melhor empregadas, realizando operações de isolamento, como força de reação ou como reserva móvel e potente.

ARTIGO II

OPERAÇÕES EM REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

5-2. GENERALIDADES

a. O emprego de viaturas blindadas em regiões de serras e terrenos montanhosos será, normalmente, restrito às estradas e trilhas. (Fig 5-1)

b. Nas operações em regiões desse tipo deve-se dar especial atenção às informações sobre o terreno obtidas junto aos habitantes da área. Todavia, deve-se buscar estas informação em cartas topográficas atualizadas, bem como, em fotografias aéreas, imagens de radar e satélite, entre outros.

c. As regiões de serras e os terrenos montanhosos retardam o movimento e restringem a mobilidade, reduzem os efeitos do fogo e tornam difíceis as comunicações e o apoio logístico. As estradas são, normalmente, escassas e exigem manutenção intensiva.

d. A existência de diversas serras e regiões montanhosas no território brasileiro, em especial as localizadas junto à fronteira norte e nas regiões sul e sudeste, onde é possível o emprego de viaturas blindadas, faz com que este tipo especial de combate seja enfocado com atenção pelas unidades de Cavalaria, particularmente as mecanizadas, que poderão vir a ser empregadas nessas áreas, seja em operações de combate convencional ou irregular.

Fig 5-1. Cavalaria mecanizada atuando em região serrana

5-3. EMPREGO DA CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

a. O emprego da Cavalaria nas operações em regiões de serras e terrenos montanhosos será mais reduzido que nos terrenos abertos. Entretanto, as possibilidades de realização de fogo direto dos blindados indicam o seu emprego, sempre que possível, na força de manobra.

b. Neste tipo de região, o movimento é canalizado para as poucas estradas existentes nos vales e nas trilhas localizadas nas partes altas do terreno. Esta característica possibilita o emprego de emboscadas contra blindados e o estabelecimento de pontos fortes.

c. Dependendo da região, o tiro dos canhões dos CC e VBR poderá ficar prejudicado em função da limitação do ângulo de tiro vertical do armamento. A progressão das viaturas será lenta, sendo necessária a realização de um eficiente e minucioso reconhecimento, para detectar possíveis emboscadas anticarro do inimigo, antes de cada lanço.

d. Em operações ofensivas, se o terreno permitir, os blindados podem ser empregados em apoio aos fuzileiros desembarcados. Quando o terreno apresentar corredores favoráveis ao movimento e que permitam o emprego de carros de combate, esses podem participar do ataque.

e. Nas operações defensivas, o emprego da Cavalaria é muito limitado. Contudo, sempre que possível, devem ser aproveitadas as características dos carros de combate e das viaturas blindadas em ações ofensivas.

ARTIGO III

OPERAÇÕES EM REGIÕES DE MATA DENSA E DE SELVA

5-4. GENERALIDADES

a. Nas regiões de mata densa e de selva o emprego de forças blindadas e mecanizadas ficará, em princípio, restrito aos eixos terrestres existentes na região, às localidades e às áreas desmatadas ou abertas que possam existir ao longo dos eixos. (Fig 5-2)

b. A cobertura vegetal nas áreas de matas densas e de selvas dificulta o movimento do homem a pé e impede o movimento de viaturas em seu interior, reduz a observação terrestre e aérea, os campos de tiros tornam-se restritos pela densidade das árvores e as comunicações rádio são restritas. Entretanto, esta cobertura vegetal proporciona facilidade para a camuflagem das forças, favorecendo a obtenção da surpresa.

c. No território nacional existem grandes áreas cobertas pela floresta amazônica, mata atlântica, de araucárias ou por matas cultivadas (reflorestamento), que permitem o emprego de forças blindadas e mecanizadas determi-

nadas em locais específicos, como as estradas e localidades. As características e possibilidades da Cavalaria e de suas viaturas blindadas, se exploradas adequadamente, poderão contribuir de forma decisiva para o sucesso das operações nestas regiões de densa cobertura vegetal, aumentando o poder de combate da tropa e permitindo que o emprego da infantaria seja direcionado para as operações no interior da selva e das matas densas, onde suas características podem ser melhor exploradas.

Fig 5-2. Cavalaria mecanizada atuando na região amazônica

5-5. INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE NO COMBATE NAS REGIÕES DE SELVAS (Fig 5-3)

a. As selvas são áreas de florestas equatoriais densas e de clima quente, úmido ou superúmido, cujas características impõem o emprego de formas especiais de combate. As características dessas regiões que mais interferem nas operações são:

(1) as elevadas temperaturas, a grande pluviosidade e intensa umidade;
(2) vegetação densa e exuberante e abundância de águas interiores;
(3) a fraca densidade demográfica; e
(4) a escassez de vias de transporte terrestres.

b. O meio ambiente agressivo exige do combatente adaptação orgânica e adestramento especial.

c. A adversidade do clima, das condições meteorológicas e das dificuldades para a realização do apoio logístico exigem redobrados cuidados com o material e os suprimentos, a fim de mantê-los em boas condições de uso e consumo.

d. A grande umidade exige cuidados especiais na manutenção e conservação dos optrônicos e equipamentos de observação em geral, a fim de conservá-los eficazes.

Fig 5-3. Cavalaria mecanizada deslocamento na região amazônica

5-6. EMPREGO DA CAVALARIA NAS REGIÕES DE SELVA E DE MATAS DENSAS

a. Para a Cavalaria, o emprego de tropas nas áreas de mata densa e selva dificultará a exploração de algumas de suas características e imporá a adoção de técnicas e processos de combate e de apoio logístico especiais. As principais modificações táticas e logísticas deverão ser:

(1) a grande redução na mobilidade das frações, restrita aos eixos e espaços abertos junto a estes e nas localidades;

(2) a redução dos campos de tiro e de observação;

(3) alterações nas técnicas e processo de deslocamento;

(4) permanente necessidade de segurança em todas as direções;

(5) maior dependência do apoio dos fuzileiros blindados ou a pé e da engenharia;

(6) maior importância das missões de defesa e segurança de áreas de retaguarda, como a de escolta de comboios, a defesa de pontos fortes e a segurança de pontos sensíveis;

(7) maior necessidade de manutenção de todos os equipamentos, armamentos e viaturas, e o conseqüente aumento do consumo de suprimentos classe III e IX;

(8) maior dificuldade na exploração das comunicações rádio;

(9) aumento na realização de missões desembarcadas, particularmente dos elementos mecanizados e dos fuzileiros blindados.

(10) restrições ao emprego dos canhões das viaturas blindadas e dos morteiros;

(11) exigência de maior ação de comando, particularmente na manutenção do moral da tropa e do estado de saúde dos combatentes (selva); e

(12) maior atenção e cuidados na confecção e distribuição da alimentação e no suprimento de água (selva).

b. As restrições para o deslocamento de tropas mecanizadas e blindadas em regiões de selva e de matas densas, limitando o movimento aos poucos eixos terrestres existentes, só aconselha o emprego de tropas de Cavalaria até o nível regimento.

c. As forças blindadas e mecanizadas, quando empregadas em áreas de selva e de mata densa, só deverão operar sob a forma de forças-tarefas, reunindo, no mínimo, fuzileiros, viaturas blindadas e engenharia.

d. Nas regiões de selva o emprego da Cavalaria será, em princípio, restrito às missões de segurança e na defesa em posição. Seu emprego em operações ofensivas será muito limitado e condicionado a características especiais do terreno, devendo, entretanto, ser realizado sempre que possível.

e. Nestas regiões, as principais ações táticas serão realizadas ao longo dos eixos existentes, crescendo de importância os acidentes do terreno que permitam o controle da circulação, como as localidades, os nós rodoviários, os campos de pouso e os ancoradouros.

f. A Cavalaria poderá ser empregada nas operações em áreas de selva na defesa de bases de combate e pontos fortes nas localidades, ancoradouros, campos de pouso e ao longo das estradas; na escolta de comboios e como reserva móvel e potente no interior de bases de combate de maior porte e importância.

g. Nas regiões de mata densa a Cavalaria poderá conduzir operações

defensivas e ofensivas; executar missões de reconhecimento e de segurança, limitadas aos eixos, às clareiras e localidades. Sua capacidade de manobra será limitada sendo, por isso, seu emprego restrito às pequenas frações. A Cavalaria deverá sempre estar associada aos fuzileiros blindados ou a pé, que poderão estender a segurança da tropa no interior da mata, desbordar pontos fortes do inimigo e dificultar o cerco ou o desbordamento da força mecanizada ou blindada.

h. Seja nas áreas de mata densa ou de selva, a proteção blindada e o poder de fogo da Cavalaria poderão ser fatores decisivos nas operações ofensivas, defensivas e na segurança das áreas de retaguarda. O emprego judicioso de forças mecanizadas ou blindadas em apoio a infantaria ao longo dos eixos terrestre, nas localidades e nas bases de combate e pontos fortes, caracteriza a aplicação do princípio de guerra "da economia de forças" , permitindo que a maior parte das forças de infantaria sejam empregadas onde suas características possam melhor ser exploradas, viabilizando a aplicação dos princípio de guerra "da ofensiva", "da massa" e "da manobra".

ARTIGO IV

OPERAÇÕES NA CAATINGA

5-7. GENERALIDADES

As áreas de caatinga possuem as seguintes características gerais: baixa pluviosidade, pouca umidade, altas temperaturas, grande diferença de temperatura entre o dia e a noite, rápida recuperação da vegetação à chegada das chuvas e dificuldade de movimentos fora das poucas estradas existentes, em determinados tipos de terreno.

5-8. OPERAÇÕES DA CAVALARIA EM REGIÕES DE CAATINGA

a. Nas regiões de caatinga as operações da Cavalaria são facilitadas pela existência de campos de tiro e observação amplos e profundos, apesar do movimento ser restrito às trilhas e estradas em determinadas áreas. A vegetação ressecada, os seixos e pedras do terreno poderão restringir o movimento de viaturas, exigir maior atenção por parte dos motoristas e maior trabalho das equipes de manutenção. (Fig 5-4)

b. As operações nas áreas de caatinga são influenciadas pelos seguintes fatores:

(1) campos de tiro mais extensos;

(2) menor restrição à manobra, porém, maiores restrições quanto a localização e utilização das vias de transportes terrestres;

(3) aumento das necessidades de segurança e das medidas de dissimulação de combate, tendo em vista as dificuldades de camuflagem para forças blindadas e mecanizadas;

(4) maiores possibilidades de se obter a surpresa pela rapidez de movimento;

(5) aumento dos problemas de apoio logístico; e

(6) elevadas necessidades de suprimento e manutenção para viaturas e equipamentos, motivadas pela poeira, rochas e variações de temperatura.

Fig 5-4. Cavalaria mecanizada atuando na Caatinga. Sertão Nordestino

c. As ações de desbordamento e envolvimento são favorecidas possibilitando um melhor aproveitamento das características da Cavalaria.

d. Nas operações na caatinga a execução do apoio logístico é difícil e cresce de importância o controle das localidades e das fontes de víveres e água.

ARTIGO V

OPERAÇÕES EM REGIÕES CONTAMINADAS COM AGENTES QUÍMICOS, BIOLÓGICOS E NUCLEARES (QBN)

5-9. GENERALIDADES

a. Considerando-se que o ataque, principalmente de agentes químicos e biológicos, é relativamente simples de ser executado e pode ser uma opção tática e estratégica até mesmo de exército de baixo nível de sofisticação tecnológica, a defesa e a proteção QBN devem ser tratadas com destaque em todos os planejamentos militares.

b. Quando da contaminação de determinada região do campo de batalha por agente Químico, Biológico ou Nuclear (QBN), a idéia da defesa e da proteção deve ser colocada em posição de destaque. A principal preocupação das tropas que sofrem um ataque QBN é o preparo e a adequação aos materiais de proteção do mesmo. Esta preparação para a proteção deve envolver o indivíduo às frações especializadas e restrições de ordem tática que serão impostas para as operações.

b. Em princípio, áreas contaminadas por agentes QBN devem ser evitadas. Sendo imprescindível a sua utilização, será necessário que a tropa tenha um rigoroso preparo na utilização dos materiais e equipamentos de defesa QBN, individuais e coletivos, além dos trabalhos de descontaminação após o contato físico com os agentes nas áreas contaminadas. (Fig 5-5)

c. O manual de campanha C 3-40 “Defesa Contra Ataques Químicos, Biológicos e Nucleares” trata do assunto com maiores detalhes.

Fig 5-5. Emprego de equipamento de proteção contra agentes químicos

5-10. EMPREGO DA CAVALARIA EM REGIÕES CONTAMINADAS COM AGENTES QBN

As operações de tropas blindadas e mecanizadas sob as condições de contaminação QBN apresentam as seguintes restrições:

a. utilização de equipamentos de proteção coletiva para as guarnições das viaturas blindadas;

b. necessidade de equipes especializadas em defesa QBN para os trabalhos de descontaminação;

c. emprego da tropa somente com a utilização de equipamentos especiais de defesa QBN, como máscaras contra gases e roupas protetoras;

d. necessidade de distribuir à tropa detectores de agentes químicos e nucleares, além de estojos de primeiros socorros individuais mais complexos, com vacinas e antídotos contra agentes biológicos;

e. maior grau de complexidade na operação do armamento e de equipamentos diversos, na condução de viaturas e na observação do campo de batalha, em função das restrições impostas pelos equipamentos individuais de proteção QBN;

f. redução no ritmo das operações e maior dificuldade na execução das ações táticas planejadas.

CAPÍTULO 6

OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

ARTIGO I

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

6-1. GENERALIDADES

a. Operação aeroterrestre é aquela que envolve o movimento aéreo e a introdução, numa área de objetivo, de forças de combate e dos respectivos apoios, para a execução de missão tática ou estratégica.

b. Força aeroterrestre é uma força combinada, conjunta ou força-tarefa combinada, organizada para a execução de operações aeroterrestres compreendendo, normalmente, unidades de transporte de tropa da força aérea e unidades terrestres (pára-quedistas e/ou aerotransportadas).

6-2. A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

a. A cavalaria pára-quedista participa de operações aeroterrestres, como tropa orgânica da Brigada de Infantaria Pára-quedista (Bda Inf Pqdt). Suas principais missões nas operações de assalto aeroterrestre são a realização de operações de reconhecimento e de segurança.

b. A cavalaria pára-quedista poderá ser lançada (ou aerotransportada) na cabeça-de-ponte aérea ou sobre objetivos de segurança afastados desta. Atuará, em princípio, embarcada em suas viaturas. Na impossibilidade do lançamento das viaturas orgânicas, poderá atuar a pé, cumprindo neste caso, com limitações, as missões de reconhecimento e segurança em proveito da Bda Inf Pqdt.

c. A Cavalaria numa cabeça-de-ponte aérea poderá contribuir para o seu estabelecimento e manutenção, através da execução de ações ofensivas e defensivas limitadas, constituindo-se em reserva da brigada ou atuando como força de segurança.

d. Atuando fora da cabeça-de-ponte aérea poderá realizar reconhecimentos de eixo, área e zona, em frentes e profundidades compatíveis com os meios a sua disposição e cumprir missões de segurança, particularmente a proteção e vigilância. Normalmente, receberá a missão de bloquear os eixos que demandam ao interior da cabeça-de-ponte aérea e, se necessário, retardar o inimigo até ser acolhida pelo escalão superior.

d. A cavalaria pára-quedista poderá, ainda, realizar ligações de combate e atuar como vanguarda ou flancoguarda da brigada.

ARTIGO II

OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

6-3. GENERALIDADES

a. Operação aeromóvel é toda operação realizada por força de helicópteros (F Helcp) ou forças aeromóveis, de valor unidade (U) ou subunidade (SU), visando o cumprimento de missões de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado escalão da F Ter ao qual esteja subordinada.

b. A surpresa, a flexibilidade, a manobra, a oportunidade e a velocidade para vencer rapidamente grandes distâncias e ultrapassar obstáculos do terreno constituem características comuns nas operações aeromóveis.

c. A Cavalaria pode valer-se da aeromobilidade proporcionada pela Aviação do Exército, quando esta estiver cumprindo suas missões de combate, apoio ao combate e apoio logístico, num quadro de operações aeromóveis.

6-4. A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

a. Não é normal o emprego da Cavalaria nas operações de assalto aeromóvel. Entretanto, no cumprimento de missão de reconhecimento e de segurança, particularmente nas operações das forças de cobertura e de proteção, na ação retardadora, no aproveitamento do êxito e na perseguição, quando houver disponibilidade de apoio de helicópteros, a cavalaria poderá aumentar o dinamismo e a eficiência de suas ações por meio da estreita conjugação de esforços com a(s) F Helcp.

b. O emprego de fuzileiros e exploradores da Cav Mec, Pqdt ou dos RCB em operações aeromóveis poderá ser realizada para:

(1) realizar incursões e infiltrações;
(2) executar fintas e demonstrações;
(3) acelerar a conquista de objetivos;
(4) realizar assaltos de pequena envergadura sobre obstáculos fracamente defendidos ou não defendidos pelo inimigo;
(5) conquistar e manter, por tempo limitado, acidentes capitais e objetivos de segurança;
(6) vigiar ou bloquear vias de acesso, nas ações retardadoras e nas missões de proteção; e
(7) ocupar posições de bloqueio e acidentes capitais no aproveitamento do êxito e na perseguição.

ARTIGO III

OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS DE ÁGUA

6-5. GENERALIDADES

a. Os cursos de água obstáculo impõem restrições ao movimento e à manobra e constituem-se em linhas naturais de resistência favoráveis ao defensor.

Fig 6-1. Transposição de curso d'água

b. A operação de transposição de um curso de água obstáculo, que não dispõe de passagens utilizáveis e sua segunda margem encontre-se defendida pelo inimigo, comporta, normalmente, a conquista e a manutenção de uma cabeça-de-ponte. Neste caso, a travessia em si do curso de água é apenas um meio para o prosseguimento das operações na segunda margem.

c. As transposições de curso de água podem ser imediatas ou preparadas. A transposição imediata é aquela realizada com um mínimo de perda de impulsão e caracteriza-se pela velocidade, surpresa, audácia e descentralização das ações. A transposição preparada é aquela realizada após preparativos de vulto e caracteriza-se pela centralização do planejamento e da execução das operações. Quando o rio não estiver defendido, são realizadas travessias de oportunidade.

6-6. A CAVALARIA NAS TRANSPOSIÇÕES DE CURSO DE ÁGUA OBSTÁCULO

a. Durante a realização de missões de segurança como as de força de cobertura e força de proteção, nos reconhecimentos, no aproveitamento do êxito, na ação retardadora ou mesmo quando participar de operações ofensivas fazendo parte de uma força maior, a Cavalaria freqüentemente realizará operações de transposição de curso de água obstáculo.

b. Nas operações ofensivas, as forças de Cavalaria poderão ser empregadas nas seguintes missões, a fim de contribuírem para o êxito e a rapidez da operação de transposição do curso de água obstáculo:

(1) reconhecimento de locais de travessia;

(2) conquista de pontes e meios descontínuos de travessia intactos;

(3) conquista dos locais de travessia;

(4) conquista e manutenção de objetivos que dominem os locais de travessia;

(5) realização de fintas e demonstrações; e

(6) contra-ataques para neutralizar penetrações do inimigo na cabeça-de-ponte.

c. Quando a Cavalaria, no aproveitamento do êxito, encontra um curso de água obstáculo, realiza todos os esforços para prosseguir no avanço, sem paradas ou concentrações de valor significativo em ambas as margens. As unidades são dirigidas para a conquista de regiões de passagens. A aproximação do rio deve ser feita com a máxima velocidade e em uma larga frente, buscando a surpresa. Quando não é possível conquistar pontes intactas, busca-se realizar uma transposição imediata, em larga frente, tirando proveito, em particular, das características anfíbias das viaturas blindadas. Os carros de combate poderão apoiar pelo fogo a transposição dos primeiros elementos, até que sejam criadas as condições para sua própria transposição.

d. A transposição de um curso de água obstáculo, por uma força que realiza um movimento retrógrado, requer um planejamento tão detalhado

quanto possível e um controle centralizado. Não se trata de uma operação de transposição ofensiva conduzida ao inverso. Ela poderá comportar uma ação retardadora, uma defesa e a transposição propriamente dita.

e. As tropas de cavalaria blindada e mecanizada, em face das suas características e dos meios de dotação, são aptas à execução da transposição imediata. Na transposição preparada são indicadas, também, para realizarem fintas e demonstrações.

ARTIGO IV

OPERAÇÕES EM ÁREAS FORTIFICADAS

6-7. GENERALIDADES

a. Uma área fortificada caracteriza-se por numerosos trabalhos defensivos e posições organizadas, dispostos em largura e em profundidade, que se apóiam mutuamente. Raramente uma área fortificada é constituída por uma única posição fortemente organizada.

b. As forças de combate, normalmente, evitam o combate ofensivo em áreas fortificadas. Quando isso não é possível, procuram, com um mínimo de forças, fixar as posições fortificadas, enquanto a força principal continua o avanço para a conquista de objetivos mais distantes e decisivos. A redução de uma área fortificada pode incluir um cerco ou um ataque pela retaguarda.

6-8. A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM ÁREAS FORTIFICADAS

a. Não é aconselhável o emprego de forças de Cavalaria no ataque ou na defesa de uma área fortificada. Neste tipo de operação, onde as forças são obrigadas a emassar-se, constituindo alvos compensadores, a progressão é lenta e os obstáculos artificiais dificultam a progressão de viaturas blindadas, impedindo, assim, que as características da Arma sejam corretamente exploradas.

b. As forças de Cavalaria, quando empregadas em uma operação em áreas fortificadas, deverão tomar parte na realização do cerco ou na execução de desbordamentos e envolvimentos, com a finalidade de conquistar objetivos à retaguarda dessa área.

ARTIGO V

OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS (LOCALIDADES)

6-9. GENERALIDADES

a. As áreas edificadas são acidentes capitais importantes sobre os quais, de um modo geral, são conhecidas informações detalhadas. Proporcionam bons abrigos e cobertas, mas podem apresentar dificuldades para a defesa em face de sua susceptibilidade à neutralização ou destruição pelo fogo.

b. As localidades, quando reduzidas a escombros, mantêm suas características defensivas e restringem o emprego de forças blindadas e mecanizadas.

c. O combate em áreas edificadas caracteriza-se pelas ações aproximadas, pelos limitados campos de tiro, pela limitada observação, pela canalização do movimento de viaturas e pela dificuldade de controle das tropas.

6-10. A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS

a. A restrição ao movimento de viaturas e os limitados campos de tiro e de observação dificultam o emprego de forças blindadas e mecanizadas nas operações em áreas edificadas. A canalização do movimento das viaturas facilita sua destruição pela defesa anticarro. Como nas áreas fortificadas, o emprego da Cavalaria no assalto às áreas edificadas não se constitui na melhor exploração das características da Arma. As forças blindadas e mecanizadas deverão, em princípio, ser empregadas no cerco da área.

b. A Cavalaria pode ter que combater em áreas edificadas, com a finalidade de limpar uma localidade defendida e necessária para prosseguir em seu avanço, manter abertas as vias de transportes terrestres críticas ou pela não disponibilidade de elementos mais aptos à realização de tais ações.

c. Ataque a uma localidade

(1) Quando possível, as áreas edificadas devem ser desbordadas e isoladas.

(2) O ataque a uma localidade comporta o emprego de uma força de isolamento e de uma força de investimento.

(3) A força de isolamento bloqueia as vias de acesso à localidade, conquistando regiões que interceptem as entradas e saídas da mesma e que permitam apoiar as ações de investimento. A missão desta força é destruir os elementos inimigos que tentem entrar ou sair da localidade e apoiar a força de investimento. Forças-tarefas, à base de unidades de cavalaria blindada, constituem os elementos mais adequados para comporem uma força de isolamento.

(3) A força de investimento, que executa a progressão no interior da localidade, é constituída basicamente por fuzileiros e exploradores, sendo

reforçada por carros de combate e viaturas blindadas quando o seu emprego contribuir decisivamente para a conquista da localidade.

(4) Na Bda C Bld, o elemento mais adequado para constituir uma força de investimento será uma força-tarefa à base de seu Batalhão de Infantaria Blindado. Na Bda C Mec, o elemento mais adequado a constituir uma força de investimento é o seu Regimento de Cavalaria Blindado.

d. Defesa de uma localidade

(1) As áreas edificadas constituem obstáculos ao movimento, não só das forças amigas de contra-ataque como das inimigas que atacam. Conseqüentemente, deve ser considerada a possibilidade de conduzir a defesa fora da área. Nestes casos, as ações de defesa ficarão, normalmente, a cargo de forças-tarefas fortes em fuzileiros, enquanto os contra-ataques serão realizados por força-tarefa forte em carros de combate.

(2) A defesa de uma área edificada é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade da defesa e proporcionem facilidades ao movimento e a liberdade de ação do defensor. Deve ser feito o máximo emprego dos escombros e outros obstáculos. A defesa é organizada em profundidade.

ARTIGO VI

OPERAÇÕES ANFÍBIAS

6-11. GENERALIDADES

a. As grandes unidades de cavalaria blindada e mecanizada têm condições de participar de operações anfíbias, como parte de uma força maior.

b. A cavalaria blindada, devido às características de suas viaturas e de seu equipamento, normalmente, não participa das etapas iniciais da fase do assalto. Entretanto, em determinadas situações, pode tornar-se indicado o emprego de unidades blindadas com a finalidade de estabelecer a junção com forças aeromóveis ou aeroterrestres, ou para conquistar um ponto-chave do terreno que domine a área de desembarque.

c. Uma vez desembarcados na praia, os elementos de Cavalaria operam com as mesmas características do combate terrestre.

CAPÍTULO 7

A CAVALARIA BLINDADA

ARTIGO I

CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

7-1. CARACTERÍSTICAS

a. Generalidades

(1) A cavalaria blindada constitui-se em uma força altamente móvel e potente, equipada e adestrada para conduzir o combate embarcado. Seu poder de combate repousa no emprego combinado dos carros de combate e dos fuzileiros blindados. A possibilidade de rapidamente concentrar-se ou dispersar-se no campo de batalha fazem da cavalaria blindada um elemento chave na decisão do combate em AOC. (Fig 7-1)

(2) A grande unidade (Bda C Bld) e as unidades blindadas da Cavalaria (RCC e RCB) são organizadas, equipadas e instruídas para o cumprimento de missões de caráter ofensivo, altamente móveis, caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado, seja em operações ofensivas, seja em operações defensivas.

(3) A cavalaria blindada combate, normalmente, sob a forma de Força-Tarefa (FT). As Bda Bld (de Cavalaria ou de Infantaria) organizam suas peças de manobra para o combate em forças-tarefas: FT RCC e FT BIB. O RCB, orgânico da Bda C Mec, é organizado permanentemente sob a forma de FT.

(4) Força-Tarefa é " um grupamento temporário de forças, de valor unidade ou subunidade, sob comando único, integrado por peças de manobra de natureza e/ou tipos diferentes, formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate. Pode enquadrar também elementos de apoio ao combate e de apoio logístico. Em qualquer caso, é organizada em torno de um núcleo de tropas de infantaria ou cavalaria, acrescido dos apoios necessários "(C 100-5 - OPERA-

ÇÕES, edição 1997, na página 2-12, capítulo 2, artigo II, item 2-22, letra "**a.**"). O elemento de combate núcleo da FT deverá ser sempre um escalão acima do(s) outro(s) elemento(s) de combate que a integra(m).

Fig 7-1. Cavalaria blindada

(5) Normalmente, o objetivo de uma força de cavalaria blindada, em operações ofensivas ou defensivas, será a destruição de forças blindadas ou mecanizadas do inimigo.

b. São características da Cavalaria Blindada:

(1) Mobilidade - A elevada mobilidade é decorrente, principalmente, de sua organização, de seus carros de combate, de suas viaturas blindadas e de seu sistema logístico móvel. Esta característica permite grande rapidez nas ações, na dispersão e concentração, no engajamento e desengajamento ou, ainda, no deslocamento de uma área para outra.

(2) Potência de fogo - A elevada potência de fogo é dada pela capacidade de estocar munição e pela quantidade e variedade de seu armamento coletivo: canhões dos carros de combate; mísseis, canhões sem recuo e lança-foguetes anticarro; morteiros pesados e médios; lança-granadas e metralhadoras.

(3) Proteção blindada - A proteção blindada de suas viaturas blindadas contra fogos de armamento leve e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia, permite a realização do combate embarcado.

(4) Ação de choque - A ação de choque decorre, particularmente, da combinação da potência de fogo com o rápido movimento dos carros de

combate. Depende, portanto, da surpresa obtida pela mobilidade e pelo emprego do armamento orgânico e do apoio aéreo.

(5) Flexibilidade - A flexibilidade é decorrente, fundamentalmente, da sua organização, do seu sistema de comunicações e da capacidade de seus quadros, cuja formação é motivo de especiais cuidados.

(6) Sistema de comunicações amplo e flexível - Seu sistema de comunicações assegura ligações rápidas entre os diversos escalões de comando, o que lhe dá a possibilidade de explorar, convenientemente, suas demais características e uma decorrente presteza no cumprimento das ordens.

Fig 7-2. Fuzileiros blindados do RCB

7-2. POSSIBILIDADES

a. A cavalaria blindada tem possibilidade de emprego em todos os tipos de operações. Suas características são melhor exploradas no cumprimento de missões de caráter ofensivo, altamente móveis, caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado, seja em operações ofensivas, seja em operações defensivas.

b. Suas características básicas garantem condições para o combate continuado contra qualquer tipo de força terrestre, mesmo sob condições meteorológicas adversas.

c. A conjugação da proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e mobilidade dos blindados produz um grande poder de destruição e um significativo grau de segurança às suas guarnições, além de produzir, também, efeitos psicológicos no inimigo, que os tornam bastante adequados para a condução de incursões, fintas e demonstrações.

Fig 7-3. VBC,CC Leopard 1 A 1

7-3. LIMITAÇÕES

As principais limitações da cavalaria blindada são:

a. quanto ao inimigo:

(1) vulnerabilidade aos ataques aéreos;

(2) sensibilidade ao largo emprego de minas, de armas AC e aos obstáculos artificiais;

b. quanto ao terreno e condições meteorológicas:

(1) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos;

(2) necessidade de rede viária para apoiá-la;

c. quanto aos meios:

(1) o ruído e a poeira decorrentes dos deslocamentos não lhe permite operar com o sigilo muitas vezes desejado;

(2) a capacidade de transposição de cursos de água dos carros de combate é limitada;

(3) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente, manutenção e suprimentos das classes III, V e IX;

(4) limitada mobilidade estratégica, devido ao elevado desgaste nos trens de rolamento dos blindados;

(5) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para deslocamentos administrativos a grandes distâncias.

ARTIGO II

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

7-4. BRIGADA DE CAVALARIA BLINDADA (Bda C Bld)

a. É uma GU cujas características principais são a ação de choque, a mobilidade, a potência de fogo e a proteção blindada.

b. A Bda C Bld deve ser empregada, prioritariamente, nas missões ofensivas altamente móveis, particularmente, as incursões, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

c. No Exército Brasileiro é o mais alto escalão de Cavalaria que emprega meios blindados. É uma GU apta a combater a grandes distâncias do grosso das forças, mercê dos meios de combate, de apoio ao combate e logísticos que organicamente possui. A Bda C Bld pode integrar uma Divisão de Exército ou um Exército de Campanha.

d. Tem como elementos de manobra 2 (dois) RCC, 1 (um) Btl Inf Bld e 1 (um) Esq C Mec. (Fig 7-4)

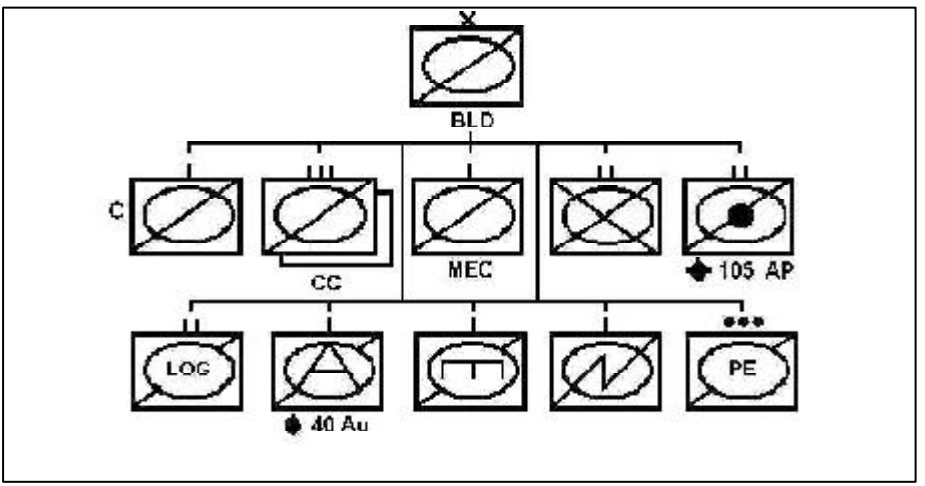


Fig 7-4. Brigada de Cavalaria Blindada

7-5. REGIMENTO DE CARROS DE COMBATE (RCC)

a. O RCC é a unidade tática de emprego de carros de combate nas brigadas blindadas. Em princípio, será empregado sob a forma de força-tarefa, recebendo para isso, uma ou mais Cia Fzo Bld do Btl Inf Bld da brigada.

b. Os Regimentos de Carros de Combate são orgânicos da Bda C Bld (dois RCC) e das Bda Inf Bld (um RCC).

c. Os RCC têm por missão cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque; destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo e de contra-ataques.

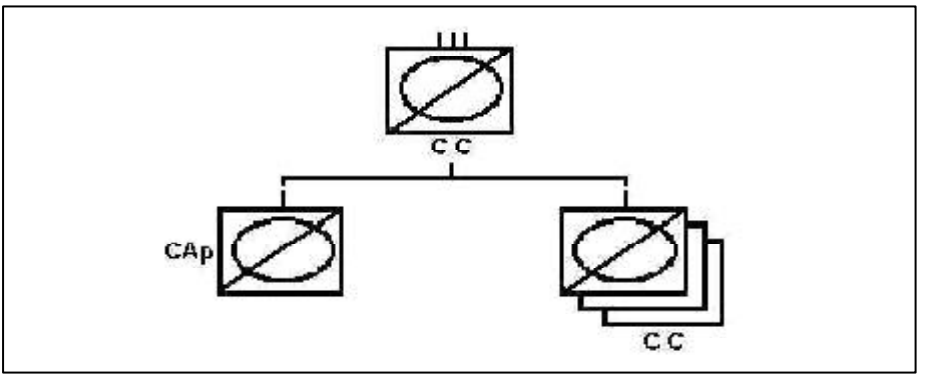


Fig 7-5. Regimento de Carros de Combate de Bda C Bld

d. Os RCC são organizados com 1 (um) esquadrão de comando e apoio e 3 (três) esquadrões de carros de combate nas Bda C Bld (Fig 7-5) ou 4 (quatro) esquadrões de carros de combate nas Bda Inf Bld. (Fig 7-6)

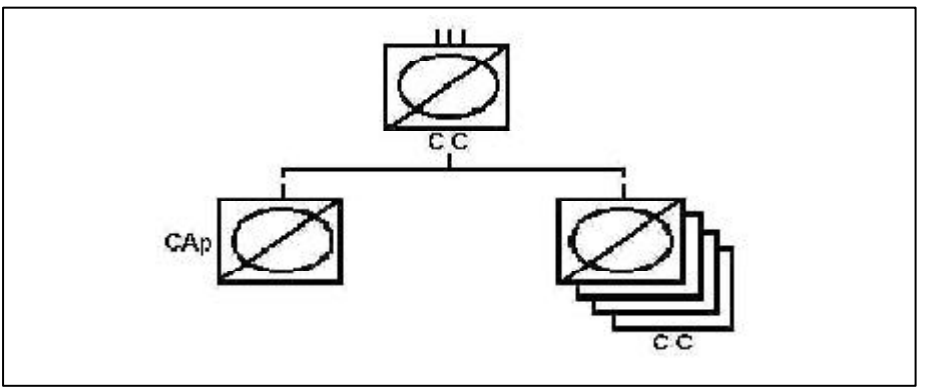


Fig 7-6. Regimento de Carros de Combate de Bda Inf Bld

7-6. REGIMENTO DE CAVALARIA BLINDADO (RCB)

a. O RCB é a peça de manobra da Bda C Mec que, por sua organização, realiza o emprego combinado de carros de combate com fuzileiros blindados. Por seus meios orgânicos, proporciona à Bda maior capacidade ofensiva e um considerável reforço à sua defesa anticarro.

b. O RCB tem por missão cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra, o combate aproxima-

do e ação de choque e manter o terreno, impedindo, resistindo e repelindo o ataque inimigo por meio do combate aproximado do fogo e de contra-ataques.

c. Os RCB são organizados com 2 (dois) esquadrões de carros de combate, 2 (dois) esquadrões de fuzileiros blindados e 1 (um) esquadrão de comando e apoio. (Fig 7-7)

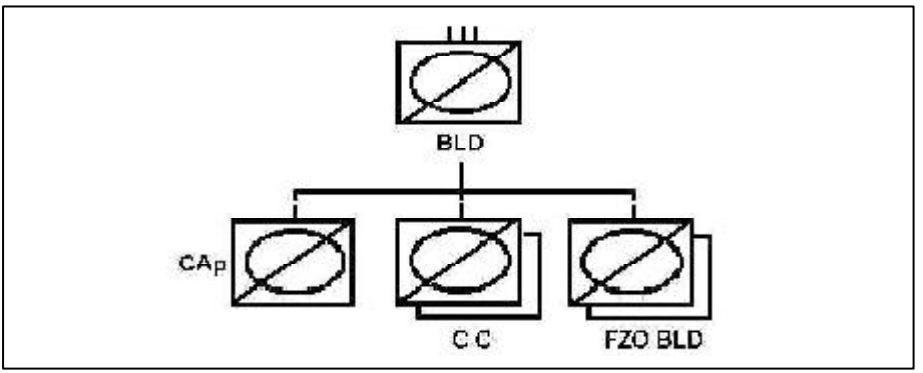


Fig 7-7. Regimento de Cavalaria Blindado

ARTIGO III

EMPREGO NAS OPERAÇÕES

7-7. GENERALIDADES

a. Os Regimentos de Carros de Combate são empregados sob a forma de FORÇAS-TAREFAS, organizadas pelas suas GU, recebendo uma ou mais Cia Fzo Bld do BIB e cedendo seus Esqd CC para essa OM.

b. As Bda C Mec poderão empregar seus RCB como um todo ou reforçar os RCMec com FT SU Bld do RCB, quando necessário.

c. A menor fração de carros de combate ou fuzileiros blindados a reforçar outra OM é a subunidade (Esqd CC, Esqd Fzo Bld ou Cia Fzo Bld).

d. As unidades ou subunidades de carros de combate não devem ser empregadas em reforço (ou integrando) às brigadas ou batalhões de infantaria motorizada, exceto, nas situações extremas de conduta das operações. O emprego combinado de brigadas blindadas com brigadas de infantaria a pé (ou Mtz) poderá ser realizado nas Divisões de Exército.

7-8. RECONHECIMENTO

Embora execute todos os tipos de reconhecimento em beneficio próprio e possa fazê-lo, também, em proveito do escalão superior, esta não é a missão mais adequada para a cavalaria blindada, tendo em vista as suas características específicas.

7-9. SEGURANÇA

a. A missão de segurança mais adequada à cavalaria blindada é a de constituir ou participar, nas operações defensivas, de uma força de cobertura cuja finalidade principal seja ganhar tempo ou desgastar o inimigo.

b. Uma força de cobertura, em operações ofensivas ou defensivas, deverá, sempre que possível, contar com elementos de cavalaria blindada.

Fig 7-8. VBC, CC M 60 A 3 TTS

7-10. OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. As unidades de cavalaria blindada cerram sobre o inimigo e o destroem, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque de seus carros de combate. O emprego da potência de fogo e da capacidade de manobra é feito para dominar, neutralizar ou destruir as forças inimigas, controlar determinada área ou desorganizar áreas de retaguarda inimigas.

b. O comandante de Cavalaria planeja, ousada e cabalmente, e ataca de maneira violenta e decisiva, a fim de aproveitar ao máximo a ação de choque para destruir o homem, o material e a vontade de resistir do inimigo. A violência

das ações contribui para o sucesso do ataque, conduzindo o inimigo a uma situação em que não poderá mais resistir.

c. Normalmente, o objetivo de uma força de cavalaria blindada é uma outra força blindada. Durante o ataque busca orientar-se segundo o movimento dessa força e não por objetivos definidos no terreno. Entretanto, poderão ocorrer situações em que a conquista de objetivos no terreno seja considerada importante para impedir que a força blindada inimiga possa manobrar ou para isolá-la.

d. Embora as GU e unidades de cavalaria blindadas possam conduzir ou participar de quaisquer das formas de manobra e tipos de operações ofensivas, suas ações mais normais em tais operações são :

(1) executar o desbordamento, explorando um flanco vulnerável da posição defensiva inimiga;

(2) realizar o envolvimento de uma posição defensiva inimiga;

(3) realizar um ataque de penetração, quando a posição inimiga é pouco profunda e há grande possibilidade de se passar de imediato a um aproveitamento do êxito;

(4) realizar um aproveitamento do êxito logo após ou mesmo antes de ultimada a penetração na posição defensiva do inimigo;

(5) participar de uma perseguição, normalmente, como força de cerco.

Fig 7-9. VBC,CC M 41 A 3 C

7-11. OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. Defesa em Posição

(1) Nas operações defensivas a cavalaria blindada é o principal elemento com que o comandante de uma força conta para conduzir as ações dinâmicas de defesa e retomar a iniciativa. Por esta razão, não é normal que uma GU ou unidade de cavalaria blindada receba a missão de defender uma zona de ação.

(2) As unidades blindadas são aptas para:

(a) reforçar as forças de segurança, a fim de dar-lhes condições de desaferramento;

(b) reforçar uma GU da área de defesa avançada, a fim de dar-lhes condições de conduzir as ações dinâmicas e também suplementar sua defesa anticarro;

(c) participar das forças da reserva, aumentando o poder de combate da força de contra-ataque;

(d) participar, também, das forças de segurança de área de retaguarda (SEGAR).

(3) Em uma defesa de área, a missão normal de uma GU de cavalaria blindada é constituir ou participar das forças de reserva de uma DE ou Ex Cmp.

(4) Em uma defesa móvel, a missão normal de uma GU de cavalaria blindada é constituir ou participar da reserva para executar os contra-ataques que visem à destruição do inimigo.

(5) Em qualquer das formas de manobra, defesa móvel ou defesa de área, as missões que, normalmente, cabem à cavalaria blindada são de caráter ofensivo. Isto é verdadeiro para qualquer escalão de comando: a subunidade que reforça uma unidade, a unidade que reforça uma GU, a unidade ou GU de cavalaria blindada integrante de um grande comando.

b. Movimentos retrógrados

(1) Na ação retardadora

(a) As unidades de cavalaria blindada são capazes de infligir pesadas perdas às unidades inimigas durante a ação retardadora.

(b) A facilidade que os blindados possuem para desengajar-se do combate, mesmo sob pressão do inimigo, tornam a cavalaria blindada altamente capaz de conduzir tais ações. Normalmente, caberá a ela, juntamente com a cavalaria mecanizada, a missão de retardar o inimigo, dando a segurança necessária ao escalão superior para conduzir as operações conforme os planejamentos realizados.

(c) As tropas blindadas, realizando uma ação retardadora, estarão, freqüentemente, desenvolvidas em uma larga frente, a cavaleiro dos eixos. As unidade ou subunidades podem estar amplamente dispersas, especialmente durante os deslocamentos para a retaguarda. Por esta razão, os comandantes subordinados devem estar cientes do conceito da operação como um todo e da intenção de seu comandante, para assegurar uma execução efetiva e inteligente da operação. O rádio é o principal meio de comunicações de todos os escalões para exercer o controle e a coordenação.

(d) As características dos blindados permitem impor ao inimigo um retardamento contínuo, mesmo em movimento. Assim, qualquer que seja a forma de retardamento adotada, a cavalaria blindada retarda, também, entre as posições.

(e) São executadas ações ofensivas limitadas em todas as oportunidades que se apresentem, inclusive como meio de dissimulação ou para desaferrar tropas engajadas decisivamente no combate

Fig 7-10. VBTP M 113 B

(2) No retraimento

(a) Os blindados são os elementos mais capacitados para executar o retraimento sob pressão do inimigo, embora o retraimento sem pressão seja o mais indicado.

(b) Qualquer tropa que execute um retraimento deverá dispor de elementos blindados para empregá-los, seja no destacamento de segurança, quando se trata de um retraimento sob pressão do inimigo, seja no destacamento de contato, no caso de um retraimento sem pressão.

(c) O retraimento deverá realizar-se, de preferência, à noite ou sob condições de visibilidade reduzida para furtar-se, particularmente, da ação aérea do inimigo.

(3) Na retirada - Uma retirada pode ser precedida de um retraimento ou executada sem que haja contato com o inimigo. Na retirada, a cavalaria blindada organiza-se em colunas de marcha e adota todas as medidas de segurança necessárias. Durante o estágio inicial da retirada, o controle pode ser descentralizado para os comandantes subordinados. Entretanto, à medida que a força se afasta do inimigo, seu comandante reassume o controle centralizado.

CAPITULO 8

A CAVALARIA MECANIZADA

ARTIGO I

CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

8-1. CARACTERÍSTICAS

a. Generalidades

(1) A cavalaria mecanizada constitui-se em uma força altamente móvel e potente capaz de conduzir ações de reconhecimento e segurança em frentes largas e a grandes profundidades.

(2) Pode ser, também, empregada em operações ofensivas e defensivas.

(3) A cavalaria mecanizada deve ser considerada como uma força blindada leve. (Fig 8-1)

b. São características da cavalaria mecanizada:

(1) Mobilidade - As unidades mecanizadas de Cavalaria são altamente móveis. As possibilidades técnicas e operacionais de suas viaturas, parte das quais são anfíbias, permitem deslocamentos em alta velocidade em estradas e um bom rendimento em caminhos secundários e através do campo, o que lhes proporciona boa mobilidade tática e estratégica.

(2) Potência de fogo - As unidades mecanizadas de Cavalaria possuem elevada potência de fogo, em face da quantidade e diversidade do seu armamento, em grande parte instalado nas próprias viaturas, e da capacidade de estocagem de munição.

(3) Proteção blindada - O grau de proteção blindada contra fogos de armas portáteis e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia varia com as características das viaturas, sendo de maior valor nas viaturas blindadas.

(4) Ação de choque - Resulta da combinação da potência de fogo com o rápido movimento das viaturas blindadas. A ação de choque depende da surpresa obtida pela mobilidade e pelo emprego do armamento das viaturas blindadas, dos fogos de artilharia, de morteiros e da aviação.

(5) Flexibilidade - A mobilidade através do campo, em estradas e em caminhos secundários, a instrução peculiar de suas unidades, a versatilidade de sua organização, permitindo composições adequadas a cada situação e o sistema de comunicações de que dispõe, possibilitam o emprego da cavalaria mecanizada em largas frentes e a grandes profundidades. Permitem, também, que suas unidades desengajem-se com facilidade e sejam empregadas, com rapidez, em novas direções.

(6) Sistema de comunicações amplo e flexível - Permite que o comando execute com presteza o controle e a coordenação em ações de grande profundidade e em extensas frentes, assegurando ligações rápidas e continuadas.

Fig 8-1. Cavalaria mecanizada

8-2. POSSIBILIDADES

a. As tropas de cavalaria mecanizada têm possibilidades de emprego em todos os tipos de operações.

b. São especialmente aptas a realizar operações de segurança e reconhecimento em largas frentes e a grandes profundidades, ligações de combate e tamponamento de brechas.

c. Na ofensiva participa das operações altamente móveis.

d. Na defensiva é adequada para atuar como força de fixação e nos movimentos retrógrados. Pode, ainda, ser empregada como elemento de economia de forças e nas ações dinâmicas da defesa.

Fig 8-2. VBR EE9 Cascavel

8-3. LIMITAÇÕES

As principais limitações da cavalaria mecanizada são:

a. quanto ao inimigo

(1) vulnerabilidade aos ataques aéreos;

(2) vulnerável ao emprego de minas AC e obstáculos artificiais.

b. quanto ao terreno e condições meteorológicas:

(1) mobilidade restrita em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos;

(2) necessidade de malha viária para apoiá-la;

(3) vulnerabilidade às condições meteorológicas adversas que limitam a sua mobilidade, particularmente, através campo.

c. quanto aos meios:

(1) o ruído e a poeira prejudicam o sigilo;

(2) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente, manutenção e suprimento classes III, V e IX.

Fig 8-3. VBTP EE 11 Urutu

ARTIGO II

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

8-4. BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA (Bda CMec)

a. Suas principais características são a grande mobilidade e a elevada potência de fogo, além de um sistema de comunicações amplo e flexível que lhe permite operar em largas frentes e grandes profundidades.

b. A Bda C Mec é especialmente apta para cumprir missões de segurança e reconhecimento. Pode realizar operações ofensivas altamente móveis. Na defensiva é adequada a atuar como força de fixação, na defesa móvel, e nos movimentos retrógrados. É apta a ser empregada como elemento aplicação do princípio de economia de forças.

c. A Bda C Mec é o mais alto escalão de Cavalaria que emprega meios mecanizados e possui capacidade de atuar independentemente e de durar na ação. É organizada para o cumprimento de missões em proveito de uma Divisão de Exército ou de um Exército de Campanha.

d. Seus elementos de manobra são 2 (dois) RCMec e 1 (um) RCB (Fig 8-4).

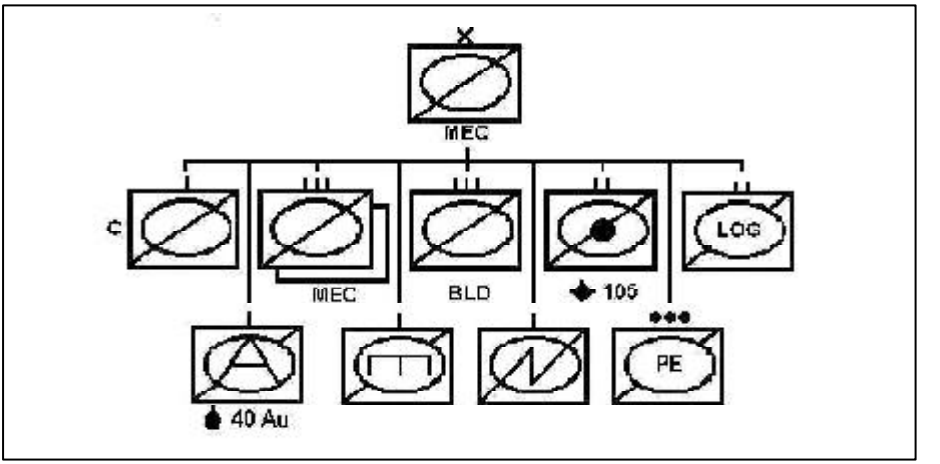


Fig 8-4. Brigada de Cavalaria Mecanizada

8-5. REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO (RCMec)

a. O RCMec é a unidade tática de emprego da cavalaria mecanizada, sendo orgânico da Bda C Mec (dois) e da Divisão de Exército (um).

b. São missões do RCMec: realizar operações de reconhecimento e segurança, operações ofensivas e defensivas limitadas, no cumprimento daquelas missões, ou como elemento de economia de forças, em proveito do escalão superior que o enquadra.

c. Os RCMec são organizados com 3 (três) esquadrões de cavalaria mecanizados e 1 (um) esquadrão de comando e apoio. (Fig 8-5)

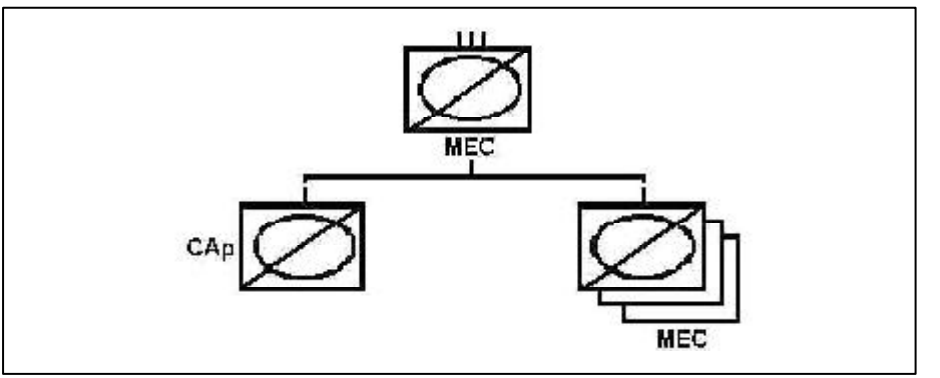


Fig 8-5. Regimento de Cavalaria Mecanizado (RCMec)

d. A característica de flexibilidade da cavalaria mecanizada, proporcionada principalmente pela versatilidade de organização de suas OM, permite que o Cmt RCMec organize sua Unidade em Esquadrões Provisórios ou os seus Esqd C Mec em Pelotões Provisórios, permitindo composições adequadas a cada situação. A missão recebida pela OM, o terreno e o tempo disponível para o cumprimento da missão poderão levar o RCMec a adotar estruturas provisórias em determinada fase da operação ou no cumprimento de uma missão. A adoção de uma estrutura provisória poderá conduzir à necessidade de se reorganizar, provisoriamente, o Esqd C Ap, em função das novas necessidades dos sistemas de manobra, comando e controle, apoio de fogo e logístico da OM. Em princípio, o RCMec será empregado com sua estrutura composta por Esqd C Mec (03 (três) Pel C Mec). As estruturas provisórias são uma possibilidade para enfrentar determinadas situações do combate.

e. Os Esquadrões Provisórios poderão ser organizados somente com pelotões homogêneos de exploradores (Exp), de fuzileiros blindados (Fzo Bld), de viaturas blindadas de reconhecimento (VBR) ou de morteiros, uma composição destes tipos de pelotões provisórios ou acrescentando-se à estrutura organizacional do Esqd C Mec (03 (três) Pel C Mec) outros pelotões de exploradores, fuzileiros ou VBR, conforme as necessidade impostas pela missão ou pelo terreno. A estrutura organizacional do RCMec e de suas subunidades, permitem ao Cmt organizar seu regimento com uma variada gama de estruturas provisórias, cada uma adequada a um determinado tipo de situação específica.

8-6. ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO (Esqd C Mec)

a. O Esq C Mec é a subunidade tática de emprego da cavalaria mecanizada. É a menor fração da cavalaria mecanizada a reforçar outra Unidade. São orgânicos das Bda C Mec, Inf Bld e Inf Mtz (um por brigada). Integram também os RCMec das Bda C Mec e DE. Algumas Bda Inf Sl, em função das características da região onde operam, possuem em suas estruturas organizacionais um Esqd C Mec.

b. O Esqd C Mec tem por missão realizar operações de reconhecimento e segurança, bem como, participar de operações ofensivas e defensivas limitadas, no cumprimento daquelas missões ou como elemento de economia de forças, em proveito do escalão superior que o enquadra.

c. Os Esqd C Mec são organizado com 3 (três) pelotões de cavalaria mecanizados e 1 (um) pelotão de comando e apoio (seção de comando e apoio nos Esqd C Mec dos RCMec). (Fig 8-6)

d. O Cmt Esqd C Mec poderá também, como no RCMec, organizar a sua subunidade em Pelotões Provisórios, permitindo uma composição mais adequadas de seus meios para enfrentar determinada situação. A missão recebida, o terreno e o tempo disponível para o cumprimento da missão poderão levar o Esqd C Mec a adotar estruturas provisórias em determinada fase da operação ou no cumprimento de uma missão.

e. Os pelotões provisórios poderão ser organizados somente com frações homogêneas de exploradores (Exp), de fuzileiros blindados (Fzo Bld),de viaturas blindadas de reconhecimento (VBR) ou de morteiros, ou acrescentando-se à estrutura organizacional do Pel C Mec (GE, Sec VBR, GC e Pç Ap) outras frações de exploradores, fuzileiros, VBR ou morteiros, conforme as necessidade impostas pela missão ou pelo terreno.

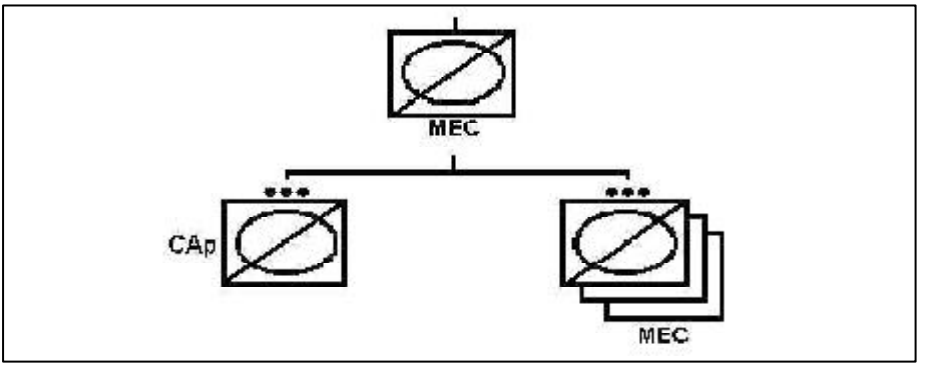


Fig 8-6. Esquadrão de Cavalaria Mecanizado

ARTIGO III

EMPREGO NAS OPERAÇÕES

8-7. RECONHECIMENTO

A cavalaria mecanizada é o elemento mais adequado das forças terrestres para realizar qualquer dos tipos de reconhecimento. Suas características, organização e instrução a tornam altamente capacitada para executar tais missões.

8-8. SEGURANÇA

a. Generalidades - Por ser organizada e instruída, particularmente, para o desempenho de missões de segurança e de reconhecimento, a cavalaria mecanizada é o elemento das forças terrestres mais adequado para cumprir missões de segurança em qualquer dos seus graus, seja como força de cobertura, força de proteção ou força de vigilância.

b. Força de cobertura

(1) Nas operações ofensivas, normalmente, cabem à cavalaria mecanizada as missões de força de cobertura avançada ou de flanco. Quando esta for de valor unidade, convém ser reforçada com carros de combate, sempre que for provável o emprego de VBC,CC pelo inimigo.

(2) Como a força de cobertura opera independentemente e a uma distância considerável da força principal, normalmente, o menor escalão que

a constitui é de valor unidade, reforçada com blindados e meios de apoio ao combate e apoio logístico.

c. Força de proteção - Os elementos de cavalaria mecanizada são os mais indicados para cumprimento de missões de proteção, tendo em vista, particularmente, suas características de mobilidade e de flexibilidade. A força de proteção não deve perder de vista sua finalidade, qual seja a de proteger a força que a destacou contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques de surpresa do inimigo.

d. Força de vigilância - Em uma missão de vigilância, normalmente, a frente atribuída ao elemento que a cumpre é extensa, sendo primordial um adequado emprego dos meios de comunicações disponíveis. A missão básica da força da vigilância é prover a uma força principal, parada ou em movimento, alerta oportuno sobre as atividades do inimigo.

Fig 8-7. Pelotão de cavalaria mecanizado

8-9. OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. O emprego da cavalaria mecanizada em operações ofensivas será, normalmente, no cumprimento de missões de reconhecimento e de segurança. Entretanto, seus elementos são capazes de engajar-se em operações ofensivas, em determinada parte do dispositivo inimigo que não exija o emprego de forças mais potentes.

b. As ações mais normais da cavalaria mecanizada nas operações ofensivas são:

(1) realizar desbordamentos explorando flancos vulneráveis do inimigo;

(2) aproveitar o êxito; e
(3) perseguir o inimigo, normalmente como força de cerco.

8-10. OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. Defesa em Posição

(1) Nas operações defensivas, os elementos de cavalaria mecanizada serão empregados, particularmente, em missões de segurança. Desta maneira, sua atuação será, inicialmente, na área de segurança.

(2) Na defesa de área, os elementos de cavalaria mecanizada poderão ser empregados:

(a) como força de segurança, mobiliando PAG e PAC da GU ou DE;

(b) em uma zona de ação secundária da área de defesa avançada, com a finalidade de economizar forças; e

(c) como força de reserva. Nas Bda Inf Mtz, o emprego mais adequado do Esqd C Mec neste tipo de operação será como reserva da GU, atuando isolado como uma força blindada leve ou integrando uma FT BIMtz.

(3) Na defesa móvel, a GU de cavalaria mecanizada é apta a atuar como força de fixação para canalizar o inimigo até a região onde se pretende destrui-lo.

b. Movimentos Retrógrados

(1) Ação retardadora - A cavalaria mecanizada, em suas missões de segurança, particularmente, como força de cobertura, freqüentemente estará executando ações retardadoras. Nessas ocasiões, sempre que possível, será reforçada por elementos blindados, a fim de se desengajar do combate em condições favoráveis e para poder infligir ao inimigo um certo retardamento entre as posições.

(2) Retraimento - A cavalaria mecanizada utiliza os mesmos processos e métodos utilizados pela blindada, na execução de um retraimento.

(3) Retirada - O mecanismo e dispositivo de execução de uma retirada pela cavalaria mecanizada são semelhantes aos utilizados pela blindada.

CAPITULO 9

A CAVALARIA PÁRA-QUEDISTA

ARTIGO I

CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

9-1. CARACTERÍSTICAS

a. Generalidades

(1) A cavalaria pára-quedista constitui-se em uma força altamente móvel e potente, capaz de cumprir missões de reconhecimento e segurança e de participar de operações ofensivas e defensivas, como elemento de economia de forças, em proveito da Bda Inf Pqdt.

(2) Participa de operações de assalto aeroterrestre, aerotransportadas ou aeromóveis. (Fig 9-1)

(3) Quando dotada de viaturas não blindadas, deve ser considerada como uma força motorizada. Quando dotada de viaturas blindadas de reconhecimento leve (VBRL), será considerada como uma força blindada leve.

b. São características da cavalaria pára-quedista:

(1) Mobilidade - A cavalaria pára-quedista é 100% móvel. Para o deslocamento estratégico, possui mobilidade comparada a dos meios colocados a sua disposição, podendo ser aerotransportada, lançada por pára-quedas ou deslocar-se utilizando helicópteros. Em combate, sua mobilidade é garantida pela velocidade, raio de ação e capacidade de suas viaturas deslocarem-se através do campo. Na impossibilidade de contar com suas viaturas, sua mobilidade será igual a do homem a pé.

(2) Potência de fogo - Assegurada pela variedade, calibres, cadência de tiro e tipo de trajetória de seu armamento, em grande parte instalado em suas viaturas.

(3) Flexibilidade - A mobilidade através do campo, em estradas e em

caminhos secundários, a instrução peculiar de suas unidades, a versatilidade de sua organização, permitindo composições adequadas a cada situação e o sistema de comunicações de que dispõe possibilitam o emprego da cavalaria pára-quedista em largas frentes e a grandes profundidades. Permitem, também, que suas unidades desengajem-se com facilidade e sejam empregadas, com rapidez, em novas direções.

(4) Proteção blindada - Quando equipada com viaturas blindadas de reconhecimento leves (VBRL), suas guarnições estarão protegidas contra fogos de armas portáteis, fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia e minas antipessoal.

(5) Ação de choque - Resulta da combinação da potência de fogo com o rápido movimento das viaturas blindadas. A ação de choque depende da surpresa obtida pela mobilidade e pelo emprego do armamento das viaturas blindadas, dos fogos de artilharia, de morteiros e da aviação.

(6) Sistema de comunicações amplo e flexível - Permite que o comando execute com presteza o controle e a coordenação em ações de grande profundidade e em extensas frentes, assegurando ligações rápidas e continuadas.

Fig 9-1. Cavalaria pára-quedista

9-2. POSSIBILIDADES

A cavalaria pára-quedista é equipada, instruída e adestrada para ser empregada, prioritariamente, em operações de assalto aeroterrestre, aerotransportadas ou aeromóveis, podendo:

a. participar do estabelecimento de uma cabeça-de-ponte aérea;

b. realizar reconhecimentos de eixo, área e zona em frentes e profundidades compatíveis com os meios à sua disposição;

c. executar missões de segurança, em particular a proteção e a vigilância;

d. realizar ações ofensivas e defensivas limitadas, durante o cumprimento das missões básicas de reconhecimento, segurança e ação retardadora;

e. realizar ligações de combate;

f. atuar como tropa a pé, cumprindo missões de reconhecimento e segurança, com limitações, em proveito da Bda Inf Pqdt, na impossibilidade de dispor de suas viaturas orgânicas (inicialmente ou durante toda a operação); e

g. operar como Força de Proteção da Bda Inf Pqdt, nas operações aeroterrestres, aerotransportadas ou aeromóveis em que o objetivo da GU esteja localizado fora da ZL / ZPH ou quando for necessária a conquista de objetivos fora da cabeça-de-ponte aérea, atuando como vanguarda, flancoguarda ou retaguarda da brigada ou de um de seus elementos de combate.

9-3. LIMITAÇÕES

a. A cavalaria pára-quedista possui as seguintes limitações:

(1) vulnerabilidade aos ataques aéreos;

(2) vulnerabilidade nas fases de lançamento e de reorganização;

(3) dependência das condições climáticas e meteorológicas, para o seu lançamento;

(4) exigência de considerável apoio da FAe, inicial e continuado, quando empregado em Op Aet;

(5) dificuldade para manter por longo prazo o terreno conquistado;

(6) dificuldade de assegurar o sigilo, em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas, quando em deslocamento;

(7) limitada capacidade de durar na ação devido às peculiaridades do apoio logístico; e a

(8) capacidade ofensiva e defensiva reduzida por sua limitada ação de choque.

b. Quando empregada como cavalaria mecanizada, terá, em princípio, as mesmas limitações operacionais daquela.

ARTIGO II

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

9-4. ESQUADRÃO DE CAVALARIA PÁRA-QUEDISTA (Esqd C Pqdt)

O Esqd C Pqdt é orgânico da Bda Inf Pqdt e sua estrutura organizacional enquadra 1 (um) pelotão de comando e apoio e 3 (três) pelotões de cavalaria pára-quedista. (Fig 9-2)

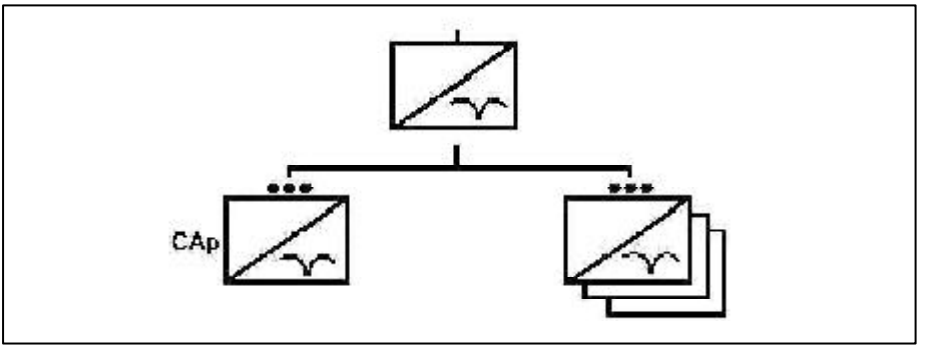


Fig 9-2. Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista

ARTIGO III

EMPREGO NAS OPERAÇÕES

9-5. MISSÃO

A missão básica do Esqd C Pqdt é participar de operações de assalto aeroterrestre, aerotransportada ou aeromóvel, para conquistar e manter objetivos importantes à retaguarda do inimigo, por tempo limitado, realizando operações de reconhecimento e de segurança e operações ofensivas e defensivas como elemento de economia de forças, em proveito da Bda Inf Pqdt.

9-6. EMPREGO NAS OPERAÇÕES

a. O emprego do Esqd C Pqdt em uma operação aeroterrestre ou aerotransportada será realizado com base nas necessidades de reconhecimento e segurança da Bda Inf Pqdt na cabeça-de-ponte aérea (em seu interior ou fora dela). Estas necessidades serão levantadas através do estudo de situação do comando da brigada. Em função deste estudo, será definido qual o escalão do assalto aeroterrestre ou da operação aerotransportada que a subunidade será incluída e qual será o meio a ser utilizado para seu deslocamento até sua zona de ação (lançamento ou aerotransporte).

b. A subunidade deverá integrar o 1º escalão da operação aeroterrestre ou aerotransportada quando a ameaça de blindados inimigos na cabeça-de-ponte aérea for considerável ou, a necessidade de segurança e de informações sobre o inimigo for preponderante para o sucesso da operação.

c. O esquadrão ou seus pelotões deverão ser lançados próximos de sua(s) zona(s) de ação, não necessariamente no interior da cabeça-de-ponte aérea, ou transportados por aeronave e desembarcados em aeródromo sob o controle da brigada.

d. O Esqd C Pqdt é o elemento de combate da Bda Inf Pqdt mais adequado para realizar a busca de informes sobre o inimigo e sobre a região de operações. Poderá executar qualquer dos tipos de reconhecimento. Suas características, organização e instrução a tornam altamente capacitado para estas missões. Normalmente, a subunidade receberá o encargo de reconhecer um eixo principal, podendo receber também, até dois eixos secundários. O emprego descentralizado de seus pelotões não é o mais indicado, pois não permite explorar adequadamente o poder de combate do esquadrão além de dificultar a realização do apoio logístico.

e. A subunidade poderá operar como Força de Proteção da Bda Inf Pqdt, nas operações aeroterrestres, aerotransportadas ou aeromóveis em que o objetivo da GU esteja localizado fora da zona de lançamento (ZL) e zona de pouso de helicóptero (ZPH) ou, quando for necessária a conquista de objetivos fora da cabeça-de-ponte aérea, atuando como vanguarda, flancoguarda ou retaguarda da brigada ou de um de seus elementos de combate.

Fig 9-3. Operação Aeromóvel

f. Por ser organizada e instruída, particularmente, para o desempenho de missões de segurança e de reconhecimento e pelas suas características de mobilidade e de flexibilidade, a cavalaria pára-quedista poderá cumprir missões como força de proteção ou força de vigilância. No cumprimento de missões de força de proteção (F Prot) poderá realizar, com limitações, o retardamento do inimigo ao longo dos eixos que incidem sobre a cabeça de ponte aérea.

g. O emprego da cavalaria pára-quedista em operações ofensivas será realizado, normalmente, no cumprimento de missões de reconhecimento e de segurança ou como elemento de economia de forças, em partes secundárias do dispositivo inimigo.

h. Na defesa da cabeça de ponte aérea o Esqd C Pqdt poderá ser empregado na força de segurança ou integrar a reserva da Bda Inf Pqdt.

CAPITULO 10

A CAVALARIA DE GUARDA

ARTIGO I

CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

10-1. CARACTERÍSTICAS

a. Generalidades

(1) A cavalaria de guarda é empregada, prioritariamente, em operações de Defesa Interna, nas Ações de Defesa Territorial, no Cerimonial Militar e nas missões de Representação da Força Terrestre.

(2) Quando da ativação da estrutura militar de guerra, poderá ser empregada na segurança de áreas de retaguarda de grandes comandos operacionais ou administrativos localizados na zona de combate (ZC) ou zona de administração (Z Adm), na defesa de instalações e de pontos sensíveis, na segurança de vias de circulação, no controle de populações e em apoio às operações de assuntos civis.

(3) A cavalaria de guarda é uma força integrada por elementos motorizados e hipomóveis.

b. Características básicas

(1) Mobilidade - As unidades de cavalaria de guarda possuem mobilidade mista, com elementos hipomóveis e motorizados.

(2) Flexibilidade - A mobilidade através do campo, em estradas e em caminhos secundários, a instrução peculiar de suas unidades, a versatilidade de sua organização, permitindo composições de elementos motorizados e hipomóveis adequadas a cada situação e o sistema de comunicações de que dispõe possibilitam o emprego da cavalaria de guarda em um grande número de missões.

Fig 10-1. Cavalaria de guarda (SEGAR). Patrulhamento hipomóvel

10-2. POSSIBILIDADES

As unidades da cavalaria de guarda podem:

a. realizar a defesa de pontos sensíveis;

b. instalar e operar postos de segurança estáticos;

c. instalar e operar postos de bloqueio e controle de estradas e de vias urbanas;

d. realizar a escolta de comboios, utilizando meios motorizados;

e. realizar o controle de distúrbios civis, empregando elementos a pé e hipomóveis; (Fig 10-2)

f. realizar patrulhamentos hipomóveis e motorizado;

g. participar das ações de segurança de áreas de retaguarda;

h. realizar a segurança de autoridades militares e civis;

i. apoiar as operações de assuntos civis;

j. participar das operações contra forças irregulares;

l. realizar operações de Defesa Interna e ações de Defesa Territorial;

m. participar, como tropa de choque, no restabelecimento da ordem pública;

n. participar de Operações Psicológicas e de Ação Cívico – Social;

o. cumprir missões de escolta e guarda de prisioneiros; e

p. enquadrar até 02 (duas) companhia de guarda ou de guarda territorial.

Fig 10-2. Cavalaria de guarda. Controle de distúrbios civis

10-3. LIMITAÇÕES

A cavalaria de guarda possui as seguintes limitações:

a. suas unidades possuem mobilidade mista, necessitando de apoio de transporte para o emprego de todo o efetivo, simultaneamente, a longas distâncias ou onde não seja indicado o deslocamento hipomóvel;

b. capacidade de emprego em operações ofensivas e defensivas limitada por seu reduzido apoio de fogo orgânico e ação de choque;

c. limitada proteção antiaérea, contra blindados e contra os efeitos de armas químicas, biológicas e nucleares.

ARTIGO II

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

10-4. REGIMENTO DE CAVALARIA DE GUARDA (RCG)

O RCG é orgânico de Comando Militar de Área, podendo ser enquadrado por um Exército de Campanha, FTTOT ou RM/TO. Sua estrutura organizacional enquadra 1 (um) esquadrão de comando e apoio e 04 (quatro) esquadrões de Dragões ou Lanceiros. (Fig 10-3)

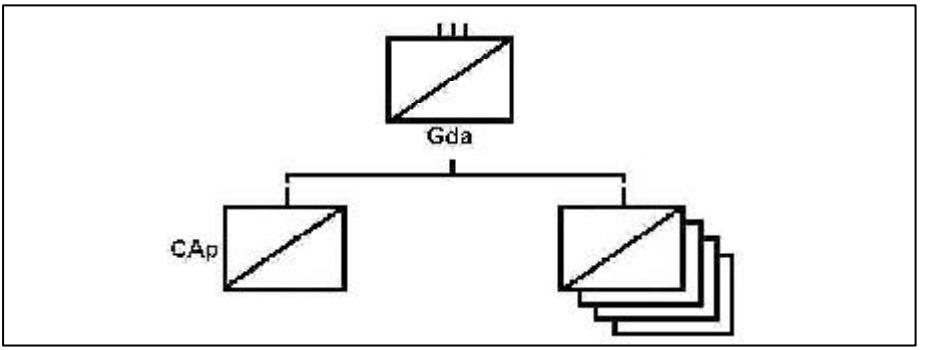


Fig 10-3. Regimento de Cavalaria de Guarda

ARTIGO III

EMPREGO NAS OPERAÇÕES

10-5. OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

a. A cavalaria de guarda, quando empregada na segurança de áreas de retaguarda de grandes comandos operacionais ou administrativos, executará missões semelhantes às executadas nas Operações de Defesa Interna, durante o tempo de paz.

b. Em princípio, sua atuação será concentrada nas localidades e nas vias de circulação, realizando a segurança ou defesa de instalações e de pontos sensíveis, a segurança de vias de circulação, a escolta de comboios, o controle de populações e o controle de distúrbios civis.

10-6. APOIO A OUTRAS OPERAÇÕES

a. As operações de assuntos civis englobam as atividades de Comunicação Social, de Ação Comunitária e de Assuntos de Governo. A cavalaria de guarda, na área de retaguarda em que estiver operando, poderá ser empregada para apoiar as Operações de Assuntos Civis desenvolvidas nessa área.

b. Os RCG e as frações de Infantaria de Guarda e da Guarda Territorial que estiverem sob o seu comando poderão participar dessas operações visando:

(1) prevenir ou impedir a sabotagem, a espionagem, a subversão e a ação de forças irregulares;

(2) apoiar a atividade de comunicação social no campo das relações públicas, das operações psicológicas e das informações públicas;

(3) apoiar ações comunitárias de defesa contra calamidades públicas, de ação cívico social e de defesa civil; e

(4) apoiar operações relacionadas aos assuntos de governo, nas áreas de serviços públicos e atividades especiais.

Fig 10-4. Cavalaria de guarda (SEGAR). Posto de Bloqueio e Controle de Vias Urbanas

ANEXO A

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS NO MANUAL DE CAMPANHA C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA

A

AOC - Área Operacional do Continente
Ap - Apoio

B

BCC - Batalhão de Carros de Combate (1)
Bda - Brigada
Bda Cav - Brigada de Cavalaria (1)
Bda C Bld - Brigada de Cavalaria Blindada
Bda C Mec - Brigada de Cavalaria Mecanizada
Bda Inf Pqdt - Brigada de Infantaria Pára-quedista
Bld - Blindado

C

CAC - Canhão anticarro
Cav - Cavalaria
CC - Carro de combate
Cia Fzo Bld - Companhia de Fuzileiros Blindados
C Rec - Contra-reconhecimento

D

DB - Divisão Blindada (1)
DC - Divisão de Cavalaria (1)
DE - Divisão de Exército
DEFAR - Defesa de Área de Retaguarda

E

EB - Exército Brasileiro
Esqd C Ap - Esquadrão de Comando e Apoio
Esqd CC - Esquadrão de Carros de Combate
Esqd C Mec - Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
Esqd C Sv - Esquadrão de Comando e Serviços (1)
Esqd C Pqdt - Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista
Esqd Fzo Bld - Esquadrão de Fuzileiros Blindados
Esqd Mrt, Mtr e CAC - Esquadrão de Morteiros, Metralhadoras e Canhões Anticarro (1)
Ex Cmp - Exército de Campanha

F

F Cob - Força de Cobertura
F Cob Avçd - Força de Cobertura Avançada
F Prot - Força de Proteção
FT - Força-Tarefa
FT BIB - Força-Tarefa Batalhão de Fuzileiros Blindado
FT RCC - Força-Tarefa Regimento de Carros de Combate
Fzo Bld - Fuzileiro Blindado

G

GC - Grupo de combate
Gp Cmdo - Grupo de comando
Gp Sv - Grupo de serviços
GU - Grande unidade

I

IP - Instruções provisórias

O

Op Aet - Operação Aeroterrestre

P

PAG - Postos Avançados Gerais
Pel Cav - Pelotão de Cavalaria (1)
Pel C Mec - Pelotão de Cavalaria Mecanizado

Q

QBN - Químico, Biológico e Nuclear
QE - Quadro de efetivos
QO - Quadro de organização
QDM - Quadro de dotação de material

R

RC - Regimento de Cavalaria (1)
RCB - Regimento de Cavalaria Blindado
RCC - Regimento de Carros de Combate
RCD - Regimento de Cavalaria Divisionário (1)
RCG - Regimento de Cavalaria Guarda
RCI - Regimento de Cavalaria Independente (1)
RCMec - Regimento de Cavalaria Mecanizado
RCMtz - Regimento de Cavalaria Motorizado (1)
Rec - Reconhecimento

S

SEGAR - Segurança de Área de Retaguarda
SU - Subunidade

T

TO - Teatro de Operações

U

U - Unidade
UNAVEM - Missão de Verificação das Nações Unidas (Angola)

V

VANT - Veículo aéreo não tripulado
VBC,CC - Viatura Blindada de Combate, Carro de Combate
VBE,PC - Viatura Blindada Especial, Posto de Comando
VBE,Soc - Viatura Blindada Especial, Socorro
VBR - Viatura Blindada de Reconhecimento
VBR,L - Viatura Blindada de Reconhecimento, Leve
VBTP - Viatura Blindada de Transporte de Pessoal

Z

Z Adm - Zona de Administração
Z C - Zona de combate
Z L - Zona de lançamento
Z PH - Zona de pouso de helicóptero

OBSERVAÇÃO: (1) Unidade ou fração não existente na atual estrutura da Força Terrestre

ÍNDICE ALFABÉTICO

	Prf	Pag
A		
A cavalaria		
- na defesa de área de retaguarda (DEFAR)	4-8	4-5
- nas operações aeromóveis	6-4	6-2
- nas operações aeroterrestres	6-2	6-1
- nas operações de junção	4-10	4-6
- nas operações em áreas edificadas	6-10	6-6
- nas operações em áreas fortificadas	6-8	6-5
- nas transposições de curso de água obstáculo	6-6	6-4
A doutrina delta	1-4	1-4
A guerra de movimento	1-5	1-4
Acolhimento	4-6	4-4
Apoio a outras operações	10-6	10-4
B		
Brigada de cavalaria		
- blindada	7-4	7-5
- mecanizada	8-4	8-4
C		
Características		
- (A Cavalaria Blindada)	7-1	7-1
- (A Cavalaria de Guarda)	10-1	10-1
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-1	8-1
- (A Cavalaria Pára-quedista)	9-1	9-1
- básicas e propriedades gerais	2-4	2-21

	Prf	Pag
Conceituação		
- Reconhecimento	3-2	3-2
- Segurança	3-4	3-4
Considerações		
- básicas	1-2	1-1
- iniciais (Ações comuns às operações básicas e operações complementares)	4-1	4-1
- iniciais (Missões da Cavalaria)	3-1	3-1
Contra-reconhecimento	3-8	3-6

D

Defesa em posição	3-14	3-12
Durante a batalha	2-7	2-26

E

Emprego		
- antes da batalha	2-6	2-24
- da Cavalaria em regiões contaminadas com agentes QBN	5-10	5-10
- da Cavalaria nas operações em regiões de serras e terrenos montanhosos	5-3	5-3
- da Cavalaria nas regiões de selva e de matas densas	5-6	5-5
- nas operações	9-6	9-4
Esquadrão de cavalaria		
- mecanizado	8-6	8-6
- pára-quedista	9-4	9-3
Evolução histórica da arma	2-1	2-1

F

Finalidade (Introdução)	1-1	1-1
Forças de segurança	3-6	3-5
Formas de manobra tática ofensiva	3-11	3-9
Fundamentos das operações de segurança	3-7	3-6

G

Generalidades		
- Bases de organização da Cavalaria	2-8	2-27
- Concepção de emprego da Cavalaria	2-5	2-23
- Emprego nas operações	7-7	7-7
- Fundamentos do emprego da Cavalaria	2-2	2-18
- Junção	4-9	4-6

	Prf	Pag
- Operações aeromóveis	6-3	6-2
- Operações aeroterrestres	6-1	6-1
- Operações anfíbias	6-11	6-7
- Operações de transposição de cursos de água	6-5	6-3
- Operações defensivas	3-13	3-12
- Operações em áreas edificadas (localidades)	6-9	6-6
- Operações em áreas fortificadas	6-7	6-5
- Operações em regiões contaminadas com agentes químicos, biológicos e nucleares (QBN)	5-9	5-8
- Operações em regiões de mata densa e de selva	5-4	5-3
- Operações em regiões de serras e terrenos montanhosos	5-2	5-2
- Operações na caatinga	5-7	5-7
- Operações ofensivas	3-9	3-7
- (Operações sob condições especiais de ambiente)	5-1	5-1
- Segurança de área de retaguarda	4-7	4-4
- Substituição em posição, ultrapassagem e acolhimento	4-3	4-2
- Vigilância de combate	4-2	4-1
Glossário de abreviaturas e siglas		A-1
Graus de segurança	3-5	3-4

I

Influência do meio ambiente no combate nas regiões de selvas	5-5	5-4

L

Limitações		
- (A Cavalaria Blindada)	7-3	7-4
- (A Cavalaria de Guarda)	10-3	10-3
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-3	8-3
- (A Cavalaria Pára-quedista)	9-3	9-3

M

Missão (A Cavalaria Pára-quedista)	9-5	9-4
Movimentos retrógrados	3-15	3-13

O

O combate moderno	1-3	1-3
Operações		
- da Cavalaria em regiões de caatinga	5-8	5-7
- de segurança	10-5	10-4

	Prf	Pag
Operações defensivas		
- (A Cavalaria Blindada)	7-11	7-10
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-10	8-9
Operações ofensivas		
- (A Cavalaria Blindada)	7-10	7-8
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-9	8-8
Organização da Cavalaria	2-9	2-27
Outras ações ofensivas	3-12	3-10

P

Possibilidades		
- (A Cavalaria Blindada)	7-2	7-3
- (A Cavalaria de Guarda)	10-2	10-2
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-2	8-2
- (A Cavalaria Pára-quedista)	9-2	9-2
Princípios de guerra	2-3	2-19

R

Reconhecimento		
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-7	8-7
- (A Cavalaria Blindada)	7-8	7-8
Regimento		
- de carros de combate	7-5	7-5
- de cavalaria blindado	7-6	7-6
- de cavalaria de guarda	10-4	10-3
- de cavalaria mecanizado	8-5	8-5

S

Segurança		
- (A Cavalaria Blindada)	7-9	7-8
- (A Cavalaria Mecanizada)	8-8	8-7
Substituição em posição	4-4	4-3

T

Tipos		
- de operações ofensivas	3-10	3-7
- de reconhecimento	3-3	3-2

U

Ultrapassagem	4-5	4-3

DISTRIBUIÇÃO

1. ÓRGÃOS

Ministério da Defesa	02
Gabinete do Comandante do Exército	01
Estado-Maior do Exército	15
DGP, DEP, DMB, DEC, DGS, SEF, SCT, STI	01
DEE, DFA, DEPA, CTEx	02
SGEx, CIE, C Com SEx	01

2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

COTer	08
Comando Militar de Área	02
Região Militar	01
Divisão de Exército	02
Brigada de Cavalaria	04
Brigada de Infantaria	01
Brigada de Artilharia Antiaérea	01
Artilharia Divisionária	01
COMAvEx	01

3. UNIDADES

Infantaria	01
Cavalaria	10
Artilharia	01
Engenharia	01
Comunicações	01
Logística	01
Forças Especiais	01
Fronteira	01

Guarda - Cav 10
Aviação 01

4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Cavalaria 05
Engenharia 01
Comunicações 01
Defesa QBN 01
Pel C Mec 01

5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

ECEME 100
EsAO 100
AMAN 100
EsSA 150
CPOR - Cav 20
NPOR - Cav 10
EsSE, EsCom, EsACosAAe, EsIE, CIGS, EsMB, CI Av Ex, CIGE, EsPCEx 01
EsAS 50

6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

ADIEx/Paraguai 01
Arq Ex 02
Asse Instr Academia de Guerra do Equador 01
Asse Es Politécnica Ex do Equador 01
Assessor Mil Academia WEST POINT/EUA 01
Bibliex 02
C Doc Ex 01
C F N 01
EAO (FAB) 01
ECEMAR 01
Es G N 01
E M Aer 01
E M A 01
O Lig ECEME/EUA 01
Arquivo Histórico do Exército 01

Este Manual foi elaborado com base em anteprojeto apresentado pela 3ª Subchefia do Estado-Maior do Exército.